

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

REDACTOR-SECRETARIO: SERGIO MILLIET

SUMMARIO

O MOMENTO	P. P.	97
A POSSE E A DEFEZA DO HABITAT BRASILEIRO . .	Haddoch Lobo	100
O CRIME DO MOÇO VERDE .	Julio Cesar da Silva . .	114
O VENTO	Luiz Aranha	121
VIVER	Alcides Flavio	123
O ABACAXI	A. C. Couto de Barros . .	126
A EVOLUÇÃO DO ENSINO PRI- MARIO NO BRASIL . . .	Oswaldo Orico	130
O EXCOMMUNGADO	João Pinheiro	135
CAPITULO DE UMA BIOGRA- PHIA PERDIDA DE CAXIAS.	Eudoro Berlink	140
O FUTURO DOS POVOS . .	Villar Belmonte	151

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES
E PESQUIZAS — CURIOSIDADES — AS
CARICATURAS DO MEZ

S. PAULO —
MONTEIRO LOBATO & Co. — EDITORES
RUA VICTORIA, 47 — CAIXA, 2-B

REVISTA DO BRASIL - RUA VICTORIA, 47 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO Teleph. 6278
 Cídade, 6278
 ASSIGNATURAS: — ANNO 20\$000. EXTRANJEIRO — 25\$000. NUMERO AVULSO — 1\$800
 Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario: SERGIO MILLIET

Ultimas Edições da Casa **Monteiro Lobato & C.**

III

O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, contos de Monteiro Lobato	Broch.	4\$000
ATRAVEZ DA EUROPA, de Afonso Lopes de Almeida	Broch. Em papel fôfo	5\$000
	Em papel jornal	3\$000
FACUNDO, de Sarmiento	Broch. Em fôfo	5\$000
	Em jornal	3\$000
DENTE DE OURO, de Menotti Del Picchia. Broch.		4\$000
MEMORIAS DE UM RECRUTA, de Oswaldo Barroso	Broch. Em fôfo	4\$000
	Em jornal	2\$500
NOS CAMINHOS DO NAZARENO, do Padre Heliodoro Pires	Broch.	5\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, de F. J. Oliveira Vianna	Broch.	8\$000
JOAQUIM NABUCO e MACHADO DE ASSIS, de Graça Aranha	Broch.	10\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens	Broch.	3\$000
RITINHA, contos de Léo Vaz	Broch.	4\$000
SAPEZAES E TIGUERAS, contos de Amando Caiuby	Broch.	4\$000
A MEZA E A SOBREMEZA, de Rosaura Lins. Enc.		7\$000
JUCA MULATO, (4. ^a edição) de Menotti del Picchia	Broch.	3\$000
O PRINCIPE FELIZ, de Oscar Wilde, trad. de Rosalina C. Lisboa	Broch.	3\$000
A CURA DA FEALDADE, do Dr. Renato Kehl Enc.		20\$000
AMOR IMMORTAL, de J. A. Nogueira	Broch.	5\$000
O DRAMA DAS COXILHAS, de Roque Callage	Broch.	4\$000
CARTAS DE UM CHINEZ, de Simão de Mantua	Broch.	5\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, do Visconde de Taunay	Broch.	5\$000
O PADRE EUZEBIO, de Antonio Celestino. Broch.		4\$000
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, por João Leda, br.		5\$000
DISSE, por Altino Arantes, edição do Gremio XI de Agosto, br.		8\$000
ENCYCLOPEDIA JURIDICA, por Laudelino Baptista, br.		5\$000

Pedidos a Rua Victoria, 47 - Caixa, 2-B - S. PAULO

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES

RUA LIBERO BADARO', 169

S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

Papel,
materiaes
para
construcção,
aço,
ferro,
Cimento
"2 Bandeiras"
e "Bandeira
Sueca".

Regina Hotel

Endereço Telegraphico: "REGINA,,

Largo de S. Ephigenia, 8 ☞ SÃO PAULO

Este novo hotel offerece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejavel. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possui *elevadores, rêde telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamente escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietarios, Srs.

Angelo Gabrilli & Filhos

Revista da Sociedade de Educação

deve ser lida por todos que se interessarem pelo assumpto didactico.

Redactores :

Dr. A. Almeida Junior

Prof. Léo Vaz

Prof. Brenno Ferraz do Amaral

Dr. Haddock Lobo Filho

Prof. Pedro de Alcantara Machado

Editores : MONTEIRO LOBATO & Co.

Aos assignantes serão enviados os numeros já publicados.

Assignatura annual 12\$000

LOTERIA DE S. PAULO

26 de Fevereiro

Terça-feira

25:000\$000

POR 1\$600

Os Bilhetes já se acham à venda em
_____ toda a parte. _____

Canto e Mello

*o festejado romancista que com tão bellas
obras tem enriquecido as letras patrias
acaba de publicar um novo romance*

“Recordações”

*que merece ser lido por todas as pessoas
de bom gosto.*

Pedidos a **MONTEIRO LOBATO & C.**

EDITORES - S. PAULO

"REVISTA DE FILOGIA PORTUGUESA"

Director: **SÍLVIO DE ALMEIDA**

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL:

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS	32\$000
NUMERO AVULSO	3\$000

Pedidos á

NOVA ERA, Empresa Editôra

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 3.º andar, sala 20

Telephone: Central 1681 — S. PAULO

REVISTA

DO

BRASIL

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

REDACTOR

SECRETARIO:

SERGIO MILLIET.

O MOMENTO

O MOMENTO é de completo optimismo. Succedeo inesperadamente a um turvo periodo de duvida e desanimo. Neste gyro alternado de luz e sombra se desenrola a evolução historica do paiz.

Nunca se vio mais violenta mutação que a deste começo de anno novo. Ao findar 1923, estavamos ainda em plena convalescença da "era das iniciativas" inaugurada por um governo perdulario e magalomaniaco. Situação financeira, das peiores, destas que prenunciam a fallencia proxima; situação politica, perturbada por varios "casos", e mais que tudo pela guerra civil que assolava o Sul; situação economica, incerta e artificial, em que a sorte do nosso principal producto ainda é um mundo de incertezas. O Brasil, como dizia um Governador do seculo XVII, estava realmente "com a candeia nas mãos, e com

poucas ou nem umas esperanças de remédio...".

Como num scenario de magica, a transformação foi rapida e prevista.

A chegada de alguns "chartered accountants" enviados pela City deo ao cambio o elemento de resistencia que nos falhava de todo. As taxas subiram por sentimentalismo, como se batessem palmas á missão salvadora. A politica, habituada ao masochismo que lhe incutira o chicote hysterico do tyrannete. obedece com volupia ao punho de ferro, paciente e teimoso, do novo chefe, e rumina quietamente, com os seus partidos sem programas, ou com os seus programmas sem partidos... Só o café num amúo desconfiado, muito da sua provincia, desce um pouco das alturas vertiginosas dos cincoenta mil reis livres por arroba.

O que ia, porem, muito mal, vae hoje muito bem.

Gozemos, boracianamente, do momento fugidio. Não indaguemos das causas desse rythmo das vaccas gordas e das vaccas magras. A sabedoria manda que se matem sem demora as vaccas gcrdas, e guardemos os dentes afiados para as tristezas coriceas do rebanho sinistro que ahi virá no seu trote esqueletico.

Ao morrer o velho Pierpont Morgan — o avô — deixou aos filhos que o cercavam o conselho, para enriquecer, de serem sempre optimistas nos Estados Unidos. Com esse programma se constituiu e se desenvolveo uma das grandes fortunas do mundo.

Esta tambem é a terra do optimismo.

Aqui nada valem as reservas e as objecções do Bom Senso, da Razão, da Prudencia; contra tudo e contra todos vence sempre o Inesperado, o Imprevisto, o Desarrazoado e o Absurdo. Já o dissera, numa das suas cartas andradinas, o Patriarcha: "neste paiz a esphera do possivel é muito maior que a do real" . . .

Sejamos, pois, optimistas, e, por seus caprichos, rendamos graças ao Deus brasileiro.

P. P.





A POSSE E A DEFEZA DO HABITAT BRASILEIRO

A 1.º de Maio de 1500, Pedro Alvares Cabral, chantando em Porto Seguro a cruz com as armas e as divisas do rei de Portugal, tomou implicitamente para este, posse daquillo que o capitão-mór suppunha ser a Ilha de Vera Cruz.

Entretanto, a posse não passou de nominal, e Vera Cruz não era uma ilha.

Bem o verificou o commandante da Armada, que para Calicut seguiu em 1500, quando, ao rumar nessa direcção, percorreu, “sem lhe achar fim”, mais de 500 leguas de costa, ao sul de Porto Seguro.

Nenhuma duvida o teve o capitão do navio de mantimentos, portador da nova do descobrimento ao Felicissimo Rei, costeando elle tambem, quasi talvez até Pernambuco, o nosso litoral.

Disso resultou que D. Manuel, ao communicar com grande alegria ás differentes potencias europeas, e especialmente aos reis de Castella, seus parentes, o achado milagroso da nova região, já o fazia declarando que seus mareantes haviam encontrado a “Terra de Vera Cruz”, ou a “Terra de Santa Cruz”, nome que dentro em pouco substituiu o primeiro, para logo, durante um periodo pequeno, ser transformado no de “Terra dos Papagaios” e, finalmente, no de “Terra do Brasil”, ou, mais simplesmente “Brasil”, como em pouco ficou, e para sempre, averbado o nome da nossa terra.

Ora, si Cabral havia tido esse engano ao suppor que a região a que aportára era uma ilha, por sua vez a posse que elle tomou

dessa mesma região, só muitos annos depois — e não se espantem, senhoras e senhores — só mais de cem annos depois teve uma real effectivação, desde que se entenda por posse o estabelecimento regular de povoações que tornem patente, visível, peremptoria, inilludível a occupação de uma certa zona.

E' exactamente o porque dessa demora no apossamento do nosso litoral, primitivo e unico *habitat* dos Portuguezes quasi até o seculo XVIII, são exactamente as difficuldades havidas no apossamento dessa vasta faixa, que eu devo explicar hoje á illustre e — permittam-me — elegantissima assembléa que me ouve.

Logo que D. Manuel recebeu a nova do achamento da Terra de Vera Cruz, mandou uma expedição com o intuito de reconhecer não só a extensão della, de que tinha noticia não ser pequena, por aquelle mesmo navio portador da grata noticia, como principalmente para saber si nella se encontravam os elementos que eram a razão mesma de ser das expedições maritimas de Portugal, isto é, coisas que valessem para o commercio e principalmente para o commercio das especiarias, da seda, das gemmas preciosas, características do Oriente.

A expedição veio no anno seguinte ao do descobrimento e nella tomou parte quem a devia historiar, o famoso e ainda hoje discutido Amerigo Vespucci, celebre florentino que pouco antes chegára a Portugal e logo se puzera ao mar em companhia dos "Cavalleiros do Oceano".

A presença de Vespucci na primeira expedição que explorou o nosso litoral liga-se áquella intromissão de que falei na conferencia passada, relativa á parte que mercadores notaveis, oriundos da Peninsula Italica, e especialmente o Bartholo Florentino — Bartholomeu Marchioni — tinham em todos os negocios relativos ao commercio do Oriente.

O que é certo é que Vespucci nos conta haverem os da primeira expedição percorrido longa extensão do litoral, do Cabo S. Roque até o Cabo de Santa Martha, na actual Santa Catharina, baptizando os differentes pontos, os differentes indices geographicos, — angras, cabos, bahias e rios — com os nomes de santos do calendario, nomes muitos dos quaes ainda se acham em vigor — S. Roque, S. Francisco, S. Miguel, Todos os Santos, S. Sebastião, S. Vicente, etc.

A expedição não provou bem. Não se acharam "coisas de alto proveito" — grandes praias, grandes arvoredos, uma vegetação exuberante, fauna e flora de primeira ordem, muitos papagaios, mas nem ouro, nem prata, nem seda, nem especiarias.

"Non si trovano cose di alto profitto".

Que fez o rei de Portugal, em vista desse desengano?

Arrendou a terra e o arrendamento foi effectuado por certos christãos novos, á frente dos quaes se encontrava um Fernando de Noronha. Seria o descobridor da ilha do mesmo nome? Talvez não, porque este era cavalleiro fidalgo, e um christão novo, senhoras e senhores, um antigo judeu, não era guindado á Cavallaria naquella éra tão facilmente como agora.

Pouco importa, entretanto. O facto é que por tres annos a terra foi arrendada para a exploração do *páo brasil*, unica riqueza que com a canna fistula havia impressionado os navegantes da primeira expedição, e por tres annos esses christãos novos ficaram senhores da terra, com obrigação de mandar-lhe todos os annos uma expedição, de fundar uma fortaleza durante o triennio e explorar 300 leguas de costa annualmente, pagando apenas no segundo anno um sexto e no ultimo um quarto. O negocio era vantajoso. O páo brasil custava-lhes, transportado a Lisboa, um ducado e meio, e era vendido em Flandres a 3 e 3 e meio. E tão vantajoso era o negocio que o arrendamento foi renovado, pelo menos presume-se, porque, por cerca de dez annos, Fernando de Noronha e seus socios, entre os quaes sem duvida estava Marchioni, continuaram o trato do páo brasil.

Passado esse tempo, a terra em verdade ficou para quem quizesse vir a ella, desde que pagasse em Portugal os direitos alfandegarios. Ha um documento de 1510, singularmente datado de Palermo, na Italia, em que se annuncia que o rei de Portugal ia deixar a nova região do Brasil aberta a quem quizesse vir explorar o páo brasil, satisfeitas as condições de que ha pouco falei.

Resulta, pois, que a nossa patria se encontrou sinão em inteiro abandono, ao menos esquecida, do que se conclue não se haver logo effectivado a posse nominalmente tomada por Cabral em 1500.

E' certo que o capitão-mór da Armada, que ia completar a obra do Gama, deixou em Porto Seguro gente branca, dois degredados e dois grumetes que fugiram dos navios na noite que precedeu o dia da partida. Foram esses os primeiros que puzeram em contacto com a Barbaria a Civilização trazida das velhas plagas européas. Um desses degredados voltou mais tarde a Portugal e dos outros nunca mais se ouviu falar.

O abandono continuou até que circumstancias surgiram, capazes de modificar a orientação do governo portuguez. Depois de 1521, quando o Venturoso desapareceu e lhe succedeu na Corôa D. João III, é que as coisas tomaram nova direcção e se começou a olhar mais cuidadosamente para a terra do Brasil.

Por esse tempo já a idéa de que essa zona a que Cabral aportára não fazia parte das Indias, e antes pertencia a um con-

tinente em absoluto separado do extremo Oriente, era uma idéa vencedora. Para tanto haviam concorrido dois factores positivos.

Em 1512, Vasco Nuñez de Balboa, o atrevido aventureiro hespanhol, symbolo daquelles caracteristicos "Conquistadores" immortalizados por Herédia, do alto da montanha que coroava o isthmo do Panamá, avistou o grande Mar do Sul, que era o Oceano Pacifico, largo intermediario entre a America e a Asia.

Em 1522, Sebastian del Cano completava a famosa viagem de circumnavegação que Fernando de Magalhães iniciára e João Lopes de Carvalho, o piloto da não Bretôa, continuára até ser substituído pelo navegante hespanhol.

Desde então nenhuma duvida mais restou no espirito de quem quer que fosse sobre ser a America um continente, e um continente unido desde os gelos do Norte até os gelos do Sul.

De outro lado, si os Portuguezes haviam descurado, porque não lhes convinha ou porque outros interesses mais altos lhes chamavam a attenção para as bandas da Asia, a terra de Santa Cruz, os Francezes, ao envez, desde 1504, começavam, de mais em mais frequentemente, a visitar os nossos portos e as nossas angras, a travar relações com os habitantes indigenas do paiz, a crear aqui e ali postos, onde por vezes deixavam seus compatriotas, para que tempos depois pudessem servir de *linguas*, quero dizer interpretes, aos que viessem explorar de novo o fructifero commercio.

Essas repetidas incursões, as relações de amizade com os selvícolas, já tinham dado motivo a numerosas reclamações e intervenções diplomaticas, a questões que não se findavam entre as chancellarias de Lisboa e de Pariz, e eram bastantes para que se despertasse no animo do governo portuguez o pensamento de valer aquella terra alguma coisa, para ser tão procurada por homens de espirito pratico e positivo, como os de França.

Si juntarmos a esse factor o da certeza da continentalidade da America, e logo posteriormente o dos descobrimentos de ouro e de prata, amontoados pela Civilisação dos Incas para as bandas do Pacifico, escamoteados pelos Almagros e Pizarros, comprehenderemos nitidamente porque só depois de 1521 Portugal se lembrou de que possuia um magnifico torrão, a régia dadiva que Deus lhe concedêra.

Mas não se imagine que as providencias para o apposseamento, que já implicava uma defesa, dessa esplendida região, foram logo iniciadas. Duvidas e vacillações nos melhores methodos para colonizar a terra, unico meio efficaz de a defender contra extrangeiros, iam retardar a effectivação da posse, de dia para dia mais necessaria e mais urgente, não só pelas continuas ameaças francezas, como ainda mais porque ella bem podia conter, e de facto

continha, mais ouro que o de Cuzco e talvez mais prata que a de Potosi. Quando mesmo os dois preciosos metaes não existissem no Brasil, este era seguramente o caminho certo e quiçá curto do Atlantico ao Pacifico.

Só em fins de 1530 (e eu peço que se preste bem attenção a esta data), só em fins de 1530 D. João enviou uma expedição, no intuito de fixar na nossa terra os primeiros nucleos coloniaes que ella teve. Até esse momento tinham vegetado aqui e ali feitorias isoladas, de ephemera duração, verdadeiros acampamentos cercados á maneira indigena, com meia duzia de homens, si é que essas feitorias existiram com effeito, ao longo da grande costa já conhecida.

E' verdade que se tentou o ridiculo systema das esquadrilhas guarda-costas, uma especie de jogo de cabra-cega: quando os Francezes, no Sul, sabiam que a esquadilha se approximava, iam para o Norte, e vice-versa.

Martim Affonso de Souza, o chefe da frota colonizadora que em principios de 1531 tocou primeiro em Pernambuco, funda afinal S. Vicente e Santo André da Borda do Campo. Foram estas as duas primeiras povoações merecendo verdadeiramente este nome, que houve no Brasil, convindo accrescentar que Santo André já existia com aquella mamalucada que João Ramalho, tão bem para a nossa terra, havia feito proliferar.

E porque era veso do systema luzitano, veso que certamente passou intacto para nós — a mania das reformas, antes mesmo que se obtivessem os resultados da medida anterior — mal acabava Martim Affonso de fundar esses dois nucleos e já D. João III, cedendo ás instancias do Conde de Castanheira, seu vedor da fazenda, e que por sua vez escutára as notaveis razões daquelle Diogo de Gouvêa, sabio de grande merito que Pariz e Bordeaux haviam honrado, mudava de parecer e instituia o famoso regimen das Capitánias hereditarias. Era uma applicação do systema feudal ás terras ignotas do Brasil. Gouvêa, que o tinha visto practicado e com proveito na Madeira e nos Açores, entendia que o mesmo resultado seria facil de obter na possessão ultramarina. Illusão de sabio... Nem o systema, pela sua essencia, se adaptava á terra em que ia ser posto em vigor, nem os donatarios, senhores feudaes aos quaes o rei cedeu poderes magestáticos, tiveram capacidade ou possibilidade de levar a cabo os seus designios. O systema fracassou.

Aqui e ali capitánias prosperavam — Pernambuco, S. Vicente. Porque? Porque em uma como em outra não appareceram, sobretudo em Pernambuco, os inconvenientes maximos que se oppunham á consecução do plano feudal. Em Pernambuco, o donatario Duarte Coelho Pereira, homem de grande valor, pro-

vado em numerosas lides maritimas, para a sua capitania se transportou com toda a familia, inclusive a nobre esposa D. Brites de Albuquerque, de cujo irmão proveiu essa extensa e afamada pro genie dos Albuquerque Cavalcanti, nomes que se juntaram pelo casamento de Felippo Cavalcanti, fidalgo florentino, com uma filha desse mesmo Jeronymo. Ali chegado, o fundador de Olinda soube captar os animos dos indigenas, e não tendo a opposição delles, antes conservando-os por alliados, creou logo engenhos de assucar, mandou vir bois e outros animaes domesticos das ilhas do Atlantico, e em breve a capitania tomava tanto vulto que a sua capital se tornava quasi — permitta-se-me a expressão — uma cidade á européa.

Em S. Vicente circumstancias especiaes determinaram que Martim Affonso de Souza encontrasse, ao menos na zona litoranea todas as felicidades para a installação do seu nucleo. Os Tupiniquins habitavam essa parte do litoral e eram amigos de Antonio Rodrigues e de João Ramalho, os dois grandes typos de povoadores do Sul, como Caramurú o foi das regiões bahianas. Por intermedio desses dois Portuguezes, ha longo tempo vindos — degregados, naufragos, aventureiros, nada disso vem ao caso — e estabelecidos na terra, alliados com os indigenas, por intermedio delles facilmente se tomou posse daquellas terras e facilmente se estabeleceu para cima da serra a atalaia avançada da Civilisação, que foi Santo André, de onde mais tarde devia nascer, ainda que contra a vontade do mesmo Santo André, S. Paulo de Piratininga.

Nas outras capitancias, salvo tres ou quatro que tiveram uma prosperidade ephemera, a colonização se mallogrou de todo ou definhou de prompto.

Ora, cada vez mais era preciso não abandonar a terra, cada vez mais as circumstancias que haviam forçado Portugal a se occupar do Brasil se tornavam prementes.

Já cerca de 1545 ninguem mais podia duvidar não só da continentalidade da America, como de que era uniforme a terra do Pacifico ao Atlantico, ou ninguem mais podia duvidar de que pelo Brasil se chegaria ao Perú. Ahi estava a viagem de Orellana, o famoso hespanhol inventor das Amazonas, para o attestar, e tanto assim o entendeu D. João III, que antes mesmo que todo o mallogro do systema das capitancias se fizesse sentir, modificou a sua orientação e estabeleceu o Governo Geral com Thomé de Souza, em fins de 1548, governo que se effectivou em 1549, com a chegada do portuguez illustre á Bahia... "Sic illa ad arcem reversa est".

Com Thomé de Souza vieram os que deviam sinão tornar effectiva a posse da já então cubiçadissima terra, ao menos os

que deviam ser os unicos e os verdadeiros mantenedores da Civilisação na ignota, para ella, zona a que a haviam transportado.

Eu quero dizer, senhores, não se dever cuidar que todos esses esforços administrativos ou guerreiros teriam conseguido fixar em nossas plagas a Civilisação, si ella não tivesse tido por sustentáculos, nesses primeiros e tão difficeis tempos, aquella leva immortal de abnegados, os consolidadores desse mesmo progresso, dessa mesma luz que tão difficilmente penetrava nas nossas selvas.

Está sobejamente visto que eu me refiro aos jesuitas. E não lhes preciso dizer que não existe em mim nenhum preconceito de sectarismo capaz de inhibir o juizo claro, o juizo seguro o juizo definitivo que formo ácerca da importancia desses missionarios da Religião Catholica em relação ás coisas do nosso paiz. Cada vez mais me convenço de que quaesquer que sejam os defeitos, os erros e até os crimes que lhe possam ser attribuidos alhures, em relação ao Brasil, os serviços da Sociedade de Jesus são tão notaveis que seria flagrante injustiça, sinão grande erro, olvidal-os numa synthetica explicação da nossa Historia.

Mais do que obraram pela colonização, pela catechese, pela instrucção, deve ser exaltado o que fizeram pela Moral. João Ribeiro, aliás, já o disse, que elles foram as sentinellas irremoviveis desse principio absoluto, unico em que se pode basear uma verdadeira Civilisação. Nunca transigiram com a immoralidade, o despudor, a ganancia, o interesse sordido e mesquinho, tudo que caracterizava uma sociedade nascente, feita de aventureiros e degredados, de homens de toda a especie, que vinham expressamente buscar no paiz novo, sinão a riqueza, ao menos o esquecimento de antigos e duros crimes. Nobrega, clamando ás portas dos sacerdotes que viviam mal, e gritando que Christo ali dentro estava sendo crucificado outra vez, era de uma audacia inominavel, senhores, porque só a certeza da sua grande auctoridade moral podia fazer com que esse verdadeiro apostolo não tivesse receio de se atirar tão impunemente contra o que era a norma do viver de então.

Sim, porque uma vez ainda é preciso que eu repita, a Civilisação teria retornado á Barbaria... Esses primeiros colonos vindos de Portugal, tentados por tudo quanto havia de bom, de facil, de attrahente na natureza virgem, na vida livre, dissoluta dos selvagens, com elles evidentemente se teriam amalgamado si, para os conter, a palavra, a acção e o exemplo dos jesuitas não estivessem alertas.

Nobrega, Anchieta, Aspilcueta Navarro, Leonardo Nunes, os que batalharam com ardor e coragem inaudita, para os manter na Fé, unica capaz de garantir os dominios, ainda que maltrata-

dos e malbaratados, das leis e da Civilização — toda essa pleiade de homens — porque não dizer santos? — deve ficar na nossa Historia como um exemplo, e mais do que como um exemplo, deve ficar como sendo os typos dos que impediram que pelo menos a Civilização não se retardasse na sua marcha ascendente desde que se estabeleceu no Brasil.

Mas, não obstante os esforços do governo portuguez, mau grado o apaziguamento gradual que por intermedio desses jesuitas se ia fazendo da ira indigena, ainda assim as povoações custavam a nascer no nosso litoral.

Em 1560, mais de meio seculo após o descobrimento, Olinda e mais algumas povoações de Pernambuco, a cidade do Salvador, o Reconcavo, que se começava a povoar, Ilhéos, Porto Seguro, Victoria, decadentes, S. Vicente, S. Paulo de Piratininga, Cananéa, eram os marcos do trabalho e do esforço de tantos annos. Aliás, não foi simplesmente a operosidade dos luzitanos que conseguiu, ainda que tardiamente, esse aposseamento litoral em fóra. Por um lado, a necessidade politica de não admittir que os francezes insistentemente continuassem a vir ás nossas plagas, por outro, e mais forte do que o empenho portuguez, o empenho religioso dos jesuitas, determinaram o ultimar da colonização, sobretudo na zona sul desse mesmo litoral. Entendamo-nos: os Francezes, habituados desde longe a vir ao Brasil, bem tratados, bem comprehendidos pelos tupis do litoral, que os amavam, ao contrario do sentimento que dedicavam aos Portuguezes e que com justiça era o de odio, — os Francezes tinham resolvido por fim estabelecer em uma das magnificas bahias das nossas costas mais do que simples feitorias, uma verdadeira colonia. Foi essa a tentativa de Villegagnon, em 1555, na qual entrava o pensamento de estabelecer em terra virgem, livre de preconceitos e tradições, aquelle nucleo de protestantes — calvinistas, huguenotes — vivendo mal em França, sujeitos ás modificações dos caprichos reaes, sempre periclitantes, mas querendo conservar intacta a nova fé. Villegagnon realizou facilmente o seu intento, fundando o forte Coligny na ilha chamada pelos indigenas Sirigipe.

Annos se passaram antes que Portugal conseguisse definitivamente expulsar os Francezes, aliás bem poucos, desse estabelecimento que elles haviam cognominado "França Antarctica". Só a tenacidade dos jesuitas. Só o ardor de Nobrega e de Anchieta, presentes um e outro ás duas grandes expedições realizadas em 1560 e 1567, para exterminar os hereges, que o eram para elles, só os esforços desses jesuitas, nas ilhargas de Men de Sá, por assim dizer, o acoroçoando sempre, o espicaçando, fazendo com que o Governador não se esquecesse do dever primordial de varrer da nova terra o que elles qualificavam de *lepra*, — só

esses esforços fizeram com que afinal a colonização se estabelecesse no Rio de Janeiro com a fundação de S. Sebastião.

Ninguém se illuda quanto á importancia do perseverar desses representantes da crença romana no resultado para nós tão notavel da fixação dos Portuguezes da nossa futura capital. E porque não bastassem esses inolvidaveis serviços, é ainda a influencia religiosa que vae contribuir para que a colonização avance para o Norte, isto é, para que, successivamente vencida a resistencia dos indigenas, sempre apoiada ou sempre protegida pelos Francezes, se fossem abrindo pelos Portuguezes os primeiros nucleos além de Pernambuco.

As datas que passo a citar o attestam eloquentemente.

A conquista da Parahyba é de 1585. E não se entenda pela palavra conquista um aposseamento integral, e apenas o estabelecimento do primeiro nucleo, o fortim, em torno do qual, como centro, se foram erguendo os *tejupares* dos indigenas domesticados ou escravizados, e as primeiras fazendas. No Rio Grande do Norte, a fundação do forte dos Tres Reis Magos, de onde devia surgir Natal, é de 1597. Fortaleza, creada por Martim Soares Moreno, o heroe de "Iracema," de Alencar, é de 1610. Camocim, de 1613, S. Luiz do Maranhão, de 1615. Belém do Pará, de 1616.

Ora, vê-se bem que se haviam passado mais de cem annos para a effectivação do *habitat* portuguez no litoral, pelos successivos nucleos de colonização estabelecidos desde Belém a Cananéa. De Cananéa para o Sul a obra não é mais portugueza e resulta da operosidade da gente da terra, como se verá em conferencia posterior.

Qual a causa da tardança em empresa que de si mesma não parecia offerecer tantas difficuldades?

A resistencia dos habitantes primitivos da terra, especialmente daquelles tupis do litoral, foi de facto formidavel, até porque ella se estribava em circumstancias inherentes ao terrene e que lhes facilitavam e lhes incrementavam os elementos de luta.

Os tupis não tinham, como muita gente pensa, a menor superioridade intellectual sobre os seus congeneres habitantes das terras brasilicas. Todos eram cerebralmente inferiores. Nenhuma abstracção, nenhuma idéa superior, nenhuma capacidade de comprehensão lhes marcava qualquer caracteristico. Eram creaturas que viviam á lei da natureza, na edade da pedra, onde se haviam mantido por todos aquelles longos seculos durante os quaes a Europa prosperára, se civilisára, crescera, tomára o vulto que todos sabem. Mas, eram bravos, eram bravos porque a unica preocupação que os animava, si me permitem e expressão, o

unico desporto daquella época para os autochtonos do Brasil era a guerra, era a lucta, lucta que faziam uns com os outros da mesma raça e ás vezes da mesma tribu, lucta que com muito forte razão estabeleceram com os lavradores. E é preciso notar que ao Sul como ao Norte elles se bateram com heroicidade notavel, com armas deseguaes, arcos e flechas, contra os europeus, com bombardas e arcabuzes, a ponto de só os Portuguezes se poderem fixar em certas zonas quando exploraram nessa pobre gente aquella credulidade exaggerada, typica do ente cerebralmente inferior. O exemplo da Parahyba, onde após mallogradas tentativas só se fixaram os de Pernambuco, quando conseguiram captar, incutindo-lhe o ciúme, o despeito e a desconfiança dos seus compatricios, o velho Piragiba,, ahí está, para de maneira incontestemente confirmar o que lhes refiro. Mais para o Norte, no Rio Grande e no Ceará, os Potiguares, e Periguares, e no Maranhão os Tupinambás oppuzeram tão tenaz obstaculo á penetração dos Luzitanos, que só mais tarde, muito mais tarde, graças ainda a elementos de que puderam captar de certa forma a boa vontade, foi conseguida a occupação portugueza.

Sabe-se que só em 1615 se tomou posse, em nome do rei de Castella, que o era tambem de Portugal, de S. Luiz do Maranhão, fundado tres annos antes pelos sonhores de la Ravardiére, de Rasily e de Harley, na temporaria renovação ao Norte da tentativa de Villegagnon, isto é, na passageira "França Equinoxial", que só no anno seguinte Francisco Caldeira Castello Branco creava o presidio de Nossa Senhora de Belém, origem da cidade actual do mesmo nome.

Seja, porém, como for, antes de findar o primeiro quartel do seculo XVII, a obra do aposseamento do *habitat* portuguez estava acabada.

Belém do Pará, S. Luiz, Camocim, Fortaleza, os Tres Reis Magos, Parahyba, Olinda e outros portos de Pernambuco, Porto Calvo no litoral alagoano, cuja colonização se fazia por intermedio de Pernambuco, S. Christovam de Sergipe, fundado em 1590 por Christovam de Barros, as fazendas do Rio Real, a cidade do Salvador e outros portos da Bahia, Victoria, Rio de Janeiro e as povoações vizinhas e delle derivadas, S. Vicente com S. Paulo de Piratininga no interior, Cananéa, — representavam os differentes nucleos de colonização garantindo para Portugal a posse da terra nominalmente tomada a 1.º de Maio de 1500.

Não bastava, entretanto, a posse.

Era preciso defender essa mesma terra, esse mesmo *habitat*, esse mesmo litoral de ataques successivos que lhe iam ser dirigidos não mais por Francezes, mas por outra poderosa nação que surgia como rainha dos mares, a Hollanda, ou melhor, a Republi-

ca das Sete Províncias Unidas, que conseguira, com uma heróica e formidável, derrubar o jugo hespanhol e obter uma independência a todos os respeitos memorável e digna. A Hollanda ganhára pela sua acção no Oceano as vantagens que lhe podiam advir da propensão natural para empresas desse jaez. Habituação a lutar com o Oceano, o Hollandez, ou o Batavo, ou o Neerlandez, que havia conquistado ás aguas, terras, em que depois vira crescer a fortuna e a prosperidade, em breve se tornou o dominador dos mares, ou, no dizer de escriptor famoso, foi por aquellas éras o que a Inglaterra foi ao tempo de Napoleão. E porque as empresas marítimas lhe tivessem dado grandes proveitos, para os lados do Oriente, a Hollanda (e eu a designo assim, minhas senhoras e meus senhores, porque desde então já o nome de uma das províncias unidas sobrepujava as demais, quiz também havelas do lado do Occidente. A' Companhia das Indias Orientaes que havia tomado a Portuguezes sob o dominio hespanhol as vastas e ricas colonias que os "Albuquerque Forte, os Castro Valente" tinham fundado por esse extremo Oriente, — se viu juntar nessa longínqua Asia a das Indias Occidentaes, e as expedições para o Brasil se iniciaram.

Em 1625 é tomada a Bahia. Mal organizada, ou bem combatida por um esforço em que o espirito da terra se manifesta de maneira inconcussa, a expedição hollandeza é repellido ao cabo de um anno. E' certo que os hespanhoes, depois de "longas e ponderosas meditações", tinham conseguido mandar para aqui uma grande esquadra, a de D. Fradique de Toledo Osorio. Mas, sem a primitiva defesa daquelle bispo que deixára crescer a barba e se vestira de burel, a cavar com enxada o fosso do arraial do Rio Vermelho, sem essa energia em que se symboliza perfeitamente a necessidade de guardar a terra para a mesma lingua, a mesma tradição e o mesmo rei — sem esse esforço, quando a esquadra do Almirante hespanhol tivesse aportado á Bahia de Todos os Santos já os Hollandezes estariam definitivamente radicados na sua conquista. E, de facto, isso se deu mais tarde, quando em 1630, não desenganados das vantagens que poderiam obter com o estabelecimento do Brasil Hollandez, aquelles mercadores e aquelles mareantes de Amsterdam, de Rotterdam, de Leyde de tantas outras cidades famosas pensaram em se estabelecer em Pernambuco, e o conseguiram durante vinte e quatro annos.

De 1630 a 1654 os Batavos se mantiveram no Brasil. A principio, durante cerca de dois annos, se isolaram no Recife. O representante do donatario, um typo de fidalgo á antiga, em cujas veias faava bem alto o sangue dos Albuquerque e dos Coelhos, reunindo em torno de si a flor da nobreza pernambucana, consegue manter prisioneira dentro dos fortes do Recife a gente de Hollanda. De-

pois, circumstancias diversas, o canção, o desespero de não se verem amparados e até maltratados por aquelles soldados mesmo do rei, para cuja corôa os nortistas, maltrapilhos, pés descalços, haviam batalhado sem cessar, a série de vantagens offerecidas pelos invasores, a religião conservada e estipendiada por elles, tudo fez baixar a resistencia, e quando Nassau, em 1637, aportou ao Recife, já Parahyba, já o Rio Grande do Norte e já grande parte de Pernambuco constituíam um Brasil Hollandez. O Principe illustre soube com rara habilidade consolidar esse estado de coisas. A' sua mesa, bem servida, lauta, pomposa, sentaram-se João Fernandes Vieira, o chefe da futura insurreição, e Frei Manuel do Salvador, aquelle frei calado que devia ser um dos chronistas desses memoraveis tempos.

Depois, o Brasil Hollandez se estendeu, e do Sergipe ao Maranhão occupou inteiramente aquelle trecho do *habitat* da Civilização.

A conquista batava ruiu em 1645. Uma insurreição organizada positivamente por gente da terra rebenta para uma lucta tenaz, por cerca de dez annos, acabando por expulsar o protestante hollandez das terras cujo descobrimento a bandeira de Christo presidira.

E' esse um dos episodios mais interessantes da nossa Historia, a insurreição pernambucana, de 1645, da qual foi chefe o madeirense mulato João Fernandes Vieira, e da qual foi alma o parahybano André Vidal de Negreiros, um e outro tendo ao lado, como figuras maximas, o indio Camarão e o negro Henrique Dias. E' a primeira affirmação do nosso nativismo, é a primeira e inconcussa manifestação do amor pela terra. Não que a idéa de nacionalidade perpassasse, siquer pelo animo de qualquer dos heroes componentes dessa famosa phalange.

Não. Quando D. João IV, premido por circumstancias terribes, escutou ou quasi escutou o conselho do Padre Vieira, expresso no Papel Forte, e pensou em abandonar Pernambuco e o Norte ao dominio hollandez, para manter a integridade do territorio onde a monarchia nascera, e quando o governo portuguez sem recursos, deixou entregues a elles somente, os da terra brasileira, os encargos da campanha contra os invasores, elles não clamaram pela independencia, ameaçaram apenas o rei de Portugal de recorrer a outro Principe Christão para dirigil-os na lucta, que juraram seria definitiva. E o foi. Durante cerca de dez annos, sem ceder ou transigir em uma linha, os da terra, os Vieira, os Camarão, os Henrique Dias, os André Vidal de Negreiros, foram pouco a pouco estreitando os Hollandezes dentro dos muros e dos fortes do Recife, até obter delles, em janeiro de 1654, a rendição completa e a expulsão do ultimo estrangeiro que pisou como senhor o solo brasileiro.

Era uma insurreição de caracter nativista, eu o disse. Nella entraram os elementos da raça que surgia e que desde então se começava a affirmar. Sim, porque o nativismo é a precedencia do patriotismo na evolução natural do phenomeno historico. Os penambucanos, os parahybanos, os do Norte numa palavra, imitando o que já haviam feito os do Maranhão, movidos por aquelle amor da terra que era delles, da terra para onde tinham vindo e onde haviam prosperado, da terra que era dos filhos, da terra onde para muitos jaziam os paes, por amor daquella terra, para conserval-a ao mesmo rei, á mesma fé, á mesma lei, não se cançaram, em heroicissimas acções, de se bater denodadamente. Em todos episodios dessa lucta tremenda, quer nos da primeira phase, quer nos da segunda, ha feitos de tão grande vulto, senhoras e senhores, que é pena tenhamos nós o mau gosto de ir buscar na velha Europa ou nos outros mundos exemplos de grande valor ou de bravura inimitavel. Não é preciso tão longe procurar aquillo que dentro da nossa casa existe.

Para não fatigar o auditorio, que de tão boa vontade me escuta ha mais de uma hora, citarei apenas dois casos — a defesa do fortim do Rio Formoso, por Pedro de Albuquerque, e que Varnhagen com razão qualifica superior ás Thermopylas, e a retirada de Luiz Barbalho.

Na fortaleza do rio Formoso havia vinte soldados. Os Holandezes atacaram-n'o em numero muito superior, e quando os Batavos lhe escalaram a amurada, dentro jaziam dezenove cadaveres, estando o commandante, ferido gravemente, fóra de combate. Um soldado apenas, fugindo rio em fóra, o atravessava, gottejando de sangue as aguas limpidas.

Em 1640, Luiz Barbalho, atirado pelo desastre do Conde da Torre ás praias do porto dos Touros, se vê em terra inimiga sómente com cerca de 1.000 homens, por toda a parte cercado, por toda a parte ameaçado. Procura entender-se com Nassau, que lhe responde com as palavras do proprio Barbalho no anno anterior, prescrevendo a um sobrinho que tratasse os holandezes a ferro e fogo. Definida a situação, o chefe catholico comprehendeu ser necessario a todo o transe, varar aquellas quatrocentas leguas que o separavam da cidade do Salvador, seu unico e seguro asylo. Por veredas rasgadas no matto virgem, vadeando rios, escalando montes, rompendo por entre as agruras de natureza e a fereza dos inimigos, perseguido, acuado como uma besta fera, de uma parte pelos Holandezes, de outra pelo gentio ao serviço do invasor e sedento de sangue branco, num batalhar desigual, em que o heroismo suppria a deficiencia do numero e o pensamento religioso sostinha o desfallecimento natural, — eil-o que chega, radiante de gloria, á meta do seu nobilissimo e desesperado designio.

Senhoras e senhores, uma vez que lhes expuz, summariamente embora, e talvez um tanto longamente, todo este capitulo relativo á posse e á defesa do *habitat*, seja-me licito dizer-lhes, agradecendo-lhes ao mesmo tempo a attenção, que por volta de 1650, quero dizer no meio do seculo XVII, a obra portugueza estava por assim dizer finda no Brasil. O que lhes coubera fazer, a colonização do *habitat* primitivo, o estabelecimento dos differentes nucleos do litoral, se terminára. Restava a penetração do interior, a conquista do *interland* — e porque não empregar o vocabulo tão caro aos nossos corações? — o sertão, que devia tocar, por honra nossa, á nossa raça, á gente nossa, ao menos na sua maior parte. Por orgulho nosso, essa obra devia ser o producto de uma raça forjada na nossa terra mesma. Não quero diminuir com isso a gloria dos que nos trouxeram a Civilisação. O que elles fizeram foi muito, e eu me sinto bem louvando-lhes aqui a bravura, a tenacidade, a solidez do trabalho e, principalmente, repetindo que a elles nós devemos a penetração dessa luz maravilhosa da Civilisação. Pouco importa que para completar a intromissão desse grande phenomeno nas nossas brenhas se tivesse de usar da louça de casa. A obra portugueza foi grande, e louval-a é um dever de que eu me desempenho nesta hora.

HADDOCH LOBO





O CRIME DO MOÇO VERDE

Seriam sete da manhã quando alguém entreabriu a porta do meu quarto. Era minha mãe que entrava com uma chicara de café.

— Levante-se, Nhonho. Ha um caso serio.

Nada de mais serio havia naquelle momento, para mim, do que os lençóes.

— Deixe-me. Depois a Senhora me conta.

Ella insistiu:

— Escute o Edgar foi assassinado...

Pulei da cama, attonito

— Que?! O Edgar?!...

— Sim. Encontraram-no esta manhã morto em seu quarto, de bruços na cama. Uma facada. Está lá um povaréo na casa.

— Será possivel? murmurei commigo, vestindo-me á pressa, com as idéas em tumulto ante o inesperando do lance.

— Sahi. Edgar morava na minha rua, umas quadras adeante, no esplendido palacete do seu pae, o velho Sá. Seu quarto, com janelas de venezianas verdes, dava para a rua. O assassino entrára por uma dellas, certamente.

Estava cheia de curiosos a casa e foi com esforço que varei até á sala onde o delegado, o medico da policia, agentes e soldados tomavam nota e abriam as investigações. No quarto do crime, apoiado á cabeceira da cama, o velho Sá, immovel, sem lagrimas nos olhos em fogo, contemplava o cadaver do filho inda na posição em que o colheu a morte. Era bem a imagem das grandes dores mudas. Filho unico e que filho!...

O instrumento do crime fôra o punhal — um punhal meu conhecido, que Edgar costumava trazer na gavetinha do criado-

mudo. O assassino vibrara o golpe pelas costas, com certeza tal que a lamina lhe varou o coração produzindo morte instantanea. O crime dera-se entre 1 e 2 da madrugada, suppunha o medico.

Pobre Edgard!

A autoridade, ao saber que eu era intimo do morto, apertou-me com perguntas e fez-me enumerar todas as suas relações.

A flor dos rapazes, o Edgard. Bom de coração, generoso, affectuoso, rico de amizades sinceras e muito parasitado de piratas elegantes, essas piranhas sociaes que vivem á lambugem dos endinheirados. Eu era seu intimo, por affinidades mentaes e de sentimento. Encontravamo-nos quasi todas as noites no club, sendo a mim que elle confienciava suas impressões mais subtis e seus amores. Gostava de jogar e no baccarat tinha faro para adivinhar o inicio de um chorrilho e aproveitall-o, dobrando as paradas, com segurança de espantar a velhos jogadores. Raro, porem, embolsava os lucros. Repartia-os sempre com a parasitacha circumdante, que nessas occasiões infallivelmente affluia. Generosissimo.

Seria o roubo o movel do crime? Não. Nenhum de seus objectos de valor fora subtrahido do quarto, e em seu sobretudo, jogado sobre um divan, estava a carteira pezada de notas.

Uma suspeita me passou pelo cerebro e como o delegado insistisse na tecla de relações sociaes da victima, lembrei-me num clarão do Eurico.

— O Eurico...

— Que Eurico?

— Eurico Nunes. Se o doutor m'o permite, vou buscal-o. Talvez que...

— Vá. Vá no meu auto e leve um agente. Você lá, oh, acompanhe este moço.

Eurico Nunes — a creatura mais detestavel que jamais conheci. Travamos relações numa casa de pensão, e desde o primeiro momento senti por elle invensivel antipathia. Essa impressão era geral. Ninguém alli o tolerava. Eurico "não entrava".

Como, porem, sou delicado e maneiroso e sei conservar a mascara que quero, não o repelli — nem repelli a sympathia, o apego, a attracção que desde o encontro inicial o "antipathico" demonstrou por mim.

Rejeitado de todos, achegou-se ao que menos o rejeitava e acabou envolvendo-me totalmente. Gostava de sahir commigo em passeios longos e dava-me o braço na rua, ostensivamente, com um tal ou qual aspecto, como a provar aos passantes que tambem elle possuia um intimo. E eu, meio por fraqueza, meio por curiosidade deixava-o fazer.

A dona da pensão não o engulia, contendo a custo as manifestações de seu rancor. Parecia a cada passo prestes a explodir, a expulsal-o de casa, mas dominava-se e sorria. Oh, aquelle sorriso de dona Eudoxia...

Razões não faltavam á boa senhora para essa explosão. O meu bilioso companheiro, apesar de vegetariano convencido, era o primeiro na mesa a servir-se de carne, tirando para si os melhores pedaços. Mas não a comia nunca. Picava-a e deixava-a toda depois de inutilizal-a com restos de café ou cinza do cigarro, no receio de que a aproveitassem. Proibido pelo medico de servir-se de molho inglez e conservas, nunca deixava de vasar no prato o mais que podia, fazendo-o mudar em seguida.

A mesma cousa como á sobremesa.

Seu prazer era lesar os outros, e o que não podia comer estragava. Quantas vezes o vi esmagando os bagos de uva sobejados em seu prato, achatando doces as escondidas, inutilizando ornatos de papel picado, riscando o verniz dos moveis...

Dona Eudoxia, certa vez, arriscou uma observação:

— Se não gosta de carne, de molho, de conserva, porque se serve dessas coisas? E' o mesmo que deitar fóra. Não sabe que ha muita gente pobre que vive dos sobejos dos arranjados?

Eurico desculpou-se, explicando desageitadamente que gostava daquillo tudo e tinha sempre intenção de comer ao servir-se; mas o seu estomago era caprichoso e "mudava de idéas" de um momento para outro.

— Pois é mudar de estomago, redarguiu d. Eudoxia, a quem tal resposta cheirou a sarcasmo; mudar de estomago ou...

Não concluiu o dilemma, nem era preciso; todos os presentes comprehenderam-na e apoiaram-na.

Desde esse dia Eurico não teve remedio senão mudar de casa, já que sua maldade o impedia de mudar as idéas do seu estomago.

Eu, confesso, dava-me com elle por curiosidade apenas, visto que a tenho malsã, amiga de escabichar esses becos infestos da psychica humana. E como Edgar era dotado de identica mania, pul-o logo ao par do meu caso. Elle, immediatamente, ardeu por conhecer Eurico, e embora eu reluctasse em approximar creaturas tão oppostas, pois nada de bom adviria disso ao meu amigo, acabei cedendo. Apresentei-lh'o uma noite, no clube, de passagem, e como Edgar não tivesse memoria prompta para amor proprio, no dia seguinte perguntou-me pelo "Moço Verde". O appellido pegou incontinente e desd'ali ficou Eurico conhecido assim na roda, e breve na cidade. De facto, era um achado tal alcunha. O homem era verde por fóra e por dentro. Se o roseo na creatura humana dá sensação de belleza e saúde, o verde unicamente suggere más qualidades — doenças do corpo e da alma.

Edgar cultivou habilmente aquella paradoxal amizade. O “Moço Verde” tornou-se para elle um caso de laboratorio; objecto de carinhoso estudo de pathologia. O analysta provocava experiencias curiosissimas, estimulando a perversidade verde do nosso homem e recolhendo em frasquinhos scientificamente etiquetados os alcaloides extrahidos, as essencias ultimas captadas.

Lembro que um dia me disse: — E’ interessantissimo! Estou a desmontal-o peça por peça e com vontade doida de remettel-o áquelle terrivel psycho-analysta do Freud(unico instrumento de precisão capaz de bem apprehender a mechanica cerebral do nosso “Moço Verde”. Inda assim espero compor uma succulenta monographia: “Da Subtileza da Perversidade Verde”...

E rematou:

— Sabes? Elle odeia-me. Leio isso atravez da sua prodigiosa dissimulação como leio atravez de um cristal. Detesta-me...

Eurico invejava-o, da peor especie de inveja — a inveja verde. Não podia supportar a distancia que os separava, o violento em excesso do contraste social. Um, bello, forte, generoso, rico, adorado das mulheres e dos homens, toda facilidade na vida, e carinhos, e sympathia irradiante; outro, o inverso, a exhalar repugnancia moral e mental, a correr de si as mulheres, a espantar os homens. Um, rubro de papoula; outro, verde de sapo venenoso. Alem disso, o por mais que Edgar disfarçasse, Eurico comprehendia que o que o ligava a elle era a curiosidade malsã pela verdolencia de lagôa de sua alma de monstro.

Edgar por esse tempo amava e era amado de linda moça, o melhor partido da cidade como creatura plasmada com carinho pelas mãos de Deus e como herdeira de uma grande fortuna.

Confidente que sempre fui, acompanhei essa paixão desde os primeiros passos e assisti ao seu esplendido desabrochar. Edgar pediu-a e por uns tempos mergulhou nas doçuras do noivado.

Subito, uma carta do futuro sogro cahiu-lhe na cabeça como um raio. O homem retirava a sua palavra, apresentando umas escusas glaciaes. Rompeu-se o encanto e a aurora em que vivia a banhar-se o coração do meu amigo, cedeu o passo á noite de dor — dor de amor, dor de orgulho offendido.

Farejou logo intriga venenosissima, tão fóra de proposito era o rompimento e tão injusto. O intrigante? Eurico, certamente. Era intriga verde, e tal veneno só do “Moço Verde” podia espirrar.

Edgar portou-se nobremente. Manteve-se impenetravel, roendo comsigo a offensa aos seus brios de cavalheiro irreprehensivel e nem a mim, sequer, tocou mais no assumpto. Embora convencido, como eu, de que a setta hervada partira do “Moço Verde”, não rompeu com o intrigante, continuando a tratál-o como se de nada suspeitasse.

- Afasta-o de ti, Edgar, disse-lhe uma vez.
- Não. Quero ver até onde vae sua infamia.
- Cuidado! Pode ir longe demais... lembro-me que lhe retorqui, propheticamente...

Mezes decorridos, o pae da moça appareceu em casa de Edgar. Vinha pedir desculpa e declarar que fora vilmente illudido em sua boa fé de pae amantissimo pelas calumnias de um anonymo; mas verificara a improcedencia das allegações e tinha como sagrado dever imposto pela honra voltar atraz do passo que dera e pedir ao noivo de sua filha que marcasse o dia do casamento.

Num golpe de magia a aurora brilhou de novo no coração do meu amigo que, infantilmente alegre, transbordante de felicidade, abraçou-me na rua dizendo:

- Como é pura a luz que brilha depois da borrasca!

Foi a ultima palavra que lhe ouvi. Dois dias depois, era o noivado...

.
De caminho á casa do "Moço Verde" ia eu rememorando esses factos, absolutamente seguro de que o criminoso era elle.

Quando o auto parou, disse ao agente que me acompanhava, e que me olhou com surpresa:

- O assassino está aqui. Acompanhe-me.

* *
*

Recebeu-me uma senhora idosa, com feição de martyr. Vi logo, pela semelhança de traços, que era a mãe do monstro.

Apresentei-me. Não me conhecia nem de nome. Isso me disse que entre ella e o filho nenhuma intimidade existia: o algoz não contava á martyr nem o nome dos seus amigos...

Ao ver atraz de mim a cara suspeita do agente, a infeliz senhora surprehendeu-se.

- Que houve? Alguma coisa, meu Deus?...

— Nada, minha senhora. Desejo apenas dar uma palavra a Eurico.

- Elle ainda dorme. Entrou muito tarde esta noite.

- Muito tarde? A que horas, mais ou menos?

— Duas da madrugada. Sei porque estava acordada, anciosa por vel-o entrar e logo que Eurico recolheu o cuco da sala cantou as duas...

Confirmaram-se minhas suspeitas e insisti:

— Mas não temos remedio. Ha de fazer-me o obsequio de despertal-o.

A velha conduziu-me ao quarto do filho e bateu de manso,

medrosamente. Depois, ao “entre” rispido que de dentro soou, torceu o trinco e fez-me entrar.

Eurico fumava na cama, com o cinzeiro ao lado coalhado de pontas. Vi logo que não pregára olho.

Ao dar commigo, espantou-se, e sentou-se de golpe.

— Que ha? Que te traz tão cedo?

— Coisas serias. Mas preciso falar ás sós...

O rosto da velha mudou de expressão.

— Será que uma mãe não pode saber o que se passa na vida de seu filho unico?

— Ha casos, minha senhora... Trata-se de segredo de um terceiro...

A pobre mulher retirou-se sem mais palavra.

— Que ha? perguntou de novo Eurico.

— Ha que mataste o Edgar esta madrugada e eu, como amigo, venho salvar-te. Ou me obedeces e estás salvo, ou recusas minha assistencia e estás perdido.

Eurico empallideceu, titubeante, e tentou ainda negar o facto.

— Estás doido! Matei lá ninguem! Que diabo de embrulho é esse?

— Não ha tempo a perder e escusas negar. Sei que estives-te de madrugada em casa d'elle e que o apanhaste pelas costas.

Ha contra tí provas tremendas. A confissão d'elle ao pae, pois a morte de Edgar não foi instantanea como suppozestes e ainda duas testemunhas que te viram sahir da casa de madrugada.

— Impossivel! A rua estava deserta, vi bem...

— Parece-te.

— Mas Edgar morreu mesmo?

— Sim, ha coisa de meia hora. Teve tempo de denunciar-te como o assassino.

Verde, mais verde que nunca, o “Moço Verde” deixou cahir da bocca o cigarro e ficou a olhar-me com grande olhar arregalado. Nunca vi imagem mais perfeita do desnorteamento, do subito desarranjar-se de uma machina cerebral.

— E agora, meu Deus! E agora? Ajuda-me, pelo amor de Deus! Lembra-te que sempre fui teu amigo e que Edgar não o era. Não calculas quanta infamia me dizia elle de ti, como te calumniava...

O monstro babujava sua baba verde sobre o cadaver da victima... Que asco me inspirou!

Contive-me, porem, e prosegui na comedia.

— Sei disso, e é porisso que vim em teu soccorro. Vaes confessar-me o teu crime e eu prepararei a defesa. Vamos. Em caminho ir-te-ei industriando.

— Vamos para onde?

— Fugir!

O “Moço Verde” vestiu-se, metheu no bolso alguns objectos de valor e seguiu-me.

Quando sahimos do quarto, a velha mãe em lagrimas, adivinhando a tragedia, tentou envolvê-lo em seus braços. O infame a repelliu com um gesto verde...

Em caminho agarrou-me as mãos e pediu mil vezes misericórdia.

— Só tu poderás valer-me. Vê se me livras! O Edgar era um infame. Dizia horrores de ti e de todos os amigos. Eu vinguei-os a todos. Uma hyena, agora vejo. Mas não pude conter-me. O odio era demais, me cegou. Vi o punhal na gaveta entreaberta, vi-o de costas... O demonio empolgou-me, o demonio me fez agarrar o punhal, o demonio me fez cravar-lh'o no coração... Não tenho culpa, não fui eu... Salva-me, pelo amor de tua mãe, me salva!...

E assim o caminho todo.

Quando o auto parou á porta da casa do crime, o “Moço Verde” estremeceu, tremulo de pavor. Compreendeu tudo, n'um clarão e tentou fugir.

— Agarrem-no! disse eu aos agentes.

E foi assim, agarrado, arrastado, a debater-se como um doido, que penetrou na sala onde estavam as autoridades.

— Senhor! Está aqui o assassino.

Rodearam-no, incontinente, e mal o delegado lhe fez a primeira pergunta, appareceu, como um espectro, o velho Sá. Minhas palavras apresentando ao delegado o criminoso fizeram-no despertar da immobildade de estatua em que jazia e o velho rompeu o grupo que cercava o “Moço Verde”, como um phantasma que desce do limbo.

Encarou-o a fito. Seus dedos crispam-se. Seus olhos fuzilaram.

Nada disse, porém, e retirou-se de novo para o quarto do seu filho, a passos lentos, sempre como um phantasma...

Nisto ouvi um grito lancinante.

— Edgar!

Era a noiva que chegava e com aquelle grito desmaiou abraçada ao cadaver do noivo...

Olhei para Eurico e vislumbrei em seus olhos um brilho de volupia. O monstro estava gosando talvez o mais intimo prazer da sua vida...

Terceiro acto. Jury. Absolução por oito votos.

A vida é verde...

JULIO CESAR DA SILVA



O VENTO

*Não gosto do vento da cidade,
que parece um velhinho
tropego e cansado, com as barbas brancas,
a caminhar devagarinho
pelas calçadas,
batendo às portas de mansinho.*

*Tem um gemido, a cada passo,
o vento reumático no espaço,
o vento sem orgulho e sem maldade
da cidade.*

*Sou moço e forte, adoro a força e o valor,
abomino o temor,
amo o orgulho hostil e a maldade bravia
quando provêm da rebeldia.*

*Amo o vento selvagem da campina,
rápido e rebelde,
como um corcel raivoso que se empina
sacudindo a crina.
É um bando de centauros em guerra e fúria,
sorzendo o ar com força e com luxúria,
o ar que queima seus pulmões sadios,
ferreos, heroicos e bravios.
Galopam doudos, com o chefe á frente*

*os centauros frementes.
Rodopios...
Ouço os relinchos
dos guerreiros equipedes, aos pinchos.
Curvam-se as flores a tremer e a dansar
liturgicamente,
ante os heroes que vão no chão a galopar,
brandindo lanças na guerreira dansa
ou aos pinotes pelo ar...
Sobe a poeira do chão em turbilhão...*

*Gritos de dor, lamentos de vencidos,
longos gemidos,
relinchos, tropel e alarido...*

*Amo-te, oh vento da campina,
que és o galope de centauros rebeldes, de centauros bravios,
desfraldando no ar as bandeiras da crina
na cavalgada; e em arrancos
cabellos brancos pelos flancos,
fremindo, carpindo, nitrindo, rugindo
hymnos de guerra
na marcha immensa que nos aterra!
Quando farto dos combates,
dos inimigos que abates,
fatigado da luta,
tu te retiras na tua gruta,
deixas pender dos muros da caverna
os tropheus que trazes da victoria,
no teu orgulho immenso de conquista,
vento visível á minha vista!*

LUIS ARANHA



VIVER

*Viver! Eu sei que a alma chora,
E a vida é só dor ingrata,
Pranto, que o não allivia,
Olhos, que o estão a verter...
Soffra o coração embora!
Soffra! Mas viva, mas bata
Cheio, ao menos, da alegria
de viver, de viver!*

(Raymundo Correa)

*A porta fecho para o mundo,
e na serena escuridão
não fere a vista que perscruta,
o mínimo clarão.
Que paz! Em trevas eu me afundo,
afogo o olhar.
Sinto o silencio de uma gruta
a dominar...
Vem-me um sudario carinhoso
de esquecimento...
Não brilha a luz, não sopra o vento...
Placidamente me avassala
esse antegoso
da quietação da sepultura.*

*Mas de repente,
como se ouvisse rude fala,
tremo na minha noite escura,
a vacilar.*

*Surde-me a sombra impenitente,
a que eu fechara a minha porta...
E eu a cuidar que estava morta,
como uma pedra que mergulha
no mar...*

*Eil-a que entrou subtil, sem bulha,
partindo o ignoto isolamento...*

*E num momento
a negridão se me ilumina
de ceus de aurora
azul, dourada e purpurina.*

*E's tu? Porque chegaste agora?
Como venceste o liminar
de uma caverna,
onde, fugindo ao mundo, hiberna
o meu olhar?*

*E's tu? Bem sei! Tu és a Vida,
que clama e pede,
com fome e sede
mais vida. Em tua voz marulha
enfebrecida
uma vaga de amor.*

*Sae de teus olhos, quando fitas,
a mesma vivida fagulha,
que deu á Terra, que nascia,
o sempiterno resplendor.*

*Diz o negror de teus cabelos
de estranhas noites infinitas
para volúpias imortaes.*

*E da pele macia
resumbram, vêm, aromas taes,
que alucinados os sentidos,
a sorvel-os,
tombam no abismo da loucura.
Tu és a vida que tortura,
que prende, enlaça,
beijos transforma nos gemidos,
gemidos transformando em beijos.
E a triste raça,*

*que se estortega,
ao teu encalço vôa cega
no turbilhão.
Tu és o Mal, e és tão formosa!
Tu és o Bem, como assassinas,
com as tuas mãos leves e finas!
Como fugir a teus lampejos,
astro fulgente, e nebulosa
impenetravel na amplidão?*

*Tu és a Vida: a juventude
jorra na tua face
nas rosas da saúde.
Ou és a Gloria? e no teu hausto
pode beber misero Fausto
o forte alento
de quem renasce,
ao menos para os sonhos seus?*

*E's tu... Bem sei. Quebraste a porta,
quebraste o frio insulamento...
É eu, que julguei que estavas morta,
osculo a fimbria do teu manto,
e em riso e em pranto
não posso mais dizer-te adeus...*

Alcides FLAVIO





O ABACAXI

QUANDO tomei assento no wagon, senti uma sensação de conforto, porque me foi facil abstrahir a fumaceira que vinha da locomotiva; o aperto da cadeira tolhedora de movimentos e seis ou sete pequenos lagos dessa util mas desperdiçada secreção salivar, innocentemente creados pelos viajantes.

Habituaado a leituras transcendentaes, consegui desenvolver e aperfeiçoar esse poder de abstracção, que é inherente á natureza humana. Entretanto, apesar de todos os meus esforços, não me foi possivel eliminar da scena mental uma geração de meninos vorazes, que, com uma tenacidade guerreira, destruiam todos os angulos, todos os cathetos e todas as hypotenusas de uns sandwiches triangulares, que elles carregavam, no seu inconsciente desrespeito á geometria e ás leis do equilibrio universal.

A minha attenção estava monopolizada por esse pic-nic ambulante e, sobretudo, pelos movimentos audaciosos de uma garrafa de gazosa, quando passava de mão em mão, rapidamente. Um mal dirigido gole desse liquido expansivo veio cahir sobre as minhas calças, cujos fios, pela acção automatica da capillaridade, ficaram inteiramente encharcados. A mãe dos meninos interveio com solicitude, para me garantir que o liquido não manchava. — “Deixe ficar seccando na sombra, explicou ella. Não tente esfregar a roupa. Conserve-se no mais absoluto repouso e verá que daqui a duas horas não ha de ficar nenhum vestigio...”

Eu sorria para a cabeça calva do bebê, que ella trazia nos braços. O bebê insistia no seu perverso intuito de arrancar a pluma

do chapéo da vizinha em frente, — operação essa cuidadosamente incentivada pela mãe.

O trem parou numa estação, que regorgitava de gente. Um homem em andrajos, gritador, quasi brasileiro, offereceu-me um abacaxi aggressivo. Recusei. Insistiu com naturalidade e inconveniencia. Repeti a recusa, mas o mercador empurrou-me a fructa pela janella a dentro. Talvez não acreditasse que pudesse existir no mundo alguém capaz de resistir a um abacaxi. Por isso é que o collocou junto ao meu rosto, afim de que eu me certificasse de que estava em presença de um specimen authentic. Não! Não! disse eu assustado. Mas a minha negativa devia ter sido expressa em voz altissima, natural em quem está sob o dominio de emoção violenta, porque, num relance, os meninos pantagruelicos me rodearam; uma duzia de olhares adultos voltaram-se para o exíguo espaço occupado por mim; e, do fundo do carro, tres pescoços engravatados esticaram uma curiosidade compassiva. Parecia que todos me reprehendiam pelo facto de ter falado tão alto, ao mesmo tempo que me convidavam a realizar a compra. Premido por factores de tamanha relevancia, decidi-me e comprei o abacaxi. O wagon serenou.

Nesse momento, a consciencia interpellou-me com uma dessas perguntas inadiaveis. muito perturbativas: "Que fizeste do teu dinheiro, Gregorio? E assacou-me tremendos vituperios: "prodi-go, poltrão, abulico, imbecil". Com tamanho lastro de pedras, estava a succumbir, quando a razão observou que eu era solteiro, sem obrigações de especie alguma; o dinheiro era meu: podia fazer delle o que bem entendesse. Demais, adquirindo a mercadoria, favoreci a circulação das riquezas e confortei a penuria do vendedor. Optimo o remedio: retirou a consciencia o seu lastro de pedras e eu subi metaphoricamente ás nuvens.

Entretanto, o abacaxi me irritava, — bojudinho, espinhento, passivamente bellicoso. Fiz um gesto para atiral-o fóra. A moça de pluma no chapéo surprehendeu-me nesse afan e atirou-me um sorriso de reprovação. Estava sendo vigiado. De instante a instante, um menino espiava com gula o abacaxi. E pelo espaço de uma hora, a fructa foi a distracção dos passageiros, sem que eu pudesse comprehender o motivo. Mais tarde é que vim a saber. Tratava-se de um producto excepcional, não só por apparecer fóra da época ("fructo temporão", explicou-me um senhor sabido), como tambem pelo volume, pela côr excentrica, pela dureza da corôa quasi metallica e, sobretudo, pela extraordinaria aggressividade de seus espinhos.

— O senhor dá licença que eu mostre esse "exemplar" ao meu companheiro, alli adiante? Quando comprou? Onde? Caro? Para propaganda?

Perguntas assim eram frequentes. A mãe dos meninos, por seu turno, pediu-me que cedesse o abacaxi, "apenas por alguns instantes", afim de distrahir a criança que chorava. Tomando-o das minhas mãos, agitou corajosamente a fructa verde-amarella diante dos olhos do petiz, que logo cessou de chorar. Mas, na sua natural ignorancia da capacidade injuriosa dos abacaxis, quiz o bebê total-o com as mãos e feriu-se num dos espinhos mais agudos. Redobrou então o berreiro e a mãe, muito irritada, devolveu-me o abacaxi, lançando-me um olhar proposital de censura, como que a dizer: "o senhor não devia consentir... devia ter avisado..."

O guarda entrou para o seu monotono officio de picotar os bilhetes. Enquanto a solícita senhora que presidia á vida dos meninos turbulentos procurava as passagens, remexendo a bolsa, a mala de mão, dentro do guarda chuva e da bocca do bebê, — uma idéa genial surgia no meu cérebro: presentear com o abacaxi aquelle guarda. Para isso e para que ninguem me observasse, esperei que elle atravessasse de um carro a outro. Tive que empregar uma grande cautela, afim de escapar á ronda dos meninos, á attitude vigilante da moça de pluma no chapéo e aos olhares vadios dos admiradores da extraordinaria fructa. Eu não queria merecer a reprovação geral desses individuos, que seria implacavel, caso me desfizesse assim displicentemente de um specimen raro e miraculoso de abacaxi.

Na occasião propicia abordei-o, tendo escondida sob o paletot a malfadada fructa. Antes, porém, de dirigir-lhe a palavra, o sympathico homem (ah! como naquelle momento aquelle homem me era sympathico!) esboçou um sorriso de ternura e fez um signal amistoso, para que eu o acompanhasse. Logo depois, estava num compartimento distante, e, ahi, abriu uma cesta de vime, trazendo á luz um descommunal abacaxi, de avantajadas formas e severos aculeos.

— Leve-o tambem, murmurou complacentemente. Detesto essa fructa. Sou obrigado, pelos serviços que presto em varias estações, a receber os mais extranhos presentes de todas as pessoas a quem favoreço. Já estou cansado. Leve-o...

— Mas...

— Sem cerimonia. Eu tambem vi. Eu sei: o senhor é um apreciador, *um especilista*... Leve-o...

Senti uma molleza de desanimo nas pernas. Envergonhado, sobraçando os dous infernaes abacaxis, voltei para o meu logar. Ahi, a senhora gorda varreu-me com seu olhar desdenhoso. Ella disse: "Bem sei que os meus filhos são levados, mas, graças a Deus, nenhum delles é ladrão. Não era preciso que o senhor, de medo que o roubassem levasse comsigo esse mesquinho abacaxi,



Eu sou um menino
Gordo e corado
devo tudo ao
Biotonico
Fontoura

BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Biotonico Fontoura

O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE



Torna os homens vigorosos, as mulheres
fórmosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA,
A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA



AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR:

BIOTONICO elixir

Adultos : 1 colher das de sopa ou meio calice antes do
almoço e antes do jantar.

Crianças : 1 colher das de sobremesa ou das de chá,
conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos : 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças : 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em in-
jecção intramuscular.

COM O USO DO

Biotonico

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de
appetite.
- III — Desapparecimento completo das dôres de ca-
beça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globulos sanguineos e
hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos
e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do aba-
timento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos de-
bilitados, predispostos e ameaçados pela tuber-
culose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e
melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e
de saude.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a
mais antiga.
- XI — Após o parto, rapido levantamento das for-
ças e consideravel abundancia de leite.
- XII — Rapido e completo restabelecimento nas con-
valescenças de todas as molestias que produzem de-
bilidade geral.

O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
scientifica do professor
Dr. HENRIQUE ROXO

Attesto que tenho pres-
cripto a clientes meus o

Biotonico Fontoura
e que tenho tido ensejo de
observar que ha, em geral,
resultados vantajosos. Par-
ticularmente, mais proficuo
se me tem afigurado o seu
uso quando ha accentuada
desnutrição e occorrem ma-
nifestações nervosas, della
dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de
Setembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfot
Roxo

Professor de molestias
nervosas da Faculdade de
Medicina do Rio.

O que diz o preclaro Dr.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado cons-
tantemente em minha clini-
ca o

Biotonico Fontoura
e tal tem sido o resultado
que não me posso mais fur-
tar á obrigação de o recei-
tar.

Rio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica
Medica da Faculdade de
Medicina do Rio de Ja-
neiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Attesto ter empregado
com os maiores resultados
na clinica civil o preparado

Biotonico Fontoura
Rio de Janeiro, 12 de
Julho de 1921.

A. Austregesilo

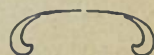
Professor cathedratico
de clinica neurologica da
Faculdade de Medicina do
Rio de Janeiro.

Palavras do eminente
cientista Exmo. Snr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a
doentes meus e sempre que
lhe acho indicação therapeu-
tica o

Biotonico Fontoura
Rio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira



Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & Cia. - S. Paulo

quando sahiu. Podia ir descansado: ninguem tocara nelle...”

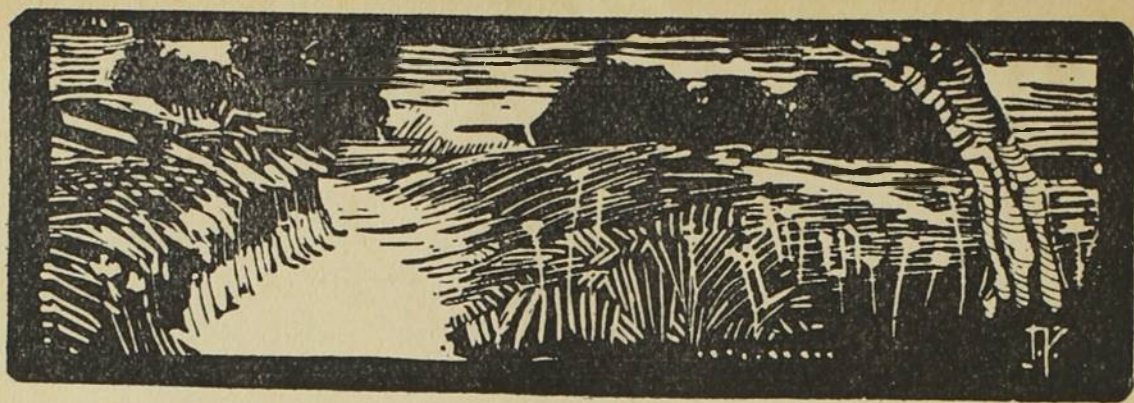
Senti que era inutil explicar.

— Outro abacaxi! OUTRO! OUTRO! berraram os meninos. Houve uma crise geral de curiosidade, no carro. Notei em algumas pessoas um ar de accentuada desconfiança para commigo. Creio que fiz dous ou tres inimigos passivos.

Quando o trem chegou ao meu destino saltei, rapido, na estação, deixando no carro as duas monstruosidades, escondidas debaixo de um jornal. E já estava distante, na cidadesinha de tres ruas, quando ouvi os gritos de uma mulher que, debruçada na janella do wagon, me acenava desesperadamente, com dous abacaxis pendurados na mão.

A. C. COUTO DE BARROS.





A EVOLUÇÃO DO ENSINO PRIMARIO NO BRASIL

(ESTUDO DE SYNTHESE)

SE procurarmos a origem do pessimismo que, por vezes, atormenta a imaginação de alguns homens, fazendo com que descreiam da atitude cívica da raça em presença dos movimentos sociais, diante da vida que se agita, vamos encontrá-lo na falta de uma educação histórica eficiente. A chronica dos periodos em que se assenta a origem da evolução ethnica da nação que formamos não é um caricioso euphemismo. Ella existe, muito bella na sua paisagem, a desafiar com um magnanimo repto, a argucia dos pensamentos, a procurar penas leves e ducteis que a integrem na harmonia estylisadora, sem a qual todas as creações são imprecisas e todos os monumentos são informes. Nem de outra forma se fizeram as commovidas narrações que marcam a legenda victoriosa dos povos do passado, senão arrancando com habilidade e graça, do symbolo primitivo, a leve imagem airosa.

Diz-se vulgarmente que não temos passado, como se a formula do soffrimento e do desencanto que perseguiu o evoluir da força e da idéa nacional não repousasse numa definitiva marcha, capaz de assegurar o contrario. Precisamos desfazer a theoria ingloria de que, dos instantes amargos da nossa formação, não resultaram episodios eminentes.

O amor á terra deve de acompanhar o amor ao espirito da raça. E se artificialisamos, por vezes, uma fadiga natural aos povos scepticos, é esse artificialismo decorrente da má instrucção applicada á intelligencia infantil. Como poderíamos conhecer e amar a virtude historica da Patria, se nos habituamos, de principio, a uma visão confusa e espessa, que os mestres não clarificam e que os methodos não abrandam? A esse ponto chega a tempo o capitulo em que o snr. Ronald de Carvalho traça, no "Espelho de Ariel", o schema dessa idiosyncrasia. Difficilmente poderíamos formar melhor idéa das nossas origens do que aquelles recrutas famosos que Henrique Houssaye gisa na "Patria Guerreira". Conta elle que, durante um prolongado repouso no acampamento, certo capitão se lembrou de perguntar a um

jovem soldado o que sabia a respeito de Joanna d'Arc. Ao que, promptamente, lhe foi respondido: — Uma rainha da França, queimada pelos prussianos em 1870. Desconsolado, mas seguro de que estava em presença de uma triste excepção, chegou-se a outro, e fez igual pergunta. Joanna d'Arc? — Uma cavalleira do tempo de Henrique IV; morreu sobre um rochedo...

Se endereçarmos perguntas que nos digam respeito a nós, piores serão os resultados, porque, a nós, não nos falta apenas a educação visual na belleza historica. Os nossos bellos episodios ainda se não destacam do nivel melancolico das descriptivas rotineiras, e só agora, um que outro espirito inquieto e fascinado tenta assimillar a esthetica dos factos, creando a curiosidade dos relevos. Nesse descaso estava, em grande parte, a indifferença por tudo quanto de extraordinario se realisou nos seculos em que alicerçaram a nossa unidade.

Quando a intelligencia dos contemporaneos e dos vindouros talhar a forma sympathica e atrevida com que os capitães-generaes da estirpe crearão o entusiasmo da tradição brasileira, as medalhas doricas, os camifeus corinthios e do Renascimento passarão de moda, o pomar doirado e rubro em que floresceu a aristocracia fidalga campeзина de Luiz XV restará no isolamento das alamedas sombreadas e espadachins romanticos da meia-idade e *condottieris* gaulezes e ibericos darão passagem ao valor epico dos personagens das *bandeiras* e ao *romance heroico* do espadachim meridional.

Precisamos crear a solidariedade a que se refere o volume claro de La Fosse.

Precisamos ser solidarios com a dor dos antepassados, imaginando-os sempre dignos de elevação, affeiçãoando-nos a elles como a cada individuo do nosso tempo.

Criemos, pois, no scenario das nossas inquietações, a pagina lyrica da historia. Eduquemos a nossa visão na festa dos aspectos. E que venham os professores de belleza, com as mãos carregadas de rosas, semeal-as junto às lapides em que se inscreveram os nomes dos nossos Maiores. E que venham os mestres da formação espirital dignificar o fino heroismo daquelles homens curiosos da luta. E que venham os olhares de todos os homens, de todas as cousas, fixar-se no symbolo da grande dôr, como se fixam nos marmores de Recoleta as piedades de todos aquelles que bebem no perfil da soffredora imagem de Tantardini, a memoria das angustias que silenciosamente deslisam em lagrimas...

Pouco antes deste exórdio eu fallei das linhas geraes que traçaram directrizes ao nosso tempo. De bom acerto figurou-se-me o preparo de uma synthese, em que pudesse trazer a esta obra o retrospecto das varias pay-sagens que ficaram nas curvas da nossa historia. Estou mesmo que não deixaria de haver uma certa curiosidade no conto do modo pelo qual se estabeleceram, no Brasil, os primeiros methodos de educação, após a conquista. A primeira perspectiva é quasi a primeira allegoria. Habitos negros de jesuitas, vestindo a piedade de Nobrega, Luiz da Gran e Anchieta abrem o cathecismo entre as selvas, e atravessam, carinhosamente, os dois primeiros governos geraes, ensinando os prolegomenos da nova lingua, por entre os influxos theocraticos que vieram a formar os reductos intellectuaes de Piratininga e Todos os Santos. A primeira cultura espalhada nas terras de Santa Cruz obedeceu á cadencia da pedagogia monastica em que se foram formando individuos letrados e pouco praticos, affeitos ás lettras mais que á actividade productiva dos campos, e cujos similes se conjugam, perfeitamente, na figura canhestra da Gregorio de Mattos, discipulo da casuistica monacal, incapaz de bastar-se a si mesmo quando a sua mordacidade pusillanime soffreu a vindicta de D. João de Lencastre.

Assumindo a regencia da politica portugueza, Sebastião José de Carvalho e Mello começou a cavalgar o espirito de D. José I; as sotainas sofferam o desagradavel contacto das vassouras anti-jesuíticas do grande Marquez; por decreto de 3 de setembro de 1759 foi secularizada a docencia official na metropole, e, abertos os caminhos que levavam ás cathedraes do magisterio publico e ao doutorado de Coimbra, veio tambem a lei que condemnou o processo mnemotechnico que os jesuitas haviam benevolmente ensinado. O Brasil foi uma victima desse processo, ainda no alvorecer de suas possibilidades. Esse abolicionismo fez com que melhorasse, ao influxo de novas idéas, a methodologia da metropole. Ao revés, ficava a colonia entregue ao seu destino, até que a boa vontade do conde de Rezende, deparando em "estado de pouca e má ordem" a instrucção colonial, sonhou transmittir uma porção de harmonia áquillo que se malbaratava ingloriamente. (1)

Começaram então os vice-reis a accummular outro encargo, qual o de fiscalisar, privativamente, as escolas que se fossem creando no Paiz, com a faculdade de nomear, pelo melhor conseguir desse nobre objectivo, um "professor em transitio", durante o anno, obedecidas as disposições expressas no alvará de 3 de setembro de 1799. Pouco depois o novo seculo trazia ao vice-reinado a augusta dynastia dos Braganças, acossada por um duplo temporal, o que soprou no continente, com a ameaça de Junot, e o que a surpreendeu nas costas da Bahia.

Em 1808 baixava o Principe D. João o decreto de 17 de janeiro, que resolvia o provimento dos cargos de docencia; e a 15 de março de 1816, inspirado por novas musas de Ultra Mar, decidiu-se a crear uma directoria de estudos, que apparentasse qualquer cousa de repartição orientadora. Inexperiente mas bem intencionado, o honesto esposo de Carlota Joaquina, se não tratou de encarar o problema da alphabetisação do Paiz, deslumbrou as vaidades da Sebastianopolis, fazendo nascer nesta risonha Cidade dos Sás a Academia de Bellas Artes, o Conservatorio de Musica, além da dos germes de uma desenvolta burocracia colonial.

Não é pois sem uma razão historica que os governos, fascinados por bellas apparencias, descuram do ensino primario, para accudir aos reclamos de uma fragil architectura de fachadas. Da procedencia destas affirmações diz muito bem a attitude que tomou a classe dos commerciantes, quotizando-se para offerecer a S. A. espontanea e, talvez, ironicamente, os capitaes subscriptos e depositados no Banco do Brasil, e cujas rendas se destinavam ao custeio do ensino inferior. Era insufficiente, mas era louvavel. Viria depois o arratel da carne verde com o rendimento do *subsídio literario* augmentar a porção, sem que das arcas do Reino se resolvesse o Principe a sutrahir uma quantia razoavel á diffusão do ensino, o que levou um chronista elegante e independente, Moreira de Azevedo, a traçar uma fria e acida analyse do que fora a instrucção publica nos tempos coloniaes, pelo orgão do Instituto Historico. Posteriormente um decreto propiciatorio, nos agitados e incertos instantes que precedem ao movimento emancipador, deu a qualquer individuo autoridade de ensinar a ler e a escrever, abrir collegios, propagar idéas boas ou más, ainda mesmo que nenhum titulo digno fosse apresentado. A nossa legislação sobre o ensino primario assenta, pois, uma lei de exclusiva desordem, que parece ter servido de mo-

(1) Até esse tempo, depois de soffrido e experimentado a influencia de dois dominios diferentes, o hespanhol e o hollandez, tanto num como no outro, entregue á corte valletudinaria do Cardeal Henrique e dos Philippes, como á dynamica feliz do principe Nassau e da "Companhia das Indias Occidentaes", o Brasil permanecia com o seu problema educativo "quasi virgem".

E' que o conde flamengo, preocupado em assegurar a sua victoria no continente e, por outro lado, em crear uma sala de armas para os festejos da heraldica e entusiasmo da aristocracia de Olinda, não teve tempo de olhar o resto das cousas.

delo amado, modificada com o decreto de 29 de janeiro de 1823, de D. Pedro I, que creou os monitores. Pela carta de Lei de 15 de outubro de 1827, adoptando o apprendizado mutuo, determinou-se que em todas as cidades, villas e povoações se creassem tantas escolas quantas se fizessem necessarias á alphabetisação. Os homens desse tempo, observa um fino chronista, perderam, como se vê, a melhor occasião de tornar efficaz o desenvolvimento da instrucção primaria, por influencia do meio hostile.

Mais tarde foram exigidas provas publicas de idoneidade para ambos os sexos, depois do que eram os professores considerados vitalicios, e só demissiveis por sentença judiciaria. Essa benefica lei fixou os honorarios e aboliu a sentença dos castigos corporaes. A esterilidade de antes mudou-se, repentinamente, numa floração de leis. Os bisonhos legisladores do Imperio entraram a namorar o problema, e delle se valiam como um recreio agradável ao espirito inquieto e curioso. Pelo art. 10, § 2.º do Acto Adicional, passou á alçada das assembléias provinciaes a faculdade de legislar sobre o assumpto, acreditando-se, como se acreditava, na tendencia de cada homem para estender a fé. Mas os ressaibios da desorientação, que ainda se espalhavam em todo o Paiz, commoveram a estirpe dos politicos imperiaes, desde Campos Vergueiro a Bernardo de Vasconcellos, o exaltado tribuno da Regencia. Soffreu ali o lencasterianismo o primeiro golpe do Estado, resistindo tanto quanto lhe era possivel, até que a autorisação concedida ao governo para reformar o ensino primario e secundario da Côrte veio trazer uma esperanza mais feliz. Foi então que se dividiram as escolas em duas classes: de 1.º e 2.º graus.

Em cada parochia, reza a noticia dos factos, era obrigatoria a existencia de, pelo menos, uma das primeiras. Impuzeram-se multas aos paes, tutores ou curadores que mantivessem á sombra dos penates creanças maiores de sete annos, sem incapacidade physica ou moral, e não nas enviassem a frequentar as aulas.

No regime dessa lei, que instituiu tambem o methodo simultaneo, só era permittido abrir collegios mediante approvação previa do inspector geral e aos maiores de vinte e cinco annos, provadamente habilitados em publico. Modificava-se, assim aos poucos, a legislação da escola primaria, abrindo-se ilhargas ao grande debate civico em que se empenharam na defeza de poderosas idéas, Paulino Soares de Sousa, João Alfredo, Ruy Barbosa.

A Leoncio de Carvalho coube a gloria de obter, pelo dedreto n.º 7.247, de 19 de abril de 1879, a lei que compellia a cursar disciplinas do 1.º grau todos os individuos de ambos os sexos, de 7 a 14 annos de idade, residentes a distancia menor de um e meio kilometro para os meninos, suavizadas um pouco as distancias para as meninas.

Atravessando um periodo mais liberal, já se promptificava o Estado a amparar a pobreza infantil, dando-lhe vestuarios e livros. O numero de escolas augmentava, reclamando um instituto destinado a formar educadores, quando a 5 de abril de 1880 abriram-se as aulas da Escola Normal do Municipio, fructo do decreto n.º 7.684, de 6 de março do mesmo anno. A luta pela theoria começou a intensificar-se, a desdobrar-se. O projecto Sousa Dantas dá origem ao formidavel parecer do relator da commissão de instrucção publica na Camara, Ruy. Aprimorado e classico, o então deputado pelo Estado da Bahia consubstancia no seu trabalho a clareza e a ordem, o fino gosto, assegurando a liberdade de ensinar, a laicidade e divisão dos institutos primarios em: *jardins de infancia, elementares, medios e superiores*. E justamente quando a relevantissima questão parecia ganhar harmonia e finalidade pratica, o movimento lyrico de 15 de novembro mudou a feição politica do paiz, obrigando-o a esquecer-se de suas cogitações intellectuaes, para embalar-se ao rythmo da musica victoriosa

da joven democracia. Silveira Lobo não consegue desenvolver as possibilidades que levava para a pasta que lhe foi confiada. O momento era de Benjamin Constant, e o grande Ministro delle se aproveitou para remodelar a instrução primaria, livre, gratuita e leiga, intervindo para que o ensino primario viesse a ficar a cargo da Municipalidade, cousa em que, parece, não andou com muita sabedoria, por não ter a faculdade de avaliar prematuramente a tempera dos futuros legisladores municipaes.

A Constituição Federal, em seu artigo 35, attribue ao Congresso, privativamente § 4.º — prover a instrução secundaria no Districto Federal, — eliminada a palavra — primaria — que figurava no projecto de 90.

Eis, segundo o testemunho de varios autores, a obra lenta e mofina do nosso credo educativo. Como é de ver, pelo que ahi está exposto, não conseguiram os varios matizes administrativos emprestar uma côr sadia ao organismo escolar. E, se não permanecemos naquillo que eramos, pouco fez, para nos animar, a caricia do poder publico. Nada importa. Devemos apenas nos recordar que ainda temos em nosso favor o minuto de Ariel, e que a toda hora o homem pode libertar-se da gleba, para ascender á luz.

Recordemos a hora que findou, sem prolongar o instante de desanimo que vem do éco immemorial. Problema como este que temos em mãos não se resolve pelo simples desejo ou pela amarga indiferença dos governos aleatorios que chegam, e dos governos voluveis que passam.

Nas cidades como nos campos, á ilharga de um repuxo elegantissimo como ao lado de uma fresca cisterna, velando a limpidez da agua que corre, é sempre possivel ao homem ser dono de seu desejo, e poder dar um cantaro de agua a quem lhe pede, e fazer com que, ao seu redor, não falte o licor que gerou a primeira alegria.

Rio, 1923.

OSWALDO ORICO





O EXCOMMUNGADO

NAQUELLE fim de anno de chuvas escassas, o céu varrido, sem nuvens, tinha a vaga apparencia de uma cupula de fornalha em combustão. Soprava um vento de morte, desalado, quente, um vento irrequieto e irritante que passava desvairadamente arrepanhando raras e resequidas folhas que, de envolta com o pó das aridas planicies arremessa para o alto, em torvelinos desordenados. Extinguiam-se as "aguadas". O incendio lavrava nas mattas e campos. Via-se, de onde em onde, no silencio das noites calmas, illuminadas pelos morros alterosos, o vulto das chammas ensanguentadas que desciam vertiginosamente, ora colleando os troncos de enormes vegetaes, ora deitando-se ao sabor do vento sobre vastos e indefesos tabocaes, onde tinham um quasi movimento de resáca, recordando um vasto mar flammivomo.

Ouviam-se estalos sinistros, revoadas assustadas, asas inquietas, silvos continuos...

Subia o fumo em novellos, ondulando... E os graviões piavam tragicamente por cima... E o gado descia desoladamente cambalhotando na sua compostura de mumia resequida, alongando docemente os grandes olhos soffredores, faminto, á cata dos joazeiros frondosos e das macambiras rasteiras, ou procurando dessedentar-se nas velhas cacimbas extinctas onde, não raro, succumbia de inanição.

E o capitão José Joaquim da Silva e Souza desesperava na lastimosa impotencia de soccorrer, de salvar aquelles queridos animaes tão meigos, quasi humanos, que constituíam toda a sua fortuna, o producto da sua actividade e economia o resultado dos mais dolorosos trabalhos, das mais arduas vigílias.

Toda a sua fortuna consistia realmente naquella fazenda, nos *Poções*, que elle, *com as lagrimas nos olhos, via agora perdida, quasi no casco*. Era para desesperar. Em vão fitava o céu impassivel, que se desdobrava por cima, perscrutando no vacuo, no illimitado, uma nuvem, uma só que fosse a precursora da mais remota esperanza!

Em vão mandava fazer preces e atirava-se elle proprio de joelhos e mãos postas, olhos constrictos, beatificamente, aos pés das imagens, rezando,

esmurrando o peito. Em vão! Tudo falhava! Tudo parecia conspirar-se contra elle! Cada vez o céu tornava-se mais surdo e inexoravel, o vento mais abrazador e inclemente, a canicula mais causticante e o incendio mais voraz!

— Isso são artes daquelle negro, dizia elle desconsoladamente, referindo-se a um santo de casta de quem, na sua insania fetiche, suppunha andar recebendo por ultimo algumas pequenas picardias. E emmagrecia. Perdia as côres, andava bambo, chupado. Passava noites e noites de pé, como um somnambulo, a matutar. Esse nesse crescendo de desespero a sua superstição chegou a um ponto tal que, com a maior irreverencia, retirou do oratorio que repousava sobre a mesinha de um canto do quarto de dormir, o seu supposto inimigo, um S. Benedicto que era a mais antiga reliquia da familia, o orago dos Silva e Souza, o santo mais milagroso da redondeza, e ante o qual elle se habituara a curvar-se tantas vezes respeitosa e quando criança. Atirou-o brutalmente para cima do parapeito da varanda e, tomando com a maior sencerecermonia um chicote que pendia de um torno proximo, começou a espancal-o, entre os insultos e blasphemias.

— Toma!... patife! Pois tu pensavas que isto havia de ficar assim; que era só acabares com o meu gadinho, me deixares para ahi, na miseria, *no pó da terra*, como qualquer coisa inutil e ficares depois a saborear os terços e as missinhas que eu, ainda por cima, mandasse rezar em tua intenção?!... Estás muito enganado, tratante!

E com um certo ar impertinente de desprezo e superioridade desdenhosa:

— Eu não te dizia... eu não te dizia... Anda, se és capaz, mexe-te, grita, faze um milagre, chama teus parceiros que eu quero ver quem te acóde!

E o açoite cahia. O santo ficou como estava, — mudo, impassivel, sereno, dentro do seu habito de madeira escura, o longo cordão esbranquiçado a pender-lhe da cintura e o seu eterno sorriso bonacheirão nos labios pintados a carmim. Dir-se-ia que, naquella occasião, o seu espirito seraphico, andava longe, muito longe, nas escarpas montanhas da Sicilia, a rever-se, quem sabe! zagalejo a pastorear o gado de Vicente Manafferi — amo de seu pae, ou arroteando a terra, a grande mão fecunda e creadora, ou entre os cegadores desconhecidos que o crivavam de motejos e de insultos mordazes quando o afamado emitão, Fr. Jeronymo Laça, ao defrontal-o na villa de S. Fradelo, como inspirado, predisse a sua futura gloria e santidade!

Parecia que o santo sorria interiormente a essas gratas reminiscencias. Quem sabe! Talvez lhe passasse pela mente ainda a santa convivencia com os ermitões de S. Domingos, onde vestira o habito de frade ermitão de S. Francisco e começara o seu noviciado; ou os rigores das penitencias — descoberta a cabeça por mais intenso que fosse o sol e asperos os ventos, arrostando abrolhos e neves quando andava, á imitação do glorioso S. Paulo, primeiro ermitão, tão sómente coberto por uma espessa tunica que tecera com as suas proprias mãos; embora reconhecesse que lhe não permittia taes excessos a inclemencia dos ares daquellas serras, ou a communitade solitaria á margem do rio Platani, perto da villa de Refandal, ou Mancufa, na comarca de Paternico, ou o convento de N. S. da Daina na terra de Marineo!

E, a perder-se, a enredar-se nos escaninhos encantadores daquellas recordações deliciosas, quem sabe! resvalava-lhe involuntariamente a imaginação para os prodigios estupendos que operara o simples auxilio de sua extraordinaria virtude de santo! E como numa grande desfilada phantas-

magorica passavam talvez ininterruptamente ante os seus olhos, em extasis, a resurreição do filho de Leonor de Ferro, morto estupidamente sob as rodas de um carro, a do filho de Nicolau Ferreri de Palermo, e as curas extraordinárias realizadas em d. Lauria Monta-perto, irmã do barão de Refandali, em Baptista Stangheta e outras... e outras... e outras...

Bons tempos! Ah! antigamente os homens tinham fé. Valia a pena! Hoje em dia... Teve como um sorriso de escarneo. A sciencia mette-se em tudo... explica tudo... Extinguiram-se os milagres... A cegueira humana!... a grande cegueira... ah! já não ha respeito sobre a terra! parecia querer exprimir a sua phisionomia como profundamente tocada de uma resignação sobrenatural. Entretanto o capitão José Joaquim da Silva e Souza continuando a esbordoal-o:

— Ahn! conheceste, proseguia desvairadamente. Agora é que tu has de ver o que é bom.

E, depois de ensebar cuidadosamente, demoradamente, a cabeça do santo, collocou-o no vasto pateo da fazenda, onde o sol esbrazeava. Teve em seguida como um riso satânico. E regressou ao alvarandado onde a mulher, que só então presentira o estranho sacrilegio, lhe sahiu ao encontro, reprehensiva:

— Você está doido, seu Zé Joaquim! Pois você teve coragem de fazer uma cousa dessas! Virgem Maria! Que homem!... E ia correr horrorizada em soccorro do santo, quando elle a deteve brutalmente.

— Não se importe, já ouviu?... Não tem nada que ver com isso!

— E o castigo, meu Deus do céu! fez ella erguendo os olhos para o alto.

— Cale-se, já lhe disse! E empurrou-a rudemente. A pobre senhora julgando ver qualquer laivo de demencia no brilho de seus olhos delirantes, afastou-se choramingando. — Estaria doido!?!...

E o sol fuzilava. Um halito de fogo soprava intermitente... Mas, á proporção que o sebo se fundia na cabeça do santo e cahia longamente, como lagrimas silenciosas, do rosto sobre as amplas dobras de seu manto, o oriente cumulava-se de nuvens promettedoras e corria uma viração mais fresca... Ouviu-se um trovejar longinquo, e, quasi imprevisadamente, começou a desabar o maior *pé d'agua* de que se teve noticia e que iniciou naquelle tempo o grande, o fecundo inverno que ainda hoje se recorda com saudades...

Em breve repontava a habugem, a pastagem crescia, os correios murmuravam por entre os vastos palmeirões esguios onde as tribus vastissimas dos chicos pretos e dos reongos descantavam estridulosamente fabricando ninhos, e as trepadeiras ostentavam as suas multiplas rêdes de um verde glauco matizado de flores, que as abelhas conquistavam enxameando... O gado nédio, sadio, saracoteava nos campos. Voltara á bella fazenda, que mantinha agora um aspecto sorridente, a alegria, a graça, a abastança de outros tempos... O berro dos bezerros voltara a povoar as noites chuvosas de abril com as suas notas melancolicas que se casavam ao continuo coaxar dos sapos e aos cantos nostalgicos e distantes de bandos e bandos de marrecas que varavam a noite escura. A parição duplicara e, em breve, a fazenda dos Poções tornara-se uma das mais prosperas do municipio. E o capitão José Joaquim da Silva e Souza, de uma feliciade rarissima em todos os seus empreendimentos, era apontado com o dedo.

— Parece ter pauta, diziam.

II

Longos annos passaram; passaram invernos, outras seccas passaram; vastas copias de acontecimentos mais ou menos importantes succederam-se alternativamente sem que de leve se alterasse a quieta e remansosa paz do proprietario dos Poções e nem tão pouco apagasse da memoria do povo a reminiscencia daquelle facto que se propalara e se divulgara com todos os fastigios de uma lenda que, á semelhança da que em epocha muito remota envolvera a historia de certo Rabbi da Galliléa, só tendia a engrandecer-se e transformar-se á proporção que se afastasse do logar e do tempo em que se havia realmente originado.

Effectivamente, apesar da tranquillidade e franca abastança em que vivia o capitão José Joaquim da Silva e Souza, creou-se em torno de seu nome uma atmospheria de horror supersticioso que quasi o affastava do convívio e contacto da maior parte dos seus vizinhos.

Temiam-n'o e evitavam-n'o. E elle o sabia! Ah! quantas vezes, quantas! não divisou em seu caminho velhas beatas que, ao presentil-o, se affastavam tremendo, a persignar-se em nome do *Padre, do Filho, e do Espirito Santo*, ou a pedirem numa supplica afflictiva que Deus as livrasse do excommungado!... Attribuiam-lhe factos estranhos, coisas exóticas. Dizia-se que elle todas as quintas-feiras, ás horas mortas, ia presidir pessoalmente a assembléas exquisitas e suspeitas: que tinha grande affeição a animaes condemnados, ao passo que se afastava ostensivamente dos logares sagrados, e quejandas frioleiras.

Não se importava. Que o julgassem como entendessem, dizia elle sorrindo. E assim ia vivendo calmamente, pacatamente, sem incidentes em sua bella fazenda quando, após um ligeiro resfriamento apanhado improvistamente, prostrou-se, certo de que nunca mais se haveria de erguer. Jámais se soube porque elle o affirmara com tanta segurança, mas o facto é que foi peorando... peorando... e no setimo dia da molestia, todos, convictos de que se cumpriria fatalmente o estranho prognostico, rodeavam-n'o cuidadosamente quando por toda a casa e sem causa alguma conhecida rolou um barulho infernal, — as portas bateram todas, ao mesmo tempo com um estrépito horroroso. Parecia que andavam despedaçando os moveis, arrastando correntes monstruosas, atirando pesos descommunaes sobre o telhado...

— Que seria?

— Jesus!

— Maria!

Ficaram todos como assombrados. Pesava um arrepio de medo. As luzes tremiam. Havia no ar como uns tons de mysterio; até os mais animosos se acovardavam.

— Que seria?....

— Vamos ver!

— Vamos!

E correram atabalhoadamente toda a casa investigando, sem resultado, a causa do estranho ruido.

Todos os moveis estavam nos logares respectivos. A casa permanecia em repouso. Não havia a menor alteração.

— E esta!

— Na verdade!

— Que seria?

— Quem sabe!

— Isso são artes do *tinioso*!

Qual, o que!...

— Não duvide. Olhe que eu tenho visto muita coisa neste mundo velho, não duvide.

— Porque?

— Ora... ora... onde você estava? Pois você não viu que aquelle barulho se deu justamente quando o homem fazia o *primeiro termo*?

— E d'ahi?... — Ora, d'ahi é que isso é por causa daquelle historia do santo. Você não se recorda? Eu nem lhe digo... Concluíram quasi em segredo voltando ao quarto do moribundo, desconfiadamente, aterrados, benzendo-se...

Accenderam velas bentas, queimaram folhas de pindoba graciosamente fornecidas pela egreja aos domingos de ramos, e, como lembrassem a efficacia de um terço em casos identicos, accorreram pressurosamente ao oratorio. Mas quando o abriram estremeceram ainda ouvindo como um bello rumor de asas que se desdobravam e fugiam imperceptivelmente por cima de suas cabeças e depois, immediatamente depois, rodopiou por toda a casa como um turbilhão diabolico.

Apagaram-se subitamente todas as luzes, entrechocaram-se novamente as portas e janellas com um estampido medonho, reboaram louças no chão; estridularam chocallhos, ralampejaram, correram chammas sulfureas... Parecia que andavam esganando alguém a um canto. Houve gritos desesperados, blasphemias, gemidos estertorantes, assovios, risadas sardonicas, guinchos medonhos...

— Jesus! quem nos acode!... E quando, findo o incidente, reaccenderam as velas e procuraram acercar-se do doente, estremeceram horrorizados ante a rede murcha, bamba, vazia...

E, em vão, pesquisaram toda a casa, a circumvizinhança, tudo... O capitão José Joaquim da Silva e Souza, morto ou vivo havia realmente desaparecido sem deixar o minimo vestigio de sua passagem.

Todos os moveis estavam nos logares respectivos com o mesmo aspecto somnolento anterior, — só o oratorio, ah! só o oratorio estava deserto...

— E o santo!

— Virgem Maria!

Só então se recordaram do estranho rumor de asas que ouviram ao abril-o e quasi numa só voz:

— Era o santo!

— Se era!...

E, como tocados pelo mesmo pensamento, recordando talvez o candido aspecto que apparentara o glorioso S. Benedicto quando se manifestara á veneravel irmã Benta Nastafi ao devolver ao céu a seraphica essencia, na mesma occasião do seu sumptuoso trespasse:

— Pois era o santo!...

E sahiram aterrorizados, atabalhoadamente, ás carreiras, de roldão, *fazendo figas*, numa algazarra:

— T'esconjuro, mafarrico, pé de pato!

JOÃO PINHEIRO.



CAPITULO DE UMA BIOGRAPHIA PERDIDA DE CAXIAS

Eudoro Berlink, escriptor rio-grandense, que com grande brillantismo atacou sob o pseudonymo de Cassius a administração Sinimbu, dedicou os ultimos annos a uma biographia do duque de Caxias.

A obra começou a ser impressa na typographia Laemmert, mas a morte do autor e os varios successos que extinguiram aquella firma tão benemerita das letras patrias subverteram-na na voragem.

Salvaram-se alguns capitulos de que é possuidor o sr. Cassius Berlinck da Bibl. Nacional. Começamos hoje a publicar os fragmentos.

Quem sabe se não apparecerão outros?

Rio

C. A.

A NOMEÇÃO de Elisiario fôra consequencia da mudança politica operada no Rio de Janeiro. O regente padre Feijó resignara o poder antes de findar seu quatriennio, confessando-se impotente para conseguir medidas legislativas que sanassem os males do paiz. Abandonando o poder supremo em 19 de Setembro, na vespera nomeara ministro do Imperio Araujo Lima, futuro marquez de Olinda, que assumio o cargo de regente, organisando novo ministerio e entrando para a pasta do Imperio Bernardo de Vasconcellos.

Annunciando uma politica vigorosa assim se exprimia o nôvo ministro do imperio em circular aos presidentes de provincia:

“ Não ignora Vmce. que uma facção armada na provincia do
“ Rio Grande do Sul, atropelou as leis, destruiu o socego, depoz
“ a legitima authoridade, menoscabou todas as ordens do governo

“ imperial e por fim arrojou-se a proclamar um governo republi-
“ cano. A' ninguém se esconde que debelar e escarmentar a rebe-
“ lião é um dever de todos os brasileiros, é o interesse vital da
“ verdadeira liberdade, essencialmente ligado á união e integrida-
“ de do Brasil. O governo não perderá instantes, não poupará es-
“ forços para restaurar ali o imperio da lei! Possam as calamida-
“ des que o crime despejou naquella provincia fazer cahir a venda
“ aos fanaticos avessos ao nosso regimen!”

Esta linguagem inteiramente nóva, acompanhada de uma anistia do Regente em 6 de Outubro, acentuou nóva phase na politica central a respeito das cousas rio-grandenses.

Até então camara e governo mantinham-se em uma attitude vacillante, mostrando as discussões dessa epocha que nem o caracter, nem as tendencias da comoção erão conhecidas. A voz de Araujo Ribeiro não conseguia dissipar a impressão da defesa que por veses tiverão os republicanos na representação nacional.

O desembargador Velloso Paranhos tambem deputado pelo Rio Grande auxiliava seu collega, mas nem um, nem outro levavam ao governo de Feijó a convicção da verdadeira marcha a seguir nos negocios do Rio Grande. O deputado pela Bahia, Ferreira França, chegou mesmo a dizer que se os rio-grandenses queressem ser independentes que o fossem com tanto que liquidassem as contas com o Imperio, pagando o que devião. Se as idéas por vezes originaes de um talento tambem original não prevalecião, contudo a camara regateava e discutia a concessão de forças, a mobilisação da guarda-nacional e a prejudicial idéa do engajamento de forças estrangeiras. *) Por todos os lados a revolução do Rio Grande era explorada, sem proveito e antes com prejuizo da causa nacional.

Taes discussões só servião para animar os rebeldes, cujo governo levantara um emprestimo de trescentos contos. Fôra elle um pouco forçado, mas a população interior que não via uma só força legal talar a campanha, nenhum successo de armas alentar a fé monarchica, e antes desastres parciaes a desmoralisal-a, principiava a crer que o governo central abria mão dessa porção do imperio. Aproveitavão os rebeldes essas lutas parlamentares e as comentavão a seu geito no jornal *O Povo*, fazendo crer a todos que as camaras não concederião auxilios, que as comoções do Pará, Sergipe e outras provincias reduzião o governo á maior impotencia e que um ultimo esforço da revolução anniquilaria as praças, que ainda resistião ás armas da intitulado republica.

A esses boatos, fundados na inacção do centro que pouca ou nenhuma força enviava para a provincia, á especie de coacção em

*) Um projecto mesmo para o reconhecimento da independencia do Rio-Grande foi apresentado e regeitado.

que sempre esteve Nunes Pires pelo circulo exaltado, se deve talvez o rompimento do convenio de 20 de Maio celebrado entre Greenfell e Crescencio e a volta de Netto para sitiar Porto Alegre. Dentro desta cidade reinava uma continua agitação e aos males de rigoroso sitio, ás penurias da vida quotidiana, juntava-se ainda a irritação pela luta intestina, que produzia sempre um ou outro desacato publico.

Ao tomar posse Elisiario estavam as cousas mais ou menos nessas circumstancias, mas os reforços de tropa vinda da côrte e a esperança de uma melhor era, alentaram os defensores da integridade nacional. A fé profunda destes, a dedicação á causa legal e os rancores que cada vez mais se accentuavão contra o partido republicano, erão elementos fórtissimos para a administração.

O novo Presidente principiou com prudencia a sua gestão dos negocios publicos.

Instruido pelos descalabros de seus successores, pela discussão das camaras, e pela politica prudente, mas vigorosa do gabinete Vasconcellos, os seus primeiros passos trazem certo cunho de moderação, que mais tarde devia perder-se no torvelinho de multiplos desgostos.

Assim ao publicar a proclamação do novo Regente de 6 de Outubro, que era um verdadeiro alento á legalidade descrente, acompanhou-a de outra em que chamava ás fileiras imperiaes não só os legalistas, mas ainda os dissidentes, nas seguintes palavras.

“Na qualidade de delegado do governo religiosamente seguirei o que nella se declara e o que a Constituição reformada e as leis marcão. Plena protecção aos legalistas, acolhimento franco e leal a todo e qualquer cidadão, que até aqui illudido pelos rebeldes, venhão sinceramente arrependidos buscar guarida nas bandeiras da legalidade e guerra constante aos sediciosos, que esquecidos da patria e das leis da humanidade emperrados continuarem a nutrir o monstro da anarchia que tem vilipendiado e destruido esta provincia, eis o que me cumpre e o que hei de praticar.”

Estas promessas de Eliziario eram garantidas com a proclamação do Regente e com 600 homens de tropas idos do Rio. Novos reforços partião de Pernambuco, posto que á revolta do Rio-Grande se unisse a de Pará, e logo em seguida a da cidade da Bahia, proclamando sua independencia durante a minoridade do Snr. D. Pedro 2.º. Esses variados movimentos não impedião o novo gabinete de preparar contingentes para reforçar as forças imperiaes do Sul, chamando em diversos pontos do paiz a guarda nacional a destacamento, e animando a corajosa dedicação dos monarchistas rio-grandenses.

No interior da provincia um movimento todo favoravel á legalidade se pronunciava, e o marechal Sebastião Barreto, reunindo-se a Vidal e a outras forças no municipio da Cruz-Alta, appareceo em frente á cidade de Porto-Alegre, na margem direita do Guayba, no dia 16 de 9bro, com 400 homens. Foi buscal-o o Presidente a 11, e organisando uma divisão das trez armas, confiou-lhe o commando, em uma ordem do dia notavel pelos sonoros encomios, que prodigalisava a Barreto.

Regressando ao Sul deo novas disposições á divisão que guardava a margem direita do canal de S. Gonsalo, nomeando seu commandante, o visconde de Itapagipe (Calmon) e commandante da 1.^a brigada a Silva Tavares. As canhonheiras e lanchões continuavão a guardar o rio.

Pelo lado dos rebeldes, Netto e Crescencio mantinhão a margem esquerda, estando geralmente o segundo no passo do Acampamento, sobre o rio Piratynim.

Em frente a Porto-Alegre José Mariano de Mattos e Marcelino José do Carmo com 1600 homens continuavão no sitio acampados a uma legua de distancia e entrincheirados no forte, que a meia distancia havião construido na estrada do Passo da Áreã.

No Triumpho, Joaquim Pedro Soares, com o titulo de ajudante general do exercito rebelde, tinha 200 homens.

Bento Manoel, vindo do interior, reunia-se a Bento Gonçalves e marchavão para reunirem-se a José Mariano de Mattos.

Loureiro finalmente preparava-se para operar com 500 homens por cima da serra onde se achava o chefe rebelde João Antonio.

Nesse momento as forças legaes orçavam por 5.000 homens, das quaes tres mil em P. Alegre. Os rebeldes tinham o mesmo numero em armas. Resolveo Elisario, moralisado com os reforços recebidos, e com a adhesão que ia conquistando de moderados e exaltados, emprehender a campanha que julgava decisiva contra a revolução. A sua primeira operação tinha por objectivo atacar os sitiantes, flanqueando-os com uma columna que seria coadjuvada no ataque por um movimento de frente da guarnição de P. Alegre e evitar a juncção das forças de Bento Manoel.

No dia 29 e 30 de Janeiro de 38 passarão as primeiras forças para a margem opposta do Guayba (Picada), ao mando do marechal Barreto e reunindo-se a ella Elisario passou o Jacuhy para a margem esquerda no dia 3 de Fevereiro, atravessando o rio Cahy a 5, e entrando a 7 em S. Leopoldo, apenas com o fogo de algumas guerrilhas das avançadas.

Diante desta manobra levantaram os siteados acampamento em frente da capital e marcharam para a serra, queimando os

reparos de artilheria, enterrando esta, e abandonando a bagagem pesada. Dirijindo-se para a serra forão ter á provincia de S. Catharina, tomando a villa de Lages e vindo mais tarde varar pelo Mato Castelhana, sem que as forças legaes ao mando de Loureiro os impedissem, por se terem dispersado.

Elisario continuou na perseguição infructifera da columna rebelde, e reforçando-se com as forças de Manoel Bento e José Ourives, retrocedeo para a capital vindo acampar no passo da Cachoeira sobre o Gravatahy, em de 16 de Fevereiro.

Bento Gonçalves, que viera picando a retaguarda da columna imperial, retrocedeo na mesma proporção que esta, contra-marchou e veio para o municipio de Taquary, onde Bento Manoel tomou o commando da força, então de 1.000 homens.

No sul tambem a força de Crescencio tentou passar o rio de S. Gonsalo a 24 de Fevereiro e depois de forte tiroteio entre duas canhoneiras e a artilheria rebelde, desistio do intento.

Animado o Presidente com estes successos, que tinham libertado Porto-Alegre do cerco e impedido a passagem das forças rebeldes para a cidade do Rio Grande, resolveo penetrar para o interior com destino de levar as forças inimigas para a campanha.

No dia 6 de Março sahio de Porto Alegre com parte da divisão ao mando do marechal Barreto e dirigio-se para Taquary. Bento Manoel com sua força retrocedeo sobre a cidade de Rio Pardo. Seguiu-lhe a divisão imperial a marcha, e no dia 17 desde a ponte do Couto foi guerrilhando até a ponte de Rio Pardo, com o inimigo, que se ia retirando, acabando por abandonar a povoação e indo acampar para o lado das Pederneiras.

Parecia que tudo sorria á legalidade e aos primeiros ensaios d'armas do Presidente, commandante das armas, pois, tambem ao Sul, Calmon rodeava o S. Gonsalo e dispunha-se a encetar operações contra Pyratiny e Jaguarão.

Deixando em Rio-Pardo o general Sebastião Barreto com o 1.º e 2.º Bões. de caçadores, 500 homens de cavallaria, e diversos contingentes, formando um total de 1.700 praças com 8 peças de artilheria, no Taquary o 8.º Bão. de caçadores e ao longo do Jucuhy uma esquadrilha de canhoneiras e um vapor ao mando de Greenfell, regressou Elisario para Porto-Alegre.

Animara-se a capital já com o levantamento do cerco e abundancia de generos de primeira necessidade, já com o commercio que se desenvolvia com a posse de Rio-Pardo. Em poucos dias apportavão a esta cidade 90 grandes canoas carregadas de generos, que ali se depositavão esperando que as operações de guerra abrissem a campanha ao commercio, como havião aberto o rio Jacuhy ás communicações com a capital.

Rio-Pardo, que se achava despovoado e sem commercio, resurgio de um para outro momento, não só pela presença da tropa, como pelo trafego da navegação e commercio, que demasiado soffrego accumulava ali enormes valores.

Igual facto se dera, na defecção de Bento Manoel, com Caçapava, que, quando entregue pelo Coronel João Crisostomo da Silva, possuia valiosos depositos de mercadorias.

Ninguém duvidava então do resultado da campanha: e á posse da cidade de Rio-Pardo, guarnecida por quasi dous mil homens, dispondo de oito canhões, alem dos da esquadilha, e commandada por um experimentado militar, com valentes chefes, era cousa incontestada. De temerario seria taxado aquelle que ousasse sonhar com uma derrota dentro daquelle recinto, onde cada casa era uma fortaleza e um reducto.

Elisiario mesmo, não consentira em fortificações, que poderiam mostrar pouca confiança no valor das tropas, entregues ao mandado do general, a quem elle classificara como valendo um exercito para o triumpho da legalidade.

Era excessiva confiança sabendo-se que ante Rio-Pardo estava um general da tempera de Bento Manoel, habil em aproveitar de faltas contrarias. A essa já de per si valiosa consideração ajuntava-se a natural cobiça que deveria despertar a accumulção de tantos valores, representados em mercadorias para soldados que não recebião nem soldo, nem fornecimentos regulares de fardamento.

Muitas e lisongeiras erão pois as esperanças dos monarchistas, que almejavam ver terminar a revolução.

Não dormião porem os rebeldes, e ao passo que em Piratiny e Caçapava se fazião novas levas, os principaes chefes reunião-se aos poucos a Bento Manoel, que, evitando sempre combates com as forças de Rio Pardo, fazia propalar entre os legaes sua divergencia com os outros caudilhos e o desanimo das tropas revoltosas. *).

Pouco a pouco se forão reunindo as tropas rebeldes até formarem effectivos de tres mil praças, apparentando moleza e indolencia, posto que viessem ás vezes apanhar cavallhada legal. Com a noticia da divisão que entre elles reinava, e com essa apparente

*) Trabalharão os inimigos á noite e, quando de manhã sahião a descoberta legaes, escondião-se. Ao desconfiarem os legaes da existencia da picada não augmentou a vigilancia, apezar das ordens de Elisiario. Em vez de haver piquetes, contentavão-se com as descobertas diarias. Bento Manoel fez desertar algumas praças para os legaes, amestrando-os para dizerem que era grande a divergencia que existia entre elle e os outros chefes e que se via quasi só e isolado dos outros, e sem cavallhada e mais recursos de guerra. Acreditarão os imperiaes estas vozes e descuidarão-se.

inacção, descuidarão-se completamente os legaes, acampados em grupos separados e pouco vigilantes.

Aproveitarão-se disso os rebeldes e reunidos a Bento Manoel, ainda que sob o nominal commando de Netto, abrirão á surdina uma picada pelo Rincão D'El-Rei (Nacional), atterrando banhados e atoleiros com estivas feitas com os corpos dos cavallos magros. Com a maior ignorancia do marechal Barreto foi feito esse caminho.

No dia 30 de Abril de madrugada sahirão os rebeldes pela picada e cahirão sobre a cidade.

Pouca ou quasi nenhuma força tinha Barreto desse lado. A primeira envolvida foi a cavallaria, parte da qual estava desmontada e que fugio ao embate furioso da cavallaria rebelde, numerosa e sedenta de desforra. Os que poderão escapar pelos mattos ou ganhar a ladeira que conduz á praia, buscarão salvar as vidas, outras recuarão para o interior da cidade combatendo em completa desordem, e desenvolvendo-se terrivel carnificina em todas as ruas por grupos isolados.

Andrade Neves, José Ouriveis e outros chefes de cavallaria fizeram prodigios de valor, sem poder resistir ao impetuoso ataque dos rebeldes.

O 2.º Batalhão de caçadores commandado pelo coronel Guilherme José Lisbôa tentou tornar-se centro de resistencia, formando quadrado e resistindo ás cargas de cavalaria e ao fogo inimigo. Dizimado por enormes perdas foi o coronel intimado para render-se *). Recusou, e, com a bandeira nacional em punho, commandou pela ultima vez uma carga de bayonetta, cahindo morto e indo seus soldados espetarem-se nas lanças inimigas.

O combate degenerara em carnificina, os rebeldes perseguirão os grupos legaes, que fugirão, nas ruas. — partidos se chocarão e batião-se desesperadamente.

Muitos naquella horrivel scena de sangue vendiam caramente as suas vidas e a cidade alastrava-se de mortos e feridos, que eram indistinctamente pizados e esmagados pela cavalaria que perseguia os legaes debandados. Muitos officiaes superiores jazião mortos ou feridos nas ruas. Entre os primeiros, o bravo Lisboa, pranteado até pelo inimigo, o coronel Cabral de Teive, o major Epifanio, entre os segundos, o então major e depois marechal Lopo Botelho, retalhado de feridas; Andrade Neves e muitos outros.

Barreto, Calderon, Cunha e outros officiaes generaes buscarão a salvação fugindo para a esquadrilha. O primeiro tentara

*) Os rebeldes admirados da galhardia e valor de Lisboa, gritarão-lhe: — Rende-te, coronel valente — mas nada conseguirão. Lisboa procurou voluntaria morte, quando tinha decorosa rendição.

reunir a cavalaria dispersa mas a força que para esse fim mandou sahir no primeiro momento do combate cahio em poder dos rebeldes.

As canhoneiras legaes e o vapor que salvara muitos fugitivos descerão pelo Jucuhy, ainda sob o fogo da bateria, que fora collocada á margem deste rio pelos atacantes.

A's 11 horas do dia foi cessando o combate que degenerara em hecatombe.

Oito peças de artilheria, uma outra da esquadrilha, mil armas de infantaria, mil tiros de artilheria, 8.000 cartuchos emba-lados, o dinheiro da pagadoria, o municiamiento do commissariado, 300 mortos e feridos, 700 prisioneiros, e o resto estraviado fugindo para S. Amaro, taes forão as perdas das armas imperiaes. Os rebeldes tiveram uma perda não inferior a duzentas praças entre mortos e feridos. A' par do que pertencia ao exercito o prejuizo do commercio foi enorme.

Os depositos que ali se havião feito e que quasi todos forão saqueados montarão a somma não inferior a mil e duzentos contos *).

Não só o que existia na cidade, mas o que estava ainda a bordo das pequenas embarcações, no porto, foi presa do inimigo.

Vinganças e combates particulares augmentarão o horror da catastrophe que cobrio de luto a espavorida população de Rio-Pardo e de toda a provincia.

Esta noticia fulminára Eliziario, que mal pensava que tão desastroso fim teria a reputação militar do marechal Barreto, a quem tanto exaltara! Distinguindo-se nas guerras anteriores com os póvos do Prata, commandando uma divisão na batalha de Ituzãigo o ataque de Rio-Pardo foi o ultimo desastre de sua vida militar, pois pouco depois retirou-se para o Rio e tendo presidido á provincia de Minas, veio fallecer na cõrte em 1839.

Em toda a revolução um só ataque ou batalha se não deo nas condições de Rio-Pardo. Erão muitas as esperanças da legalidade, que orgulhosa das primeiras operações contava esmagar a rebelião. Eliziario mesmo em suas communicações para a cõrte manifestava claramente a convicção de que lhe caberia a gloria de restituir a paz e tranquillidade á sua patria adoptiva. Todas essas lisonjeiras esperanças desaparecião em um mar de sangue irmão!

Todos os calculos de uma politica previdente esbarravão ante os funestos effeitos da impericia militar.

Tremenda foi essa pagina de sangue e luto escripta por Bento Manoel e ainda hoje della tristes e sombrias recordações restão

*) Ordem do dia do general Netto.

no Rio Grande do Sul. Pagara Bento Manoel a Sebastião Barreto as balas que recebera, lavando as feridas com o sangue de seus compatriotas! Fizera em Rio-Pardo mais do que no Fanfla! *).

Immenso abatimento apoderou-se dos defensores da monarchia. A derrota de Rio-Pardo era dolorosa lição dos exagerados que haviam provocado a deserção de Bento Manoel.

Suas consequências devião por muito tempo pezar sobre as desmoralisadas fileiras imperiaes.

Porto-Alegre preparou-se de novo para o cerco e a pouca força que no Taquary ainda estava voltou para ahi, pois se aproximavão os rebeldes.

A divisão do brigadeiro Calmon, que se achava alem do rio Piratiny foi avisada em tempo do desastre de Rio-Pardo e teve ordem de retroceder para o Rio Grande.

Nos dias 2 e 3 de Maio, Calmon tivera continuos tiroteios com os rebeldes ao mando de Bento Gonsalves e Affonso Côrte-Real, passando o Piratiny sob a protecção das guerrilhas com mandadas pelo capitão David Machado e vindo acampar no arroio das Pedras.

No dia 7 continuou a divisão em retirada, sustentando sempre o fogo dos rebeldes. Fazia a vanguarda o coronel Silva Tavares e a retaguarda o major Manoel Luiz Osorio e tenente David Machado. No dia 9 a columna transpoz o S. Gonçalo protegida pelo fogo do batalhão provisório commandado pelo major João Nepumoceno da Silva, e uma linha de atiradores de infantaria ao mando do capitão Joaquim Pedro Berlink.

Acampou de novo a divisão nos Canudos. A legalidade que nos principios de 1838 estendera sua linha de operações pelo lado do norte até Rio Pardo e pelo sul pelos lados de Piratiny achou-se de novo em maio do mesmo anno reduzida ás primitivas posições de S. José do Norte, Rio-Grande, S. Gonçalo e Porto-Alegre.

A divisão do Sul escapara a um desastre imminente por que Bento Gonçalves e Côrte Real quando a 2 e 3 guerrilhavão e recuavão abandonando as posições aos legaes não fazião mais do que manobrar para atrahil-os para o interior, contemporisando até que chegassem os reforços sahidos ao mando de Netto de Rio Pardo.

Aniquilada ella, o Rio Grande e a barra da provincia cahirão logo em poder da rebelião e, cortadas as communicações

*) Escriptos contemporaneos accusam formalmente Eliziario de haver impedido que Rio-Pardo se fortificasse dizendo que era falta de confiança nas forças e valor das tropas imperiaes e medo das dos rebeldes.

maritimas, Porto-Alegre se renderia pela fome, quando não fosse levada de assalto por todas as forças da rebelião.

A rapida retirada de Calmon e Silva Tavares, coadjuvados pela boa vontade de seus officiaes e soldados, evitou uma nova e dessa vez irremediavel desgraça para as armas imperiaes. Ainda assim a divisão veio sempre acossada por Côte-Real e repassou o rio, quando ainda na sua retaguarda tiroteavão as forças de protecção com a vanguarda inimiga.

Grieenfell que a toda a pressa se dirigira para S. Gonçalo preparou-se para queimar o ultimo cartucho na defeza deste rio, como verdadeiro ponto estrategico de que dependia a salvação da legalidade.

Reapparecerão então as recriminações com tanto mais força quanto fôra a sua anterior mudez. Muito accusado foi o marechal Elizario de haver deixado Barreto isolado em Rio Pardo e a columna de Calmon no sul, nas mesmas condições, mas o que até este momento está provado é que o principal alliado do inimigo naquelle ponto foi a falta de vigilancia em Barreto, e negligencia das ordens superiores por parte dos officiaes commandantes das brigadas.

Elizario era realmente culpado da excessiva confiança de que se possuira ao ver coroadas de bons resultados suas primeiras operações e essa vaidade e sua confiança em Barreto denotão seu pouco tino militar, quando não o atestava pela inutilidade de sua primeira marcha. Os legalistas ultras não deixarão tambem de tornar Elizario responsavel por sua politica de moderação, attribuindo a ella o novo incremento que tomava a revolução e o desastre das forças legaes.

Nas camaras o deputado liberal Alvares Machado accusou energeticamente Barreto, apontando-o como acostumado a ser batido e attribuiu esse horrivel combate aos ultra-legaes, que havião sempre difficultado a pacificação e não sabião vencer pelas armas.

Defendeo Elizario provando que o ponto por onde o inimigo cahira sobre a cidade fôra justamente aquelle sobre o qual Elizario recomendara maior vigilancia, ordenando que ali houvesse força de observação, o que nunca foi cumprido. Com as proprias partes officiaes do commandante da divisão pretendeu justificá-lo.

Comparou o seu proceder com o do coronel Lisbôa, morrendo abraçado com a bandeira nacional. Igualou-o a João Chrysostomo da Silva que entregara Caçapava e a quem um conselho militar condemnara a dous annos de prisão, despindo-lhe a farda.

Apesar de todo o seu talento, Bernardo de Vasconcellos não pôde defender o marechal Barreto, a quem accusou de negligente e até de covarde.

O brigadeiro Cunha, que depois do ataque de Rio-Pardo viera a côrte, foi mandado recolher preso para responder por seus actos, pois contra elle em especial se elevavão accusações serias.

Mais tarde foi absolvido. A opposição liberal aproveitou todos estes successos, como antes a opposição conservadora aproveitara a defecção de Bento Manoel e a entrega de Caçapava e prisão de Antero para fustigar o ministerio liberal.

Apezar disso o gabinete de 19 de Setembro não esmoreceu e nossos reforços farão enciados das provincias e da côrte, fazendo o governo declarar oficialmente que não demittiria Eliziario, antes lhe prestaria toda a força para continuar a luta contra os rebeldes.

Até o fim do anno de 1838 tinham chegado ao Rio-Grande mais dous mil homens, procedentes do Rio, Pernambuco e Bahia, logo que terminou a revolução da Sabinada.

Para Santa Catharina e S. Paulo forão expedidas ordens para organização de columnas, que devião operar pelo lado do norte da provincia, evitando nova invasão em Lagere guardando a Laguna.

Ainda outras providencias partirão do governo central. Nova amnistia foi em 30 de Novembro concedida aos rebeldes, que depozessem as armas, e outro decreto de 19 do mesmo mez, providenciou sobre a sorte dos escravos arregimentados na rebelião, formando-lhe uma respeitavel infantaria.

Em virtude dessas disposições os escravos presos com as armas na mão deverião ser logo castigados com 200 a 1.000 açoites e enviados para o Rio, onde os seus senhores os poderião vender para qualquer lugar menos para o Rio-Grande. Os que se apresentassem serião alforriados e seus senhores logo indemnizados, sendo legaes, e o dinheiro depositado no cofre provincial para ser entregue depois da pacificação, se fossem rebeldes. Serião tambem os libertos por essa forma transportados para fóra da provincia. Essas providencias que davão a pedra de toque da energia do gabinete de 19 de Setembro e da politica do Regente Araujo Lima, continuavão a animar a legalidade, apezar da intriga sempre effervescente em Porto-Alegre.

EUDORO BERLINK.



O FUTURO DOS POVOS

§ I — *O Problema das Raças.* § II — *Os Dois Typos Humanos.*

O PROBLEMA DAS RAÇAS

I

É ERRONEA a convicção de certos juristas philosophos que insistem na affirmativa do perigo amarello como asiatica tempestade cahindo sobre a Europa e America para lhes annullar o predominio dos pelles alvas.

Comtudo o Brasil, ethnicamente, é um caso á parte: precisa de premunir-se contra os rebentos maus... O eugenismo o exige. Mas aqui o problema é de modo geral.

A especie humana — cume de toda a collectividade zoológica — tem evidentemente uma finalidade superior: a realisação ethnica da flor evolucional da raça, a sua feição ethnica e esthetica em todas as possiveis modalidades. Nunca poderia involuir. A natureza se encarrega de lhe traçar ideas communs de bem estar e elevação de sentimentos. Notam-se características moraes mais altas nos typos egualmente mais bellos e fortes: por exemplo essa curva progressiva que vai da Russia á Turquia, da França aos Estados Unidos e da Allemanha á Suecia... Raça superior é aquella em que mais fortemente se accentuam a for-

ça, a belleza e o talento em quantidades equivalentes: o desenvolvimento maximo e integral da belleza eugenica, isto é, physica, moral e intellectual. Nas raças mestiças essas qualidades ou não se parallelisam ou se absorvem mutuamente restando apenas uma ou duas predominantes. Entre as especies zoologicas o desequilibrio é total: formiga e elephante intelligentissimos são entretanto exemplares que nada teem de estheticos; do mesmo passo — as feras e os palmipedes, em que ao lado de impressionante belleza exterior a cultura mental mostra um estado lamentavel! Não ha como o acasalamento affinitivo e callipedico para a evolução da raça: onde prepondera o rapto — surge o monstro; onde só existem amavios — apparece o bello sem defesa; onde a consanguinidade — o louco; onde o hybridismo — o rachitico; onde a mentira — o ladrão. Em regra os grandes homens teem filhos nullos, porque cansado o cerebro de muito vibrar, no acto da transfusão do ser — não concentram toda a personalidade psychica — memoria, affecto, vontade e o electrismo mental.

Quando superiormente acasalados, os individuos da especie humana realisam triplice e efficazmente a evolução da força, belleza e talento: ao contrario, si as raças se confundem; o mestiço só herda uma ou duas destas qualidades.

Só nas raças superiores se conhecem superhomens, isto é, individuos geniaes e portadores de força ao mesmo tempo herculea e character diamantino. Entre nós, parece, essa integralisação psychica ainda não se deu, infelizmente.

Ruy era rachitico, Dannunzio, amoral — Hugo — mneumonico...

Nas especies zoologicas o pavão fez sua raça culminar e crystallisar na belleza das cores, — o condor — no arrojo do vôo, e o macaco — no desdobramento do instincto. Por ahi ficaram essas raças, provavelmente votadas a desaparecimento não remoto. Em summa, as raças fortes se caracterisam pela potencia mental: a intelligencia e a vontade energica fizeram do amphibio, atolados em charcos, o quadrupede de membros alongados, de que sahiram quadrumanos e aligeros, patas de reptis e asas de condor.

Neste caso todo esforço natural conquistando posições perdidas ou situações melhores é sempre evolução, renascimento. No conjuncto das raças, entre si, verifica-se que menos podem lutar simios e primatas, negros e amarelllos...; e dahi menor progresso evolutivo delles em confronto ao do pelle vermelha em contacto e crusa com os brancos latinos e os loiros escandinavos.

O papua é especimen decadente; o negro — consequencia do verão adusto que carbonisou quasi a epoca ternaria dos pro-

simios mastodontes e anthropoides. E' de geologia elementar que esse clima torrido, quasi irrespiravel — enegrecendo os dermas — banhava toda a Terra antes da tempestade de gelo do periodo quaternario. A lua, a enclytica e a imersão de continentes — consequencias correlactas — determinaram as zonas de temperatura — glacial e torrida, de que forçosamente resulta a differenciação de pigmentos, nas especies, e até de formas. Dos nubianos, malaio e mongoes — se originaram por sem duvida, o tronco commum: — mediterraneo e americano, que se fraccionaram apenas pela ruptura do globo.

Esse accidente desirmanizou as raças: louros se fizeram os do norte da Europa e vermelhos os das florestas da America. Dos 2 bilhões de homens no planeta quatro quintos são populações de cor... Ainda no tempo dos negros eram tão raros e apreciaveis os loiros, que, ao ver algum, exclamava o helleno: "Pois não és um Deus oh! tu que a pelle tens cor de neve, os olhos cor do ceo e os cabellos cor do sol?!" Hoje todo o norte europeu e a propria Siberia estão cheios desses *deuses*: evidente evolução das raças. O frio intenso aloura os cabellos e alveja os pigmentos. Nos polos, até o urso branco chega a ter olhos azulados. Contrariamente — a zona torrida: — em que tudo enegrece — arvores, homens, camellos e macacos.

Estudos recentissimos de geographia humana trazem a convicção de que era a Africa o berço da civilisação, mas a Africa quando ainda á Atlantida e á Lemuria...

Ahi esta por exemplo o âmago do continente africano como centro ainda da maior flora simia; e a America — como o de mais densa população de indios.

Em summa: a Africa — nucleo principal de macacos; a Asia — maior centro de microcephalos, e a America — territorio de indios. Para taes deducções não se confronta a Europa — por absoluta confusão de povos, nem a Oceania — por escombros de civilisações prehistoricas.

Em viagem recente ao interior da Africa, observou o principe Guilherme da Suecia o gorilla casado e com attitudes circumspectas, quasi humanas! Descreve em seu livro "Among Pygmies and Gorillas" que estando na fronteira do Congo Belga, entre os celebres vulcões Muhavura, Mgahinga e Sabinio encontrou esse animal a velar de noite, á bocca da caserna o leito de palha e raizes onde dormiam sua femea e filhos. E mais: que os pygmeus Wambutis, (negros anões, semi-pelludos com um metro de altura e gargalhantes ao fallar) ahi convivem com os citados gorillas na mais estreita camaradagem!

Não é demais insistir: a raça mais numerosa existente nos tempos de Homero era a dos "fortes ethiopes, nos desertos da Syria," conforme se infere do primeiro mappa mundi conhecido, e traçado segundo as descrições da Illiada e dos Sagas, mil annos antes de Christo. Esse documento accusa a existencia do copioso povo, anão e muito semelhante a simios, na zona hoje visitada pelo insigne viajante da Suecia

Confirma-o por outro lado Herodoto quando tambem fala desse povo simiesco, na predita zona "confinada no rio oceano que circunda a Terra". Ora, esses pygmeus pelludos e tartamudeantes "que enchiam os confins do globo" provam facilmente a possibilidade do povo animal ou "typo intermediario" que os rethoricos tanto e tão puerilmente discutem. Os povos que lhe succederam na Historia — os asiaticos — tinham de ser como são os mais numerosos e contemplativos da actualidade. A Asia de hoje, anquilosada e possante, representa a tartaruga antidiluviana em nossos tempos... Forçosamente os selvicolas succederam a esse povo vencido em todas as guerras... e hoje ainda sobrevivente e numeroso pela renuncia e pelas superstições. O indio delle se desmembrou vigoroso e insubmisso para povoar as regiões uberrimas mas eriçadas de perigo. Dessa raça synthese origina-se o autoctone americano — rijo e vermelho — eleito para substracto da raça vencedora. Nosso habitat, com os mais vastos oceanos, as mais ricas florestas — o modelo á sua imagem, com sangue rubro e musculos de aço! Delle nascerá o typo dominador da posteridade. Já se lhe acorrem pressurosos os leucocytyos das raças de alem-mar, borbotando nas arterias de Nova York, do Panamá, de Buenos Aires e do Rio de Janeiro. As immigrações torrentosas e seleccionadas aqui se estabelecem, segundo as affinidades caracteristicas das raças superiores, dos individuos abandonando as civilisações cansadas em que nasceram, aqui se renovam e fundem para dar inicio a um typo novo, a uma era nova, no ambiente virginal da America. Individuos e nações aqui se infiltrando, se accomodando produzirão a selecção natural das raças e dos exemplos, ao mesmo tempo modelando formas physicas, directrizes de caracter e aspirações de moral e esthetica. Ao se mesclarem as massas seleccionadas (ponham nisso todo o cuidado os governos) no solo immenso da America apurar-se-ão as differenciações ethnicas para o advento da raça superior, cujo typo adiante procuramos delinear.

II

E' da evolução humana presente que vamos tratar. Não raro complica-se o problema, por excesso de detalhes. Aos nossos olhos, poly ou monogenismo não tem o interesse que se afigura á maioria. O que nos cumpre saber ao justo é que em experiencias physicas de laboratorio, na combinação das cores, o preto produz o amarello e este o vermelho...

A Embryogenia, nas fecundações mestiças, isso mesmo confirma. A craneologia nos mostra na cabeça do amarello os mesmos caracteristicos anthropologicos do negro, excepta a incisão ocular; bem como no pelle vermelha — os caracteristicos essenciaes do caucasico, apenas abstrahida a cor. Prescindindo-se, o indice cephalico, a circumferencia do craneo, a qualidade do cabello, etc. (que pouco exprime na classificação das raças) podemos fixar, segundo a contextura histologica e configuração do facies — dois typos fundamentaes: o *amarello-negro*, de hombros estreitos, rosto e tronco compridos, (typo digestivo-respiratorio) e o *alvi-vermelho*, de olhos grandes, magneticos, orelha grande, fortemente debruada, baixa e inclinada para traz, o olhar altivo, o queixo accentuado e a fronte espaçosa (typo musculo-cerebral). Ainda a Ortogenese, explicando a theoria da mutação das cores, implicitamente separa estes dois typos de coloração, quando diz que "toda mutação na especie depende das cellulas germinaes, congenitas: seleccionar estas é melhorar aquella".

Dá-se com a reproducção entre os dois typos acima assignalados o mesmo phenomeno que com o enxerto vegetal ou a fecundação do asinino com o cavallar — a melhora do typو mata-lhe a reproductibilidade. Acasalando-se os amarello-negros entre si o producto evolue integralmente; do mesmo teor — os alvi-vermelhos entre si, porque a cruza dos grupos semelhantes produz seres superiores. Si porém a reproducção não obedece essa ordem — a evolução do typو será parcial, si evolução houver. Parece que o hybridismo é causa da variedade e successivo enfraquecimento das especies.

Os individuos do primeiro typو humano fundamental quando acasalados aos do segundo e vice-versa teem filhos menos prolificos, menos longiveros, e de mentalidade menos equilibrada: — ou demasiado força em detrimento da bellesa e do talento, ou predominio de uma dessas qualidades organicas, com ausencia de uma ou das duas restantes. Cada typو representa um acervo secular de assimilações e affinidades; e quando se baralha com outro typو as caracteristicas variam, mal se fixam as qualidades hereditarias ou influencias ancestraes e muito difficilmente o casal (alviver-

melho e amarello-negro) conseguirá reunir em sua prole as virtudes do typo ascendente, que lhe seja immediatamente superior. Só muito rara e excepcionalmente poderá reunir no cerebro nascente, em proporções equivalentes, o character, a intelligencia e a belleza — formando a linha geral do criterio humano. Ao contrario, quando as uniões se dão entre amarello-negros ou entre alvi-vermelhos, selleccionam-se e elevam-se os productos, sob qualquer ponto de vista, tornando-se, por isto, mais assimilativos aos progressos da civilisação. E' notavel a improductibilidade dos mestiços, tanto no genero humano, nas especies vegetaes, como no mundo zoologico. Faz crer até que o afastamento, entre si, das raças da Africa e da Asia, occasionaram uma grande involução á especie humana, que assim se atrophiam isoladas cada qual em seu tronco... Esse retrocesso não o terão a Europa e America, já agora acasaladas, como as arterias de um mesmo organismo, e ambas elaborando a humanidade futura. Estados Unidos e Argentina, Escandinavia e Germania são hoje entidades communs enlaçadas em todas as relações sociaes, scientificas e economicas da moderna sociedade internacional, sem patrias.

Nunca tão longe esteve o falado perigo amarello: o negro — producto remoto e evanescente — na fecundação se assimila facilmente a qualquer raça; — e não raro desaparece na terceira geração; ao contrario — o indio — raça do segundo grupo — cujos caracteristicos essenciaes persistem invariaveis até á sexta ou oitava geração. Esta fixidez de typo tambem no asiatico não existe.

Parece que a fixidez dos caracteres adquiridos nas raças, é-lhes expoente de superioridade. Nas superiores os typos alliam á bellesa physica grande e elevada cultura cerebral: á semelhança eugenica delles entre si (o sueco por ex.) unem a identidade superior nos moldes de educação social, igualitaria. Distinguem-se pelo equilibrio normal e predominante das personalidades — physica, moral e intellectual. Caracterisamos, ao contrario, a inferioridade de raça pela sua capacidade maior ou menor de mentir. A mentira, nos individuos, é ausencia de personalidade moral: assim como o mimetismo ou parasitismo no organismo das especies é symptoma de atrophia ou gradual desaparecimento.

Toda a ordem social repousa na união de esforços com a segurança e verdade dos compromissos assumidos. Dahi — a honra, as bellas acções e os sentimentos altos. Individuos sem character, Estados sem responsabilidade e nações sem consistencia e identidade são indices perfeitos das raças inferiores.

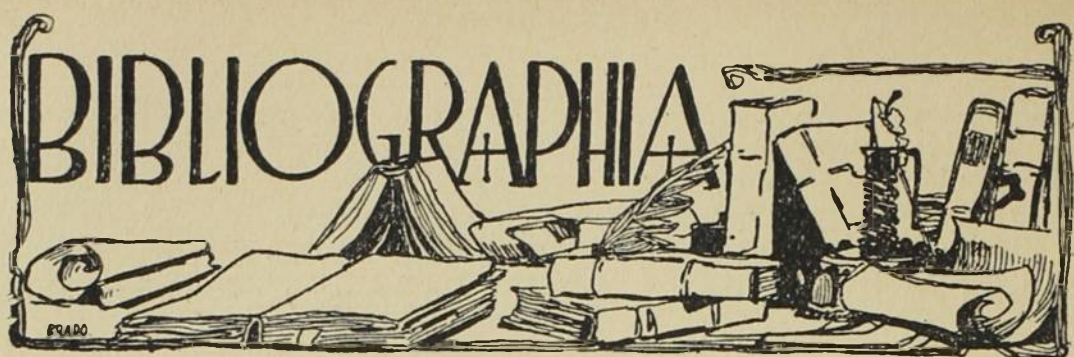
Não é na Africa, cujos antigos reis vendiam os subditos como mercadoria, nem na Asia mendiga, escravizando em feiras as suas

mulheres, tampouco na Europa enfeudalisada, mandibulando e a rugir tambores — que se ha de buscar o ambiente proprio ao advento da nacionalidade póstera e triumphadora, mas na America — liberta de mysticismos politicos e superstições religiosas — na America de Ruy, Wilson e Alberdi, da honesta educação dos filhos, dos homens livres, das mulheres nobres e dos lares dignos.

(*Continúa*)

VILLAR BELMONTE





Maria Eugenia Celso — DE RELANÇE... — Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo.

A Sra. Maria Eugenia Celso manteve, durante cinco annos, na edição vespertina do 'Jornal do Commercio' uma secção "Feminina", que se destinava a photographar aspectos da sociedade, reproduzir de carreira typos acotovellados na rua, fixar recantos de paisagens e focalisar impressões de momento.

Esses objectivos realisou-os plenamente, despertando inusitado interesse entre os leitores que porfiavam no desvendar o nome que se encobria sob mysteriosas iniciaes. Nem de outra maneira poderia acontecer, pois o autor se mostrava dono de um estylo de qualidades de observador, que jámais ninguém suspeitaria fossem de pulso feminino.

Revendo-as, escolheu a sra. M. E. C. as paginas mais caracteristicas, que reuniu neste volume. *De relançe...* porém, é titulo que não diz o que são.

Os trabalhos que o formam não têm o cunho de chronicas ligeiras que lhes quer dar a autora. Alguns são contos admiraveis a que nada faltam, outros satiras a estigmatizar usanças da "haute-gomme", outros critica litteraria em que se denuncia um espirito culto e perspicaz.

Livro de mulher, não o parece ser — e d'ahi seu valor superior aliás a muita obra de barbados que por ahi alardeia perfeição.

Sud Mennucci — HU'MOR — Monteiro Lobato & Cia. — São Paulo.

Sud Mennucci é um critico, pouco conhecido. Sua obra "Alma Contemporanea", apparecida ha alguns annos, quando ainda não organizado o commercio livreiro do interior do paiz, revelando-nos a alta envergadura de um pensador e de um escriptor, não teve a divulgação que carecera. Aos que o leram, porém, resultou a convicção de que defrontavam um ensaista de tomo, capaz de outros surtos.

Este ensaio sobre "Húmor" é alguma coisa de peso a desmanchar o mar-morto em que estagnam as nossas idéas.

Estudando as razões da proliferação de humoristas na literatura ingleza e nas dialectaes italianas, esmiuça ponto por ponto, chegando á conclusão de que "parece certo que o húmor não é sainete especifico da alma anglo-saxonia nem o apanagio de uma raça unica. Deve ser, ao contrario, tendencia natural e universal do espirito humano, predicado, ou, se quizerem, tara, de toda a especie.

Desde que é elle tão florido nas literaturas dialectaes e na ingleza, e é tão pobre nas outras, só uma coisa póde explicar o phenomeno, a unica que, por exclusão de partes ficou em jogo: a lingua. Não ha outra sahida".

Não é paradoxo. A leitura do ensaio convence.

Quanto ao escriptor, é de primeira agua. Com largo tirocinio no officio, emparelha com os melhores do mundo literario nacional. Tanto que, paginas de critica embora, a estas lê-as qualquer de uma assentada.

Humor vai assim, dar a Sud Mennucci o logar que lhe cabe na moderna geração de escriptores brasileiros.

Arnaldo Barreto — A GALLINHA DOS OVOS DE OURO
— Cia. Melhoramentos — São Paulo.

A Bibliotheca Infantil da Companhia Melhoramentos de São Paulo accresce-se de novo trabalho do sr. Arnaldo Barreto: "A gallinha dos ovos de ouro", em que se encontram as mesmas qualidades que caracterisaram os vinte volumes anteriores, não só na parte intellectual como na graphica, que no caso é de importancia capital.

O sr. Arnaldo Barreto é grande conhecedor do "metier", pois ha longos annos se dedica á pedagogia de que é em nosso paiz, um dos mais altos exponentes. Sabe interessar a criança, não lhe perturbando a comprehensão com o emprego de palavras fóra do seu alcance.

Não é atôa que a sua bibliotheca encontra longa aceitação no mundo infantil.

Pedro Herrero — BUENOS AIRES GROTESCO Y OTROS
MOTIVOS — Buenos Aires.

Poesias deliciosamente bem humoradas e escriptas numa forma muito moderna. Pedro Herrero attinge, synthetizando suas emoções, a condensação das tankas japonezas. As poesias longas são menos boas. Sobretudo, cultiva a satyra e o epigramma com uma felicidade rara.

Godofredo Rangel — ANDORINHAS — Monteiro Lobato &
Cia. — S. Paulo.

Houve tempo no Brasil, em que o escriptor que se julgasse feito com a sua primeira obra, pegava dos louros e delles fazia commoda amofada para recosto dos ossos durante o resto da vida. Temor de apresentar coisa de menos peso, preguiça, ou o que quer que fosse, o facto é que, durante longo lapso, se observou o phenomeno.

Ultimamente, porém, tudo mudou de figura. Solidificada a produção livreira, o publico deu de exigir dos consagrados coisa nova, de feitio que estes se viram a braços com um caso sério: produzir... E vieram a lume, então, livros que só trouxeram aos seus autores enriquecimento de louros. Os novos também se encontraram em situação identica. O publico exigia sempre, após a estréa auspiciosa, trabalhos novos que viessem alicerçar o conceito em que os puzera.

Godofredo Rangel não quiz por seu turno ser o escriptor de um só livro. Se "Vida ociosa" lhe deu posição saliente no romance nacional, attingindo em breve praso a tres edições, por que razão não havia elle de persistir defrontando-se com o publico? Andou bem, pensando assim. Este

volumezinho da "Bibliotheca da Rainha Mab" é a prova de que a seára de G. R. não foi ceifada de vez com a publicação daquelle romance.

Não se trata agora de romance, mas de contos. "Andorinhas" é uma dezena de narrativas em que a habilidade do autor excede no encaminhar a successão dos episodios até o riso que as corôa sempre.

Do todo homogeneo que é o volume, destaca-se o capitulo final que lhe dá nome.

Em summa, estabelecida a posição de G. R. na literatura de nossos dias como um dos seus melhores romancistas, baste-nos dizer que o contista não lhe é somenos.

*Spencer Vampré — MEMORIA, PARA A HISTORIA DA
ACADEMIA DE SÃO PAULO — Livraria Academica —
São Paulo.*

Apparece agora o primeiro volume de uma serie de Memorias para a Historia da Academia de São Paulo — A grande erudição de Spencer Vampré não podia encontrar melhor campo de acção. O assumpto devia fatalmente tentar esse espirito estudioso.

E' um trabalho de interesse geral, no qual o autor expõem, de maneira clara, anecdotica e intelligente, o que foi e o que é a Academia de São Paulo. O volume I vai desde a primeira tentativa de fundação de cursos juridicos até os factos mais importantes do anno 1857.

Ha paginas, sobre a historia da cidade, cheias de detalhes pittorescos. Assim a descripção desse São Paulo romantico que tanto se parece com uma aldeia perdida do sertão. Paginas como essas e como outras, nas quaes o autor conta algumas anedotas sobre o curso dos grandes homens do passado, realçam o talento de escriptor do Dr. Spencer Vampré.

E' inutil falar do seu estylo e do seu portuguez (este solido, aquelle claro e rapido), pois todos conhecem a personalidade do illustre professor e polyglotta.

Em resumo é um livro que merece uma grande propaganda. Todos os que se interessam pela historia de São Paulo e das letras brasileiras devem lê-lo, e uma bibliotheca que se respeita possui-o.

*"TERRA IMMATURA" — Alfredo Ladislau — Belem — Pará
— 1923.*

Este livro cuja leitura levámos a cabo com muito interesse, é a revelação da uma bella intelligencia servida por excellente cultura e reflectindo, ao mesmo tempo, um fino e delicado temperamento de artista.

Em "Terra Immatura" estremece a alma grandiosa e barbara da nossa Patria, os encantos sem iguaes da nossa natureza tropical. Pagina a pagina, em prosa nervosa e forte, como a propria terra que nella tão intensamente se agita, o sr. Alfredo Ladislau põe diante dos nossos olhos quadros admiraveis da Amazonia selvagem que não conheciamos em Alberto Rangél, nem mesmo em Euclides da Cunha.

Mais do que uma simples impressão de artista, mais do que um méro motivo esthetico, *Terra Immatura* é um livro de observação e de estudo, livro de quem conhece de facto todos os segredos, todos os mysterios daquelle fantastico pedaço do nosso territorio.

Os capitulos *Hymeneu das Aguas*, *Psychologia dos Lagos* e *Genese* dos Amazonas, são paginas que poderíamos, em exageros qualificar de novas na

nossa litteratura, pelo muito que ellas dizem da formidavel natureza amazonica, das suas lutas, dos seus anseios, das suas lendas.

Ao registrar aqui o apparecimento de *Terra Immaculata*, o fazemos com a mais viva sympathia, ainda presos á intensa impressão que nos deixou a sua leitura.

E' um livro que ha de triumphar, seguramente.

RECORDAÇÕES, romance, por Canto e Mello. Emp. Typ. Editora "O Pensamento", S. Paulo, 1913.

O sr. Canto e Mello é um caso raro em nossas letras; delectou na primeira mocidade, com ardor e com brilho, e foi, durante algum tempo, um dos poetas mais interessantes de S. Paulo; depois calou-se durante dezenas de annos, fazendo crer que se desilludira das letras e que os seus ideaes litterarios foram um méro fagacho. Ao contrario do que se pensava, o artista que sempre foi, revelou-se de modo e com qualidades que antes estavam apenas esboçados. O sr. Canto e Mello é realmente um romancista, e outro não conhecemos, entre nós, que se lhe avante, pela acuidade da observação, pela imaginação e pelo calor com que aquece os episodios que dramatiza.

Este ultimo trabalho, "Recordações", é um dos mais interessantes que tem produzido. O narrador entretera, desde o inicio, a attenção do leitor, e a vae prendendo aos poucos até empolga-a de todo, levando-a até ao desfecho. A acção decorre suavemente, augmentando de intensidade á medida que os episodios se vão succedendo. E' um magnifico romance, destinado, sem duvida, a grande exito.

EL ERIAL, por Consancio C. Vigil — Editorial Atlantida, Buenos Aires, 1923—.

O realismo na arte trouxe, ao lado de innegaveis beneficios, um cortejo de males tão perniciosos quanto os excessos do idealismo. O realismo, armado de bom senso e observação, aparou judiciosamente as azas á imaginação, que orientava todas as tentativas artisticas, gerando uma arte erudita e eivada de ficções.

Na litteratura a influencia democratica do realismo foi tão decisiva que creou uma nova escola: os satellites dos grandes realistas, esquecidos de que os mestres se serviram do realismo somente como fórma posta ao serviço de um ideal elevado, produziram exhuberantemente uma arte crúa, sem finalidade nem elevação, cujo effeito tem sido documentar, para vergonha do homem, aspectos da vida que melhor fôra nunca houvessem sido observados. Foi o advento dos romances, novellas e contos de sangue e ignominia, cousas que a vida impura e transitoria mais facilmente offerece aos olhos observadores ávidos de lances de sensação. E neste cyclo de democracia litteraria, ser sonhador, idealista ou symbolista era ser retrogrado, era ousar tanto quanto proclamar-se imperialista num regimem republicano. D'ahi o subido valor dos que conseguem ser realistas lutando por um ideal: estes trazem as suas ideias com indumentaria da epoca por que não repugnem ellas a quem as recebe, mas não se afastem do proposito de semear um ideal.

Esse fructo é raro na flora da intelligencia moderna e, por isso, mais se justifica o nosso interesse por Constancio G. Vigil, cujo livro "El Erial". precioso evangelho de intenções puras, revela tres grandes virtudes: ser bom, ter a coragem de confessal-o e fazel-o sem vaidade.

Num dos seus capitulos, "Palabras del camino", Vigil diz, como um apóstolo: "No puedo traerte a Dios, hermano, para que lo conozcas; vayamas hacia El". Inversamente, poderia dizer também: "Irmão, como não podes subir commigo até o Ideal, eu desço com elle para que o vejas"; pois que, escrevendo para a multidão, operou esse prodigio de falar aos seus irmãos homens numa linguagem que tem a transparencia da agua e sem pretender que elles erguessem a fronte para ver de onde jorrava tal sabedoria.

E' um illuminado, não ha duvida: um illuminado que, um dia, sem o sentir, foi beijado na fronte pela Verdade, por que tivesse o destino de illuminar aos que são pobres de luz. Viveu todas as emoções, soffreu todas as dores, pensou todas as philosophias e attingiu a suprema sabedoria que é apenas a vida. Se, porém, pré-gasse do alto de uma synagoga, seria um doutrinador; se se preocupasse com o brilho da verdade que alcançou, seria um sabio artista como Omar Khayyam ou Rabindranath. Mas em qualquer caso seria mal comprehendido. Preferiu, por isso, confundir-se com a multidão, mostrar ao seu irmão anonymo os quadros tenebrosos que a imperfeição humana creou, e concluir dizendo-lhes; tu és o contra-veneno para todos os males que te affligem; tu és o proprio amor que eleva e purifica, mas a tua obstinação e ignorancia são taes, que não te apercebes disso e vives a chorar, com lagrimas sentidas, todos os males todas as penas cuja causa unica é a falta de amor.

Dir-se-ia que é obra de uma infinita theoria de desillusão essa maneira de falar mostrando á humanidade o pantano em que pisa, essa predilecção pela fina ironia que parece occultar o pessimismo e o scepticismo que alimentaram o espirito pouco elevado de Max Nordau. Não é assim. Um desiludido jamais diria: "Ser, hoy, mejor que ayer; mañana, mejor que hoy; este es el gran objeto de la vida." E nem pode ser sceptico aquelle que se propõe a conduzir até Deus um irmão obscuro e, muito menos, pessimista quem aconselha o amor e a compaixão sem limites, ou condições, com humildade e modestia taes que espera ser digno de piedade porque "não poudes dar ao mundo um dia sequer do amor á sua mãe.

Quem costuma penetrar o espirito as cousas, ha de, forçosamente encontrar, envolvendo, como uma auréola, as palavras e attitúdes de Vigil, um suave e acariciante perfume de esperança e de fé. Elle confia, realmente, na primavera do Bem que está preparando neste outomno de Dor. Emtanto mais admiravel é essa confiança, quanto se pensa que elle tem a certeza de que essa aurora azul só despontará mais tarde e, — o que é extranhamente elevado e generoso — essa certeza, que vai alem da esperança, em vez de lhe amollecere o espirito provocando lagrimas de Jeremias, conforta-o, estimula-o e anima-o para a jornada da sementeira. "Alguien comerá los frutos de este árbol que planto? Alguien comprenderá do que ahora digo?"

Não lhe interessariam respostas a estas perguntas, porque as intenções não se parecem no espaço, as boas e as más. E, sendo ellas boas, um dia se ha de condemnar nos planos superiores para cahir o orvalho do Bem em proveito de alguém. Não existe em sua alma um frade ajoelhado como na de Ruysbroeck; existe, sim, um peregrino meio propheta meio enfermeiro, atravessando os campos innundados de dor, á procura das almas que soffrem, para as quaes tem sempre ao alcance um sorriso de ironia uma reticencia e um sabio conselho. E o peregrino lhe segreda constantemente: ali adiante está uma alma agonizando.

Entre Flaubert e Vigil existe a afinidade que se encontra nos que viveram com a mesma intensidade as mesmas horas de emoção. Flaubert, sonhando a "Tentação de Santo Antão", entreviu, num momento de mysticismo, esse sentimento capaz de identificar o homem ao espirito do universo. Vigil, meditando "El Erial" teve esse mystico momento dilatado por toda vida,

sintiu o amor universal e, por que alguém no mundo pudesse aproveitar o aroma subtil da extranha flor que lhe desabrochava na alma, resolveu generosamente dizer, em palavras simples, da doçura desse sentimento.

Em Vigil, entretanto, o amor ao proximo, elevado á expressão de uma cruzada, obliterou por completo a vaidade do artista. Por essa razão, o seu livro, podendo ser uma obra do mais alto valor literario, como a de Flaubert, limitou-se a ser uma Biblia escripta para a sua epoca. E' um livro que o tempo deve conservar para refrigerio das almas doentes, como os Pensamentos de Pascal e de Marco Aurelio, e que os homens devem ler com a religiosidade que merece a "Imitação de Christo", essa extraordinaria obra de elevação espiritual que até hoje ninguem sabe quem teria escripto.

RECEBEMOS MAIS:

Annaes do Museu Paulista — Officinas do Diario Official — São Paulo.

De Ensino e Educação — Maria Amelia Deltos Santos — Offi. Typ. Instituto Muniz Barreto — Rio.

Joazeiro e o padre Cicero — Dr. Floro Bartholomeu — Imprensa Nacional — Rio.

El triumpho del dolor — Luiz Mallol — Buenos Aires.

La copa de David — Fernand Felix de Amador.

Patria Nova — Mario Pinto Serva — Cia. Melhoramentos de São

O petroleo no Brasil — Domicio de L. Pacheco e Silva — Monteiro Lobato e Cia.

As Stomasinas — Instituto Inmunitario Stomosina — Rio de Janeiro.

A Sciencia Medica n.o de Janeiro — Rio de Janeiro.

Rassegna di Coltura — Milano.

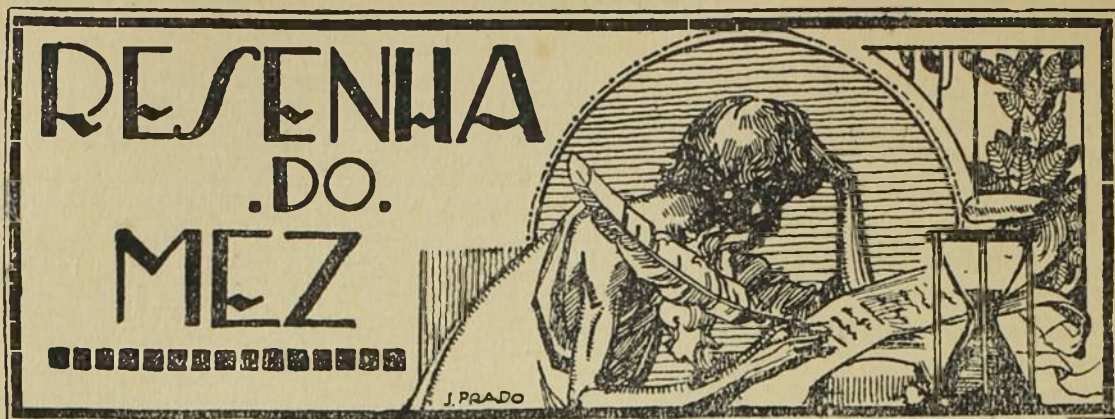
Revista Universitaria — Cuzco — Perú.

Natura — Barreto Sobrinho — Typ. Progresso — Rio G. do Norte.

Bulletin de Museu Nacional — Rio de Janeiro.

Peixes — Alipio de Miranda Ribeiro — Rio de Janeiro.





MORRA O FUTURISMO

CARTA A JAKSON DE FIGUEIREDO

Meu querido amigo. Raros pensadores, neste nosso paiz de velha indisciplina, possuem intelligencia tão clara e tão alto sentimento da vida profunda, como tu. Discutir com um homem de caracter, que vê as coisas com o teu desinteresse e com a intrepidez de uma sinceridade que honra a nossa gente, não é só um puro prazer, é, por igual, dos mais bellos combates de que póde orgulhar-se um escriptor. Estamos empenhados, todos quantos reflectimos sobre o grave assumpto da cultura brasileira, numa batalha, em que a mesma paixão violenta é imprescindivel. Será portanto, desleal e perigosa qualquer fuga nesse terreno incerto, que precisamos conquistar inteiramente, afim de realizar os nossos objectivos.

Disseste, com espanto e sem malicia, disseste, como costumás fazer, directamente, rosto a rosto, que não comprehendias a minha posição no movimento de idéas que se desenvolve actualmente no Brasil. E, sem negar a minha sinceridade, dando-me muito mais do que mereço, tua generosa razão exige de mim uma resposta cabal e opportuna. E' a primeira vez, nessa questão, que me explico. Até hoje, nesse particular, não encontrei no meu caminho se não sombras que rolam surdamente a sua vacuidade estulta, ou paspalhões, apostados nas esquinas, como grosseiros moleques, para injuriar o esforço honesto dos homens dignos. Tu és um ho-

mem, és uma entidade perfeitamente definida, limpa de nodoas moraes ou intellectuaes. Eis-me, pois, aqui. Tua mão vale ser apertada. Com os seres do teu quilate a conversa é uma lição honrada.

Vamos por partes.

Parece-te falsa a minha posição, porque, conforme escreves-te, não enxergas em mim nem sequer traça de futurismo. Não hesito em affirmar, desde logo, que estás com a verdade. Mas onde viste "futurismo", entre a nossa gente moderna? Sei com certeza que usaste da palavra apenas para argumentar. Querias, como bom cartesiano, apreciar o problema na claridade e na transparencia da sua luz.

Ora, quem, de boa mente, pode falar em continuidade de acção futurista nos dias presentes? O futurismo foi uma época, um momento particular na historia da vida italiana. Simplesmente isso, nada mais. Foi a ultima expressão daquella philosophia do desespero, tão implacavelmente denunciada por F. Brito. Futurismo quer dizer Romantismo desenfreado, na sua mais aguda explosão. Reagindo contra o vago, o indeterminado, contra a peor forma do "abstracto", que symbolistas e impressionistas lançaram na moda, o futurismo representou uma volta á materia, á realidade, ao senso "bruto" das coisas, que se perdera na meia tinta dos continuadores de Whistler, Verlaine ou Wagner. Ninguém lhe nega, comtudo, uma formação salutar, que preparou o equili-

brio a que tende o pensamento moderno, trazendo-lhe forças incontestáveis.

O futurismo foi também um movimento político. A Itália adormecida de Carducci, a Itália papyrizada e congelada da Accademia della Crusca, das nevroses d'annunzianas, continuadas por Benelli, da crítica empalhada de Ojetti e Del Lungo, a Itália imitadora de Baudelaire e dos naturalistas; a Itália dos revezes da África, sem prestígio no Adriático, onde Pola, e não Veneza, era a cabeça mestra; a Itália, sem os caminhos do Mediterraneo, onde a esquadra de sua majestade britânica dominava e cruzava impunemente; a Itália, forçada a entrar num pacto de aliança com os seus inimigos tradicionais; a Itália, entregue aos conservadores intolerantes e seriamente ameaçada pelas sucessivas crises económicas; a Itália, sem carvão e sem ferro, os dois factores das grandes potências modernas, estava deante desde dilemma inevitável: ou reformar os processos caducos, ou desaparecer, tutelada pela Austria, pela França ou pela Inglaterra. Foi nessa ocasião, isto é, nos últimos annos do século XIX, que Papini rodeado de sua phalange latina, rompeu com um apodrecido tradicionalismo, que pretendia encarnar a tradição italiana dos Dante, dos Julio II e dos Machiavel.

"Futurismo (disse elle) lasciando da parte ogni accompagnamenti stilistici qualche volta inutili o buffi, significa soprattutto reazione violenta contro la superstizione arcaista che rimbellece e indebalisce la massima parte degli intellettuali italiani. Molti, che avrebbero potuto fare cose nuove e forti, si son sentiti respingere da questa pesante atmosfera di antichità, di tradizione, di regole di ricordi nostalgici ch'è l'atmosfera normale dello spirito italiano dal cinque e seicento in poi. Gli italiani d'ingegno hanno sempre, como i dani nati di Dante, la testa voltada all'indietro. Ogni stranezza, ogni ardore, ogni sforzo verso la novità e la modernità vengono subito condannati dai ben pensanti, dai custodi de musei e delle biblioteche, com'imbecillità, debolezze, bambinate, monellerie... I grandi passati sono stati grandi per conto loro. Li rispettiamo, li amiamo — ma basta! Non debbono avvelenare o annebiare colle loro particolari visioni. Dobbiamo far noi... Senza ricerca non

c'è creazione nuova..." (Esperienza Futurista, pags. 23 a 25).

Isso quanto á renovação esthetica. Quanto á politica, eis as suas expressões, que transcrevo no original, para não diminuir o sabor da sua formidável dialectica:

Futurismo é amore del movimento del tumulto ed io sono stato sempre nemico della quiete mia ed altrui; ho imprecato alla lentezza delle cose e inneggiato alla velocità nel 1907; sono stato il capo dell'unico *sturm und drang* che si sia avuto in Italia prima del futurismo;

"Futurismo é forsennato amore dell'Italia e della grandezza d'Italia ed io ho sognato fin da ragazzo un nuovo primato per il mio paese; sono stato uno dei primi propagandisti del nazionalismo e ho iniziato nel 1906 una *Campagna per il forzato risveglio* per dare alle forze italiane una nuova e piu' energica direzione" (id. paginas 56, 57).

Quanto á religião, denuncia Papini, no seu "*Discorso di Roma*", o germanismo e o asiatismo de grande parte dos pensadores italianos como um dos males contra os quaes todas as invectivas seriam sagradas, pois na Igreja estava uma das maiores energias da latinidade. "Così è venuto fuori lo spiritismo per le serate della piccola borghesia; la teosofia per i thé spirituali della buona società, la religione dell'umanità, del dolore, dell'amore, per i cuori teneri, per quelli che hanno bisogno di regolare loro stessi a qualcosa che li trapassi e l'inghiottisca".

Pergunto-te, agora, meu querido amigo, quem estava ainda com a tradição, embora aparentemente se revoltasse contra o passado? Essa livre agitação de idéas, seguindo a regra geral, em taes casos, estratificou-se lentamente numa Escola. O futurismo desapareceu no marinettismo. Marinetti poz abaixo as linhas da architectura papinista, codificando, regulando, petrificando a estrutura admirável que recebera. O Estado futurista, propriamente dito, foi destruido pela administração Marinetti. Como observou Papini, o marinettismo oppoz á latinidade, á supercultura, ao desprezo do culto do passado, á sensibilidade nova, á agudeza, á originalidade, á ironia, á finura, á aristocracia, á paixão da liberdade, ao patriotismo, á combatividade do futurismo, o *germanismo*, o *americanismo yankee*, a *ignorancia*, o *despre-*

zo do passado, o *technicismo novo*, o *simplicismo*, a *forma esdruxula*, o *profetismo*, a *publicolatria*, o *imperialismo humanitário*, a *solidariedade estreita*, o *xenophobismo* e o *militarismo*.

Da reacção papinista, porém, saíram grandes poetas, obras admiráveis de civilização, a exemplo dessa "Vida de Christo", universalizada em todas as linguas; por ella se alargaram os horizontes da arte italiana, e della surgiu a figura do rainadora de Mussolini, *condottiere* empolgante da Italia Nova, que, no seu primeiro discurso official, lembrava a acção constructora dos que haviam reintegrado a Patria nas verdadeiras tradições, dando-lhe o sentimento das suas realidades superiores, afastando-a de uma inutil contemplação de ruínas.

Cessou, portanto, isso que se poderia denominar "acção futurista", desenvolvida na Italia, para o genio italiano e para as realidades italianas. Os artistas modernos da Europa e da America já lhe voltaram as costas, desde o segundo lustro deste seculo. Sómente alguns dos nossos combatentes distraídos põem, de raro em raro, esse nome vasio na circulação, e especialmente, a malta divertida dos beócios internacionaes, que se lembram de acenar com esse espantinho, ante o que não comprehendem, por incapacidade congenita. E' vicio antigo, aliás, dos criticoides que envergonham a especie humana, arreganhar a dentuça para os homens de boa fé. No seculo XVII, erguam elles o manequim de Ronsard em face de Racine, insultavam Spinoza, pela boca dos burguezes "honestos" de Voorburg, declarando-o "instrumento de ruina na Republica" — "een schadelijck Instrument in deze republycque" — pois, como escrevia o philosopho hollandez a J. Jelles, "os mais ignorantes são os mais audaciosos e promptos no escrever" — *ignarissimos quosque passim cudacissimus, et ad scribendum paratissimos esse*. No seculo XVIII não pouparam remoques senis contra Rousseau e Lamarck — injuriado por Napoleão, no momento em que entregava ao Cesar, poucos annos antes de morrer, já nos principios do seculo findo, um exemplar da "Philosophia Zoologica" — No seculo XIX motejaram dos Romanticos, entre os quaes pontificava o pae Hugo, arremessando-lhes, no mesmo dialecto de sempre, as pe-

dras conselheiraes, como estas do "Le Classique et le Romantique", de feu Baour-Lormain (de l'Académie Française (?):

Chaque vers échappé de vos gréles cer-
veaux
Transforme vos lecteurs en oedipes nou-
veaux
Et dérouté à loisir leur faible intelligence.

Eis abi o que se dizia de muitos homens, que são *ainda* os deuses da maioria dos nossos criticalhos. Contra os fallecidos parnasianos até os cocheiros de carros publicos se levantaram. Contra Catulle Mendes que a ultima das injurias proferida por um desses imaginosos cocheiros de Paris, contra outro, com quem travára polemica, de boléa a boléa, foi esta sonora exclamação de nojo: "Espèce de Parnassien, va!" Quem desconhece a grita contra os naturalistas, os symbolistas, os impressionistas?

Sabes de tudo isso tão bem quanto eu, mas era preciso pôr ao sol, novamente, as raizes historicas dessa doença literaria dos "parentes pobres". Eis-me chegando, abusando da tua paciencia, ao fim immediato desta carta, que te dirijo como se fôra de irmão a irmão. Explicado o futurismo, suas origens, vida, tragedia e morte, vamos ao nosso caso.

Posto de lado o calor do combate, reserenados os animos que fica de pé nos meus artigos "revolucionarios"? Fica de pé, mas uma vez, que estamos tu e eu, de inteiro accordo. Porque? Responda-me a tua obra de pensador, naquillo que, fôra do capitulo da tua grande fé, seja capaz de auxiliar os nossos propósitos.

1.º) — Não tens combatido a indisciplina romantica do "Estupido Seculo XIX", sobre o qual, na "A Ordem", escreveste paginas tão impiedosas?

2.º) — Não mostraste os erros do scepticismo renanista, do positivismo inflexivel, do hellenismo epicurista da descendencia dos France?

3.º) — Não procuraste corrigir, no teu profundo Pascal os tormentos da inquietação moderna?

4.º) — Porventura não tens atacado com persistencia admiravel os erros monstruosos da nossa educação politica e dos nossos pessimos costumes literarios?

5.º) — Não procuras tambem uma fi-

nalidade para o pensamento brasileiro, ou, ao menos, abrir um atalho que nos conduza aos nossos mysteriosos destinos?

6.º) — Não és inimigo dessa falsa critica, dessa falsa poesia, desse falso regionalismo, desse philosophismo vago, dessa incongruência mental que attesta a nossa historia literaria?

Mas o que combatemos nós, se não isso? Na essencia, portanto, estamos de accordo, eu "futurista", segundo certos Homais conservados em alcool, e tu "clericalista ferrenho", consoante e petulancia ignara de outros. O que desejamos é integrar o Brasil no Universo, libertando-se de um passadismo artificial, que não é o Passado de tradicionalismo facil, que não é a Tradição. Tu, dentro da Igreja, acompanhado aliás de muitos dos acoimados "futuristas", e, eu, fóra della, na medida das minhas possibilidades, pretendemos, em verdade a mesma coisa. Não ha "envolvimentos" de especie alguma, da parte do nosso Graça Aranha. Com

nosco estão pantheistas, como o autor da "Esthetica da Vida" e catholicos apostolicos romanos, como o sr. Renato Almeida. O que houve em tudo isso, foi a intriga dos fabricantes de rotulos, que estão com os seus quiabos parnasianos, os seus repoihos quinhentistas e o seu fiambre wagneriano completamente desmoralizados. Toda a arte moderna é uma volta á natureza, ás fórmulas livres da natureza.

Porventura, defender Leconte de Lisle ou a Batalha de Salamina é defender o nosso Passado? Abaixo, pois, o virtuosismo, o copismo, o conformismo, o formismo, o sádemirandismo, o dictionarismo e mais abentêsmas que desfibraram as nossas energias, reduzindo-as a um jogo caprichoso e tolo. O futurismo é tambem passadismo. Morra o futurismo!

teu

Ronald de Carvalho.

(Do "Jornal", 29 de Janeiro 1924.

FUNCIONARIOS E DOUTORES

Faz-se ultimamente no Brasil intensa campanha contra funcionarios e doutores. Deu-lhe começo, ha tempos, "illustre parlamentar que por ter alcançado maior exito na vida não precisou ser uma nem outra coisa".

Esta phrase é do *Jornal do Brasil*, num dos sensatos artigos de fundo que ali tem escripto o seu actual director, professor Annibal Freire, homem de talento e de juizo.

Transcrevo-a, porque ella toca na questão do excesso de funcionarios e doutores no Brasil de uma maneira mais profunda do que a geralmente usada por jornalistas, oradores e commerciantes parlamentares á cata de assumpto ou de material para periodos redondos.

Ninguém contesta a existencia em nosso paiz dessa plethora de homens formados á procura das funcções publicas. E' um facto social que precisa ser estudado nas suas origens, mas facto pelo qual o menos responsavel é o funcionario ou o doutor.

Entra pela cabeça do mais chapado dos cretinos que nenhum rapaz são de corpo

e de espirito escolhe a carreira de amanuense, de official de secretaria ou qualquer carreira liberal mediocrementemente remunerada porque quer. Elle não escolhe. Aceita a imposição natural das circunstancias que o obrigam a ser doutor para poder, através da profissão, ou das vantagens inherentes ao titulo, ganhar a vida, isto é, o ordenado, o salario, os honorarios, o que quer dizer comer, vestir, casar, etc.

Houvesse recursos no commercio, na industria, na lavoura offerecidos ou não, recusados que *compensassem* as vantagens do emprego publico ou da actividade liberal, e só reduzida minoria ficaria fiel á burocracia, ao "escriptorio", ao "consultorio", etc. A verdade, porém, é que, salvo em S. Paulo, ou em certas zonas excepcionalmente ricas no Brasil, não ha como empregar-se um rapaz pobre de boa familia no commercio, na industria e na lavoura com esperanças de obter, mesmo á custa de trabalhos excessivos, salario remunerador e promessas de exitos solidos.

Convem não esquecer que o desenvol-

vimento economico do Brasil é, á luz de todas as estatísticas, um dos mais lentos e precarios do mundo. Parallelamente, o desenvolvimento da população do Brasil é, em proporção, um dos mais rapidos do mundo.

São raras as familias do interior, do norte, do centro e mesmo do sul do paiz, em que o numero de filhos machos não exceda de meia duzia. Em geral um ou dois desses filhos ficam no engenho, na fazenda ou na casa de commercio ajudando o pai. Os outros têm que fazer os preparatorios e, ou procurarem pelo concurso nas repartições, o logar de telegraphista, funcionario do Thesouro, Alfandega, Correios, etc., ou se matricularem na academia para tentar, depois de tornados, a advocacia, a medicina, a engenharia, a politica, ou o emprego publico de categoria mais elevada.

Encontrassem esses rapazes meios de ganhar a vida no commercio, na industria ou na lavoura, vida independente, galharda, exuberante e saudavel, e poucos seriam os que voluntariamente desjassem os aborrecimentos, os embaraços e as luctas da burocracia e das carreiras liberaes. Dos illusorios proveitos dellas já os têm inteirado os irmãos mais velhos, cujas cartas, enviadas das capitaes aos pais que ficaram no interior, respiram tristeza, soffrimento e desanimo, são cheias dessa aspera melancolia que nasce da quebradeira.

Os moços brasileiros, que se dedicam ao commercio, á industria e á lavoura, são em geral pequena minoria levada por circumstancias excepcionaes propicias: ou a fortuna do pai assegurando capital inicial, ou a habitação em zona prospera, onde enxameiem as "ocasiões" ou ligações pelo casamento, com familias em condições de "ajudar", de adiantar capital, proporcionar os meios, ou qualquer causa inesperada, de excepção, sempre de excepção.

Conheço uma familia composta de gente viva, audaz, energica, gente da melhor formação ethnica e moral no Brasil. Filhos homens, nove. Os velhos vêm "gemendo" para formar a todos os nove: tres são já bachareis em direito, um é official do exercito, outro cursa uma Faculdade de Direito, e os demais acabarão medi-

cos, engenheiros ou ainda advogados.

Appareça, porém, a essa gente meio de se dedicar á industria, que mesmo os já formados, não obstante se acharem em boa situação, abandonarão tudo pela industria.

O que acontece com esses se dá com todas as grandes familias brasileiras.

Os seus filhos procuram o functionalismo e as profissões liberaes, porque não têm outro geito. Dêem-lhes esse geito e só um resto é que ficará nesses misteres ingratos, aridos, dependentes e tristes.

Esse geito só lhes será dado quando o paiz tiver vida economica propria, activa, energica, pullulando em todos os cantos, vida onde circule a actividade em suas mil fôrmas attraentes, prendendo, em suas malhas, os moços que passam avidos, desejosos de bem-estar, de conforto e de alegria.

Por enquanto, ao brasileiro pobre que tente a lavoura, o commercio, ou a industria está destinado a mesma sorte daquelle persnagem de Lima Barreto, no seu *Polycarpo Quaresma*. Os que atacam funcionarios e doutores, sem saber o que estão fazendo, leiam, primeiro, esse livro, em que o admiravel romancista descreveu as iniciativas frustradas do generoso idealizador da redempção do Brasil pela cultura da terra.

Aliás, tem o problema de excesso de functionalismo do Brasil uma causa mais remota, e é a que assignalei, em discurso, na Camara, em 1916, e desenvolvi do *Grão de Arca*, capitulo — *As Instituições Politicas e o Meio Social no Brasil*.

"Se estudarmos o phenomeno do functionalismo, que apresenta, no Brasil, o aspecto de um novo collectivismo, não so nhado pelos communistas, pois assenta no Thesouro publico, veremos que elle tem, a bem dizer, a sua origem na escravidão. Foi ella que, tornando abjecto o trabalho da terra, obrigou a encaminhar-se para os empregos do Estado os filhos dos homens livres, que não podiam ser senhores e que não queriam igualar-se aos escravos. Sendo o trabalho occupação de negros, mestiços e brancos, julgar-se-iam deshonrados nelle.

Quando não possuíam engenhos nem fazendas, e, como assignala Joaquim Nabuco no "Abolicionismo", não logravam,

por meio do casamento, vincular-se ás famílias proprietárias, que os levavam á politica, aos cargos da administração pública, á direcção do paiz, haviam de resignar-se ás carreiras obscuras de advogado da roça, nas cidades do interior, magistrado mal remunerado, funcçionario emfim.

O bacharelismo foi o primeiro capitão da burocracia. Delle é que nasceu essa irresistivel inclinação ao emprego publico, que o novo regimen não pôde conjurar, antes acorocou. porque, não tendo creado o trabalho, nem a instrucção profissional, não pôde evitar que se dirigissem para os cargos publicos moços formados nas academias, inaptos á lavoura, ao commercio, aos officios technicos..."

O assumpto comporta outras explica-

ções e desenvolvimentos, que, como se está a ver, não cabem mais aqui.

"Somos funcionarios e doutores", dizem muitos moços brasileiros.

"Em vez de nos atacarem por isso, que não é culpa nossa, dêem-nos os meios para deixarmos de o ser, que os acceitaremos com alegria.

"Verão, então, os que nos aggridem do alto da sua ignorancia ou da sua fortuna amparada pela força milagrosa do acaso, ou por outra qualquer causa, como saberemos trabalhar e enriquecer, dando da nossa capacidade, no terreno da actividade pratica, testemunhos iguaes aos que temos dado nos outros dominios da intelligencia, da coragem, do valor, sob todas as suas modalidades."

Gilberto Amado

("O Paiz", Rio).

NO MINHO

(VILLA DO CONDE)

O Minho, como aliás todo Portugal, é das regiões mais interessantes da Europa pela suggestiva combinação que offerece de historia, de arte e de natureza. Em Villa do Conde, por exemplo, onde estou passando algumas semanas, temos de um lado a linha ondulante da praia, com seus rochedos negros corrigindo a monotonia da areia branca, e do outro as curvas graciosas do rio Ave, despejando no oceano suas aguas azues e correndo entre collinas escuras de pinheirões e valles cobertos de casaria entre vinhas e milharaes. A' borda do mar levantam-se um forte, hoje desmantelado e inoffensivo mas ainda imponente como elemento decorativo na sua massa de granito ennegrecida pelo tempo, a ermida alva de N. S. da Guia, padroeira dos navegantes em aguas que nem sempre são bonançosas, e um pequeno monumento em forma de obelisco que os temporaes se teem encarregado de ir corroendo e que commemora um dos incidentes da guerra civil entre absolutistas e liberaes. Villa do Conde fica situada entre a Povoação de Varzim, terra de audazes pescadores, e Mindello, em cuja praia desembarcou a phalange de 7.500 homens tra-

zidos da Terceira e com que o Duque de Bragança, o nosso Imperador D. Pedro I, se abalançou a conquistar Portugal ás tropas de D. Miguel.

Sobre o rio Ave debruça-se do alto de um comoro a construcção grandiosa do convento de Santa Clara, fundado no seculo XIV, por D. Affonso Sanches, bastardo do Rei D. Diniz, cujo tumulo, juntamente com o de sua esposa, se encontram numa capella lateral da igreja e constituem dous formosos especimens do estylo gothico que precedeu o manuelino. Do primitivo convento restam ruínas. Do claustro apenas subsiste a arcaria de um dos quatro lados. A igreja é a da fundação, mas com muitos accrescimos. A abobada da capella mór é gothica, já na transição para a architectura manuelina; outros trechos são deste estylo que se poderia denominar gothico ultraflorido; ha um pulpito de Renascença italiana da decadencia e retabulos em que se deu larga a imaginação ornamental do seculo XVII; outros altares são puramente seculo XVIII, com columnas salomonicas engrinaldadas de parras, e o orgão monumental é tudo quanto pode haver de mais estylo joanino, com sua riqueza de talha deurada á qual não faltam entretanto belleza e bom gosto na exe-

cução da obra, attenuando o que possa haver de superabundante no material posto á disposição do artista e no desenho de excessivo capricho decorativo.

Essa combinação de estylos é muito commum em Portugal. A propria igreja matriz, que data do anno do descobrimento do Brasil, portanto, da época manuelina, tem uma magnifica frontaria neste estylo portuguez, mas a torre, em que parece haver um regresso á tradição romanica, é neo-classica, de transição do seculo XVII, o que quer dizer sem a pureza dos primitivos exemplares da Renascença. Deste periodo são documentos dignos de contempiação os tumulos brasonados e opulentos de altos relevos que se encontram em Santa Clara: os dos fundadores, os dos seus netos, Condes de Cantanhede, e o da filha do Santo Condestavel que foi a primeira Duqueza de Bragança.

Além destes tumulos, o que a igreja do convento offerece de particularmente notavel são os tectos artezoados de madeira, de bellissima talha, sem exaggeros de ornatos. O do côro alto ou casa do capitulo passa por ser um dos mais formosos de Portugal e deve sel-o pelas proporções imponentes e ao mesmo tempo pela cuidada execução. Os tectos da igreja, que estavam recobertos de pintura, estão sendo limpos desde que o templo foi encorporado nos monumentos nacionaes, o de uma das capellas já se achando de todo restaurado. Pena é que a escassez dos recursos do erario não permita recompôr mais a primitiva construção e concertar o monumental aqueducto de 999 arcos com que, na tradição joanina, se trouxe agua duma legua distante ao convento clarista, jorrando dos seios de uma sereia que adorna a ponte da cerca e enchendo a bacia da fonte do claustro.

Do fim do seculo XVIII data a fachada sobre o rio que empresta ainda ao edificio a sua grandiosidade. No topo da cimalha, Santa Clara apoia-se num elephante. Dizem que figura um elephante branco, como se sabe, de grande raridade. O que ainda não comprehendí é porque lhe dão fóros de symbolo de castidade. Escrevem os viajantes e naturalistas que se tem occupado desta familia zoologica

que o elephante é um animal pudibundo, mas não me consta que seja casto. A suggestão neste caso provirá da alvura do exemplar ou perventura das defesas de marfim, brancas e fortes, emblema assim "da força moral que resiste ás paixões". No convento, que agora ainda mais parece prisão com suas janellas de grades, acha-se estabelecida uma escola de correccão para menores em que sobretudo lhes são ensinados officios manuaes.

Villa do Conde conta grande numero de habitações apalaçadas em cujas frontarias se ostentam brazões de familias nobres. Eram em avultado numero os morgados minhotos e foi sobretudo com fidalgos dentre Douro e Minho que se fez a primeira colonização aristocratica de Pernambuco. Seus dependentes, já se não podia dizer então vassallos, porque a extensão e fortalecimento da autoridade real acabara com a organização feudal e a todos fizera vassallos do rei, acompanharam a gente dalgo. Dahi a introdução e persistencia entre nós de aspectos, de costumes, de tradições, de utensilios domesticos, de genuina ascendencia local podendo dizer-se da minha terra, uma vez que se leve em conta a differenciação produzida pelo clima e pelos elementos humanos diversos, o indigena e o africano, que é um Minho tropical. Lembro-me da impressão causada em Eduardo Prado, a primeira vez que veio a Portugal, ha 35 annos ou mais, e em que juntos fizemos algumas excursões, por encontrar nos campos da Extremadura e do Alentejo instrumentos agricolas, processos de irrigação e outras reminiscencias dos arabes, deixadas pela longa occupação berbere. A mesma impressão tenho eu tido agora no norte de Portugal. A natureza differe: a vegetação é a dos pinhaes e das vinhas de enforcado, mas o que se póde dizer a paizagem social offerce quantidade de pontos de contacto.

Em Villa do Conde não ha, por exemplo, casa em que mulheres sentadas no chão, as pernas cruzadas, não tenham sobre o regaço o grande almofadão com os bilros pendentes. A mulher trabalha tanto quanto o homem. Este vae para o mar pescar: aquella toma o seu logar nos milharaes, lavrando a terra, cuidando do gado, recolhendo algas na praia ou den-

tro das aguas, para adubos das terras. A que permanece na habitação faz rendas, como a cearense.

No desenvolvimento industrial que se observa em Portugal, varias das antigas industrias tradicionaes tem renascido ou tomado incremento, a par das que tem sido introduzidas de novo. Em Villa do Conde havia as velhas características azenhas com suas grandes rodas de moer. Hoje, além de uma fabrica de moagem a vapor e de uma fabrica de lapis de escrever, ha uma fabrica de tecidos de algodão e está-se montando outra de sedas.

Como na Belgica e na Bohemia, as rendeiros trabalham para revendedores em larga escala, por ellas chamadas rendilheiras, as quaes mantêm officinas-escolas em que as profissionaes executam encomendas de maior valor e as raparigas aprendem o officio. Não sei se em

Peniche, onde ha 50 annos chegaram a entregar-se ao fabrico de rendas mil mulheres, o desaparecimento da Sra. Dona Maria Augusta Bordallo Pinheiro, que partilhava das grandes aptidões artisticas da sua familia, fez decahir essa industria de luxo que ella levantou no sentido de oriental-a num melhor gosto e em superior mestria de execução. No Minho tal industria pôde dizer-se florescente apesar do adiantamento attingido noutros paizes pelos artefactos dessa natureza á machina, o que significa barateamento do producto. Os salarios em Portugal tem subido consideravelmente, mas ainda assim permittem a concorrência, aiás favorecida pela maior perfeição do producto puramente manual.

Julho de 1923.

Oliveira Lima.

(Jornal do Brasil, Rio)

O MACACO QUE SE FEZ MOMEM

(Sobre Monteiro)

Monteiro Lobato, o grande escriptor crioulo, antes de tudo é o caricaturista poderoso dos nossos habitos. Vem dahi a distincção do seu regionalismo, singular, inconfundivel. Não se filia, por exemplo, ao de Affonso Arinos, que com o sertanejo conviveu, com elle dormiu, sob as mesmas estrellas, no silencio nocturno, picado de pios tristonhos, com elle arroteou invias paragens, com elle sonhou. Em face do sertanejo, guarda o autor de "Pelo Sertão", uma attitude commovida, que affecta a mais intima communhão com o ambiente rudo. Monteiro Lobato é bem mais cioso da sua personalidade. Não se identifica jamais com os seus heroes. Antes, ao través das suas narrações, a cada momento entreouvem-se-lhe os cochichos de mófa, com que pontilha as praticas da terra, a cada momento lhe estão os olhos a brilhar de malicia.

Mais facil fôra approximar a sua obra da obra de Euclides da Cunha, que ambas traem o mesmo animo critico de julgar. Na do primeiro, apparece-nos o individuo na sua acção quotidiana; na do segundo, de maior folego, elle apparece-

nos como expressão ethnica. E' a posição do escriptor e é a posição do sociologo. Ainda têm ambas o mesmo fim social de acordar os nossos cuidados com relação ao interior desconhecido, que não é apenas magestoso nas suas florestas e rios, sendo, tambem, doloroso no seu atrazo e nos vicios...

Mas, ainda aqui, o autor de "Urupês" mantem, com valor, a sua physionomia propria. Euclides da Cunha não sabe rir. E' de uma gravidade que, si por vezes se desfaz, é para dar logar áquella ironia barbara que lhe conhecemos, ironia sem sorriso, ironia secca. E Monteiro Lobato ri, ri a bom rir, embora ao seu riso se misture algum amargor.

*
* *

De Monteiro Lobato acaba de sair um novo livro de contos — "O macaco que se fez homem".

O macaco que se fez homem...

Não vos está a ferir a pontinha que ahi vae de desrespeito ao culto muito nosso desses titulos impertigados, adocicados? Mas não é caso de estranheza; de

muito que deveramos estar affeitos ao natural desabusado do creador do Jéca Ta-tú. Já o nosso lyrismo congenito, tão dos nossos gabos, que se desentranha, desde a loucura das cidades até ao mais humilde ranchinho de sapé, em redondilhas muito languidas e mais ou menos scepticas, delle tem merecido todas as irreverencias. Ninguem, como elle, tem tanta impiedade com os nossos preconceitos e superstições. Uns e outros penetra e não teme trazer á baila, ruidosamente, o mais sagrado dos preconceitos, a mais sagrada das superstições.

Desde essa prova de talento e de audacia, que são os "Urupês", Monteiro Lobato entrou a ser, para mim, a figura mais viva d'entre os novos. Ha, no seu estylo, uma forte vibração individual. E, nas suas historias, não se sabe o que mais captiva: si a energia da imaginação, si a grande originalidade na arte de contar.

Monteiro Lobato é um representativo, na accepção conveniente da palavra. Nos seus contos, não é apenas o colorido, é a propria essencia delles que denuncia o ambiente onde se tramam. Scenario e personagem, o artista sabe casá-los de tal geito, que fôra impossivel separar um de outro, a menos que daquelle resultasse um borrão e que este figurasse de inverosimil fantoche. Entre os individuos e as coisas mutuos reflexos se estabelecem. Por isso, como que se aviva a intimidade entre o homem e a gleba. Já é tal tregeito de caule secco que lembra uma figura humana, já é tal imagem humana que se attribue a um vegetal.

Os contos de Monteiro Lobato hão de ficar-me, por longo tempo ainda, gravados na memoria, tanto são differentes dessa literatura modorrenta, que dá enfermidade a todas as flores e olheiras symbolistas a todas as mulheres. Talhados com rudeza, e alguma vez até com brutalidade de estylo, elles são fortes, são vivissimos. Lê-los, é ter deante dos olhos, não o estylo, cujos cuidados com tanta frequencia levam a acção a encolher-se, mas a acção mesma, que se desenleia livremente, em atropelo, sem indecisões, nem tropeços. E' que Monteiro Lobato chegou, na narração, a uma naturalidade extrema.

E é que soube rir, ainda, das pragmaticas officiaes da linguagem, que não passam, tambem, de innocente superstição. Monteiro Lobato foi avisado em entender que a grammatica que nos ensinam es livros, e particularmente os de lingua portugueza, é uma grammatica morta, a que convém dar vida. E dá-se-lhe vida, tornando-a logica, isto é, reconciliando-a, tanto quanto possivel, com o linguaajar do povo, esse desattento discipulo, esse discipulo curioso, que, ao cabo, vae a ensinar aos pedagogos mesmos. Trata-se, é claro, não de destruir o que existe feito, sinão de crear o que ainda não se fez, que é nada mais que fixar o que ameaça ser esquecido. Ora, Monteiro Lobato não faz contos só para gaudio da gente. Os seus contos cumprem destino mais elevado, qual seja o de registrar, em todos os seus aspectos, determinado momento da vida social interior. Não importa que o faça caricaturalmente. Isto bem que lhes dá mais relevo, e mais lhes denuncia a intenção.

Por taes motivos, é que lhe appeteca a grammatica viva, essa que se sujeita, bem como os organismos, a leis vitaes, essa que, em summa, é a grammatica legitima.

De resto, no autor de "Urupês" parece mais apurado o senso da verdade que o senso da belleza. Mas é licito ajuntar que a sua verdade é inteiriça, nella se contendo, em alternativas, o que na vida ha de sordido e ha de bello. Assim que topamos, a cada passo, nas suas paginas, quadros de amavel pittoresco, cheios de frescura e de humidade, onde sobejam motivos para affirmar a vida. Scenas infantis, impregnadas do terror maravilhoso das creanças, tão frequentes nos seus livros. Neste ultimo, ha a historia do "Camicêgo", onde brincam, com encanto, essas almas tontinhas.

Mesmo o homem, para Lobato, não é um ser mau, não é o temivel "lupus" do philosopho. E' apenas um ente infeliz, cujos gestos desconcertados o fazem, quiçá, menos infeliz que ridiculo. Em "O macaco que se fez homem", agora é um bre diabo que rebenta os miolos por ser honesto de mais, agora é outro que, por ser o melhor dos maridos, se julga com o direito de matar a mulher... Neste li-

vro, ha um conto, que cuido ser o melhor, vivamente colorido de tintas e de ironia, onde o homem apparece como nota destoante da harmonia universal, o "sustenido anarchico" da grande symphonia. Era elemento alheio aos planos do Creador. E tudo andava em paz sobre o orbe. "aqui bacteria e mastodonte, alli musgo e baobá, além craca e baleia — a summa variedade de formas dentro da perfeita unidade de plano". Mas certo dia, eis cáe de alto ramo um chimpanzé descuidoso, ferindo o craneo, numa pedra que em baixo havia, posta pela serpente. "Desd'essa quêda desastrada nunca mais funcionou normalmente o cerebro do pobre macaco. Doiam-lhe os miolos, e elle se queixava de vágado e de estranho mal-estar."

"... Sua cabeça perdeu o frescor da antiga despreocupação e deu de elaborar uns mostrengozinhos informes, aos quaes, com algum esforço, caberia o nome de idéas. Vacillava, elle nunca vacillára e agira sempre com os soberbos impetos do automatismo. Entre duas bananas, pateava na escolha, tomado de incompreensivel indecisão e por vezes perdeu a ambas, illudido por mōnos de bōte prompto, que nem vacillavam, nem escolhiam. Para galgar de um ramo a outro calculava agora não só a distancia como a força do salto — e errava, elle que antes da lesão nunca errara pulo. Até em suas relações sentimentaes com a velha companheira o chimpanzé variou. Ganho de malsãs curiosidades, examinava as outras macacas do bando, comparava-as á sua e

emittia suspiros profundos"...

A lesão se fez intelligencia e o macaco se fez Adão. "Paz. Paz absoluta. Felicidade absoluta. A Vida comia a Vida e a Vida amava para que se não extinguisse a Vida, tudo rigorosamente de accordo com a senha divina. Só Adão discrepava, piscando os olhinhos vivos, como a ruminar certa idéa. Gabriel parou perto delle e deixou-se ficar a observá-lo. Viu que Adão, de olhos ferrados numa toca de onça, "pensava": — Ella sae e eu entro, e fecho a porta com uma pedra, e a casa fica sendo minha..."

"... Nisto a onça deixou o antro e foi tocar uma veadinha. — Acompanha-me, disse Adão á companheira, e ambos se precipitaram para dentro da casa da onça, cuja porta fecharam com uma grande pedra roliça. E ficaram "donos".

Intelligencia... Intelligencia...

*
* *

Como se vê destes simples fragmentos. Lobato não descae, com a publicação de "O macaco que se fez homem", da sua dignidade de grande "conteur". E' o mesmo pittoresco na expressão, a mesma mobilidade de enredo, a mesma viveza nos processos narrativos, a mesma graça emfim.

Nem rouba a frescura aos novos contos o character mais universal que têm quasi todos.

Paulo Arinos

(Correio do Povo).

O "CASO" DE CRUZ E SOUZA

Cruz e Souza tem sido glorificado, nestes ultimos dias. E é commovente essa serie de artigos e commentarios, feitos em torno do nome deste poeta, por criticos das mais differentes côres literarias. Cruz e Souza é realmente impressionante. Nascido numa senzala, filho de escravos, este homem chegou, entre combates atroz, a ser o chefe de uma escola de poetas. As fórmias de belleza que cultivava impressionavam fundamente os seus discipulos e admiradores. E algumas das mais interessantes intelligencias, que delie

se approximaram, ficaram para sempre marcadas pelo influxo do seu talento. Ao lado dessa seducção, com que dominava os amigos e companheiros de escola, despertava, nos escriptores e poetas de outros ideaes, irritações profundas. Ainda hoje ha em seus livros versos que são verdadeiras vergastadas: e em muitos dos seus sonetos, em muitos dos seus poemas, fulguram coleras, que o dominaram deante de tal ou qual adversario.

Depois de tudo isso, uma infinita desventura no lar: a mulher louca, interna-

da num Hospício, o poeta vendo-se forçado a trabalhar como despachante de uma estrada de ferro, para obter a subsistência sua e dos seus, amargando ao mesmo tempo o desespero de ver que os seus filhos iriam ter uma sorte infeliz como fôra a sua própria. Esses sentimentos todos enchiam as paginas das poesias de Cruz e Souza que o sr. Nestor Victor acaba de dar á publicidade, commemorando o 25º anniversario da morte do poeta.

Mas eu não tratarei neste artigo de estudar a obra de Cruz e Souza. Depois de ter relido cuidadosamente todos os poemas e sonetos de Cruz e Souza, estou convencido de que este poeta deve ser estudado num ensaio completo. Através dos seus versos, poderemos mostrar primeiramente o que representa a rhetorica de Cruz e Souza, demonstrando como em todos os tres livros do poeta, se exceptuarmos talvez uma parte dos *Ultimos Sonetos*, o que existe é sómente o exaggero da pompa verbal, terminando por irritar os nervos dos leitores communs; poderemos mostrar, tambem, como, numa geração preocupada com o pensamento, com a idéa, onde se destacava Raymundo Corrêa, onde se fazia adivinhar o Bilac da *Tarde*, Cruz e Souza não soube ou não pôde pensar; suas idéas mais bellas são systematicamente anti-scientificas; poderemos analysar, enfim, certas tendencias da alma do escriptor — um certo idealismo já se fazendo adivinhar no soneto *Apparição*, dos *Broqueis*, para vir culminar em alguns dos mais formosos trabalhos dos *Ultimos Sonetos*; um vivo pessimismo, deante da vida e deante de tudo; e, por ultimo, um certo poder de dramaticidade, que se encontra em poemas impressionantes, como o *Pandemonium*, a *Caveira*, etc. Mas eu não tentarei hoje fazer esse estudo. E unicamente desejo tratar de uma certa exaltação, de uma especie de embriaguez, que tem ultimamente despertado a figura de Cruz e Souza.

Não é de hoje que os discipulos e amigos de Cruz e Souza enxergam nelle um bello genio. Esse genio tem um desagradavel defeito: é mysterioso, é trancado aos homens normaes. Sómente podem percebê-lo inteiramente os espiritos, mais fe-

lizos ou mais agudos, que se acham numa predisposição especial para decifrar mysterios. Mas o "caso" de Cruz e Souza é facilmente explicavel. Trata-se de um homem em quem predomina, com exclusão de qualquer outra, a faculdade verbal, tão commum nos brasileiros. Nos versos dos *Broqueis*, dos *Pharóes* ou dos *Ultimos Sonetos* descobrimos, a cada passo, jogos de palavras, assonancias propostas, o desejo de buscar effeitos ineditos, no brilho ou na sonoridade dos vocabulos. A cada passo, lemos versos como estes: "Vagas visões volupicas velozes", "pompas e pompas, pompas soberanas", "passa cantando, vae cantando e passa", "morta, já morta, muito morta, morta"; isso quando não é uma coisa mais grave: um alexandrino feito com a mesma palavra repetida seis vezes: "Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!", um decassylabo formado com um vocabulo que se repete até que o numero de syllabas esteja completo: "que vòa, vòa, vòa, vòa", "florescimentos e florescimentos", etc. E' claro que nada disso é comprehensivel.

Ha, porém, duas classes de gente que affirmam comprehender o sentido occulto desses versos todos: a primeira classe afirma por um puro sentimento de amor e de dedicação, constando de pessoas que foram amigas de Cruz e Souza, como o sr. Nestor Victor; e é natural e mesmo nobre que taes pessoas procurem encontrar naquella que chamam symbolicamente "o Poeta Negro", revelações bellas e transcendentas. Quanto á segunda classe, é composta de espiritos de uma predisposição especial para uma certa nebulosidade germanica, e essas pessoas naturalmente encontram profundas delicias nas musas complicadas. Esses dois grupos, que entendem ou affirmam que entendem *tudo* Cruz e Souza (porque *algum* até eu proprio entendo), usam uma politica interessante: proclamam que Cruz e Souza é um poeta para as élites — e que todos quantos não o comprehendem são imbecis. Que resulta disso? Resulta um facto singularmente curioso. Em geral, os homens têm horror ao titulo de imbecil; e, postos no dilemma angustioso — ou comprehendem Cruz e Souza ou receberem esse titulo — preferem a primeira

das soluções. Resta uma classe de gente muito diminuta, que tem a coragem de confessar que ha certas coisas nestes versos absolutamente vedadas aos cerebros communs, muito embora essa confissão venha acarretar-lhe antipathias e titulos pouco gentis.

E' espantoso realmente: ha quem pretenda fazer de Cruz e Souza uma especie de religião literaria nacional! E um certo ar de solennidade e mysterio, tomado por algumas das pessoas que commentam a sua obra, indica que esse culto é levado muito a sério. Mais um pouco, e Cruz e Souza será para o Brasil uma especie do que é para a França Stendhal: isto é, um genio mysterioso e profundo, de cujo influxo decorrem fórmulas de arte novas, novas e esplendidas manifestações de belleza. E talvez não falte muito que tenhamos os nossos *cruzistas* — como na França existem os *beylistas* — encarregados de zelar piedosamente e interpretar, á luz de uma exegese especial, a turbulenta obra do poeta.

Desse chocante exaggero é que nos precisamos precaver. Reconhecemos todos que Cruz e Souza foi um alto e luminoso espirito; que através de mil e uma quedas, onde procurava inutilmente exprimir pensamentos que não existiam, seu estro conseguiu algumas vezes attingir á ternura daquellas estrellas de brancas sonoridades, de que elle proprio falava; re-

conheçamos que elle teve um alto espiritualismo, algumas vezes — tão raras... — approximando-se da torturante dôr de alma de Anthero do Quental, e tambem que em suas melhores horas soube falar com uma incomparavel suavidade, como no sonto em que teve esse pensamento raro:

*O coração de todo o ser humano
Foi concebido para ter piedade...*

Sim, reconheçamos tudo isso. Reconheçamos, se quizerem, que Cruz e Souza foi um grande poeta, um grande creador de symbolos, o maior dos symbolistas do nosso paiz. Mas, por Deus, não lhe tentemos dar essa grandeza de genio, de martyr e de santo, que lhe têm emprestado ultimamente. Sejam justos — mas sejam commedidos tambem. E sobretudo não queiramos transformar em mysterios supremos, em verdadeiras revelações de uma religião nova, o que era apenas o violento verbalismo de um poeta dos tropicos, cheio de um excesso de luz, de esplendor, de côr e de paizagem, mas sem as qualidades, compensadoras desses excessos, de uma solida cultura e de uma bella faculdade de meditação.

Mucio Leão

(Correio da Manhã, Rio).

MELHOR E' RIR

(Do meu diario; 1923.)

ABRIL, 13 — Dia nefasto. Desde cedo me não tardam contrariedades. Tivesse eu a superstição romana, e inscreveo-la perto do de Allia ou proximo ao morticinio dos tresentos e seis Fabios.

Perfidamente antes do café, consegue penetrar-me o quarto e a paciencia um album de marroquim com o sedico pedido de "qualquer cousa serve, duas linhas apenas ou mesmo a simples assignatura". O album é uma calamidade nacional. Setuagenario, acreditava-me livre dessa epidemia cuja preferencia pela mocidade é explicavel.

Saio para respirar meia hora a pé

Aborda-me á calçada a consequencia duma "grêve" de lixeiros; consequencia logica: fedor. Fedor logico porque, quando diminuem os lixeiros, o lixo augmenta

Decidi ir respirar, sentado, qualquer emanção mais aromatica. Tomo bonde para o alto de S. Anna, o mais salubre dos arrabaldes da Paulicéa, mas sou immediatamente apresentado a funcionario do Saneamento, cujas cortesias se dilatam até que lhe eu pague a passagem. Preferindo minha companhia á delle, voto para o meu quarto e abro o *Jornal do Brasil* da vespera. Não tem artigo meu. Muito bem.

Supplicio mais cruel do que, num baile, ouvir ao piano tres filhas consecutivas

da dona da casa, é reler o jornalista os seus proprios artigos. Quando, por exemplo, tendo escripto "multiplicados raciocinios", soletra elle "media todos raciocinios", o desespero quasi o apresenta candidato ao diluvio universal!

Ainda quando essa completa perturbação do sentido succede em S. Paulo, onde escrever é monologar, e onde a imprensa, para o estrangeiro predominante, começa e acaba na secção commercial, o caso, passa-culpas, começa e acaba no proprio caso. Não assim lá no Rio de Janeiro, cerebro do paiz e hoje tambem de sua syntaxe, onde agora um erro de imprensa vale por dous: erro da revisão que não reviu e erro tambem do governo que lhe governou a publicidade.

Mas eu tenho de ler artigos dos outros, e sou dotado de resignação quando se trata de padecimentos alheios. Mobilio de expectativa o espirito. Vou compensa-lo dos dissabores do dia. Vou receber, e pelo ultimo correio, informações da patria presente; devem ser boas, optimas talvez, pois segundo me dizem anda ella a festejar centenario de independencia e, gerida pela firma Republica & Cia., está provavelmente vestida como Rhéa Sylvia emquanto o foi, e pura como a agua da Carioca antes de canalizada.

Ora! Dia nefasto como o que mais o seja, o de hoje. Decididamente acordei com o pé esquerdo.

Mal desdobro o *Jornal do Brasil*, vai elle contando que a esperada Rhéa se fizera realissima ré: ré de desidia no exercicio de suas funcções federaes, estaduais e municipaes; ré em vespas de perder o emprego de patria por incuria, perante a moral policiada, nas penas do artigo 238 do Codigo Penal. E assim articula em suas columnas editoriaes libello não contestado:

— "Porque tuberculosa, foi repellida da Santa Casa de Misericordia uma moribunda pobre."

Santa Casa de Misericordia? Não. Não é verdade. Houve tres mentiras nessas quatro palavras.

Santa? A santidade exclue o peccado e inclue a innocencia, e o mais elementar criterio recusa o qualificativo de innocente a quem, quando lhe a desgraça

pede um leito, prefere dar-lhe um empurrão.

Casa? Mas era justamente o que a infeliz pedia e foi o que não obteve. Por muito favor a consentiram, na visinhança da porta principal.

Misericordia? Pois sim! A misericordia é tolerante, é sensata; concede, não impõe. Misericordia intolerante é phenomeno tão inassimilavel como o de deputado sem subsidio. E' misericordioso responsabilizar alguém por tuberculose que não pediu nem desejou? Não está a sensatez a ensinar que, se essa desventurada mulher pudesse escolher a molestia que a eliminaria dentre os seres vivos, necessariamente escolheria a velhice?

Triste? Triste, mas brasileiro e actual; engraçado, portanto. Melhor é rir.

— "Na rua Pertence, permanece ha um mez automovel quebrado, não se sabendo a quem elle pertence. Ninguem o reclama. Tem uma roda partida".

O facto é interessante e significativo. Desobedeceu, porém, a chronologia e não abundou de perspicacia quem o delatou a esse generoso orgão fluminense, que me acceita a collaboração não sei porque. O abandono estacionario da rua Pertence foi mas já não é: foi automovel, não é automovel. Automovel que não se move é como saldo orçamentario, inexistente até nas regiões da phantasia. Demais, torceu elle, o ex-automovel, a vocação: construido para correr, parou no meio da rua onde impede que a gente corra.

Falta-lhe gaz? Não tem direcção? Está mesmo quebrado? Mas que esplendida photographia administrativa! Que extravagante capitulo de nossa autonomia centenaria!

Extravagante, sim, porém muito municipal. Melhor é rir.

— "No Estado do Paraná, que durante trinta e seis annos dos ominosos tempos teve vinte e sete presidentes, o cidadão Rocha reelegeu-se governador por unanimidade".

Que ha nisso senão harmonia do cargo com o sobrenome. E' dever duma rocha ficar firme; rochas em regra não mudam de logar, especialmente se nelle se sentem á vontade com os rochedinhos que a natureza lhes proporcionou.

Nessas condições, e mais consultada a propria pessoa do que a indole do regimen, o administrador paranaense resolveu resolver o complicado problema do inquieto: decidiu morar no governo. Seu ideal, respeitavel como todos os ideaes sinceros, vê-se e não destoa da musica tocada pelas bandas em vigor, é substituir o "consolidemos as instituições" pelo "consolidemo-nos nas instituições." Intrepido programma!

Intrepido, mas excessivamente estadual. Melhor é rir.

— "Rubens, dez annos apenas, fardado, alumno do Collegio Militar de Barbacema, foi mettido num trem ferreo e remettido para a Avenida Central".

Ha evidentemente no amago desse facto um intuito educador com soffríveis evocações historicas. Viajar e apprender são proveitos inseparaveis. Quem disso duvidar esbarrará nas peregrinações orientaes e occidentaes de Pythagoras, nas romarias legisladoras de Lycurgo e Solon e, talvez, nos relativamente modernos passeios de Frederico Le Play, notorios e notaveis propagandistas da instrucção andeja.

O que o mineiro instituto premeditou e que foi o projecto, em parte conseguido, de ir desde já habituando o joven Rubens apprender, viajando, as cousas e os homens; e tambem as mulheres, pois, atirado á Avenida Central e outras, poderia Rubens, curioso por ordem da natureza, reparar, embora friamente, nas meninas muito bem despidas que a frequentavam.

Observar-se-á que deveria o director do despedimento ter fornecido, ao futuro defensor da patria, no momento da partida, algum dinheiro para as primeiras despesas. Observação errada, porém. Acima do seu acerto apparente está o bellissimo designio militar que inspirou e effectuou

a remessa duma creança, sem comida, sem vintem, mas com a farda do exercito nacional, para o centro mais populoso e movimentado do paiz. Tratava-se, irretorquivelmente, de fortalecer-lhe corpo e alma, incitando-lhe a energia por meio do jejum, educando-lhe a altivez pelo pedido da esmola, para mais tarde, preparadissimo defender com exito a integridade moral da geração do seu tempo e a integridade territorial da gloriosa terra brasileira!

Bem examinadas as circumstancias do caso, Rubens até lhes deve gratidão. A desgraça immerecida é o melhor dos ensaios para a lucta da existencia. Eleva a audacia á altura do dever. No ultimo degrau do patibulo, respondendo ao carasco que lhe perguntava o ultimo desejo, proferia Auguste Manette:

— Cuspir nesta sociedade que me não soube educar.

Penoso, penoso; mas melhor é rir.

Dia ruim. Desagradavel. Nefasto. Lendo-lhe a vespera tive de supportar, longamente e mais uma vez, essa obstinada ostentação de incoherencia que constitui, no Brasil hodierno, o ambiente intellectual tanto dos governantes como dos governados. Sociedade contradictoria!

Quer que eu acredite numa caridade que enxota a indigencia moribunda, num municipalismo indifferente ao transito publico, em eleições, em ensino official que está a pedir ensino, e contesta... quando lhe eu conto que em Sarapuby, em 1874, a sogra do coadjutor da parochia tinha uma perua vesga que punha ovos fritos uma vez por semana! Melhor é rir".

S. Paulo — 1923.

Martim Francisco.

("Jornal do Brasil", Rio.)

SUAVIDADE DA LINGUA PORTUGUEZA

Si da linguagem em sua generalidade se diz que é a expressão do pensamento, — da linguagem portugueza fôra licito dizer que é a modulação do pensamento.

De todas as linguas que me têm sussurrado ao ouvido, não sei de nenhuma que

se vista de tanta harmonia e dulçor, que tanto forceje por aplainar as arestas dos sons e por avelludar a tonalidade das palavras do que esta doce linguagem que de Portugal se transplantou ao Brasil, a cujos sons se acalentou o meu somno

de infancia e cujo verbo me foi revelado pela bocca extremosa e santissima de minha mãe.

Quem quer que, com isenção de animo, se dê a um estudo confrontativo da phonetica portugueza e da phonetica das linguas suas co-irmãs, filhas por egual do idioma do Lacio, concluirá que nenhuma (nem ainda aquella que se convencionou investir dos fóros de lingua official do canto e da musica, mercê dos maravilhosos surtos de arte do paiz de que é idioma), nenhuma curou tanto de ameiçar as palavras de attenuar a dicção, de polir as asperezas phonicas do que essa linguagem que, exsurdida do latim pedestre ou castrense, começou por ser a lingua dos bardos e trovadores, a lingua dos poetas erradios, a propria poesia, ou fosse a palavra musicada e rythmica.

Consoante e expressão do velho classico "lingua é excellente, assim na suavidade da pronunciação como na gravidade e composição das palavras; branda para, deleitar, grave para engrandecer efficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, em que a pronunciação não obriga a ferir o céu da bocca com aspereza nem arrancar as palavras com vehemencia do gargalo; suave para cantar, com um certo sentimento que favorece a musica".

Ao passo que o francez é lingua essencialmente nasal, em que as correntes aereas emissoras da articulação da palavra refluem mais para as fossas nasaes do que para o ambito buccal, e gutturaliza o *r*, tornando-o de ruidosa e aspera enunciação, e possui o *u* dual, misto de *u* e *i*, cujos sons consorciados forçam á junção dos labios ou semiocclusão da bocca; ao passo que o italiano padece de sons duplices como *tchê*, *dgê* e *tzê*, na articulação dos quaes a corrente emissora gera um ruido chiado e trepidante, e prefere insular as vogaes consecutivas em hiatos frouxos a fundil-os em diphthongos como faz o portuguez, e, por influxo da lingua mãe, fere com estrepito a vogal final átona dos vocabulos graves, ou exdruexulos; ao passo que o hespanhol é copioso de sons duros e gutturaes, e de sons aspirados como o *j* do vocabulo *mujer*, — o portuguez foge, em sua prosodia, a tudo isso: as dicções esfolham-se

dos labios como sons alados, liquidos, leves, claros, macios.

Fazendo convergir a accentuação para a syllaba tonica e pronunciando as demais quasi átonas; tendo operado, em maior escala que as suas co-irmãs o abrandamento das consoantes fortes latinas em homorganicas fracas, a eliminação das consoantes intervocalicas (d'onde a profusão de diphthongos que a caracteriza, pois nenhuma outra lingua romanica os possui nem tão característicos), a diphthongação do som nasal *om* em *ão* (diphthongo que é um verdadeiro idiotismo, pois nenhuma outra lingua o possui, e os estrangeiros difficilmente conseguem reproduzir-o); tornando lingual o *r* guttural dos francos e germanos, tendo horror ás aspirações e aos sons duplices, — o portuguez desenvencilhou-se de todas as asperezas e dissonanancias que pudessem afear-lhe a prosodia, muitas das quaes herdadas do germano, do provençal, do gallego e do hespanhol.

E assim veio a constituir-se, no quadro das linguas romanicas, a de pronunciação mais eustomica, a de fala mais branda e suave, a de vozes mais tenues e liquidas, aquella em que a palavra ou dicção se enuncia mais leve, mais subtil e mais alada...

Mas não é só a suavidade de pronunciação que lhe aligeira e dulcifica a enunciação: o seu admiravel systema de conjugação verbal e a basta cópia de sua suffixação.

A differenciação das desinencias verbaes, geralmente distinctas na sonancia, caracteriza tão singularmente cada uma das pessoas que a simples enunciação da desinencia determina por si a pessoa grammatical, a ponto de a ellipse do pronome sujeito constituir um de seus mais bellos idiotismos e um de seus mais gratos encantos, que, entretanto, a nefasta influencia da contaminação franceza tem procurado turbar.

A variada e multipla profusão de seus suffixos (de que nenhuma outra lingua é mais aparelhada e rica) permite-lhe propagar indefinidamente o vocabulario (mantida em todos os cognatos a idéa fundamental expressa pela raiz), resalvada a categoria grammatical de cada cognato por seu morphema proprio, —

e d'est'arte os vocabulos cognatos formam verdadeiras constellações de palavras, em que o centro do systema astral é figurado pelo vocabulo primitivo ou vocabulo patriarcha, em torno ao qual os outros gravitam como satellites.

Mas, como a mulher formosa e faceira que não se rende sem primeiro se deixar requestar e cotejar, — a lingua portugueza retarda ao estrangeiro a assimilação e retentiva de sua encantadora prosodia: impõe-lhe, como noviciado ou prova inicial, desbastar primeiro o ouvido das asperezas e dissonancias de sua lingua aspirada, guttural, ou nasal para, só então, permittir-lhe apprehender e recolher-lhe os sons maviosos e mellifluos, a principio vagos, diluidos como échos de sons, como flóccos ou farrapos de sons, depois encorporados, vestidos de fórma e de idéa, e, finalmente, cheios, tûmidos, tangíveis.

Uma vez treinado o ouvido em seu trato diuturno, uma vez fixada a sua facies prosodica, — a doce lingua penetra, como um filtro magico, a alma do estrangeiro, enlaça-a, sitia-a, enleva-a, e assim se torna o primeiro passo á naturalização, o primeiro impulso á adopção da terra como patria adoptiva, o elo incoercível que prende e fixa o ádvena ao ambiente e ao sólo, o grande factor, o maximo factor da nacionalidade!

E' admiravel que, talado o nosso sólo, na época colonial, por hespanhões, francezes e hollandezes que chegaram a constituir nucleos da respectiva nacionalidade, de que as guyanas são os ultimos remanescentes; que, fomentada a immigração, após o advento da lei Aurea, de italianos, allemães, polonios e hespanhoes, — a lingua indigena tenha resistido a todas as tentativas de absorpção no ambito vastissimo de nosso immenso territorio, mantendo inalteravel a sua physio-

nomia no Acre, no Amazonas, no Rio Grande do Sul, em Matto Grosso, salvo as differenciações decorrentes do clima e do habitat. Ao passo que paizes de territorio pequeno como a Belgica, a Suissa, a Hespanha tiveram quebrada a integridade do idioma com a infiltração alienigena (pois na Belgica se fala o wallão, o francez e o flamengo; na Suissa, o francez, o allemão e o italiano; na Hespanha o castelhano, o catalão e o gallego), — o Brasil, com o seu territorio dezenas de vezes mais vasto, o Brasil, muito mais exposto (dada a pouca, ou quasi nulla, densidade de sua população,) ás tentativas da infiltração e absorpção exotica, offerece o espectáculo quasi virgem da integridade do idioma sobrepairando soberano e intangível acima da babel das correntes avassaladoras alienigenas!

Não possuísse a lingua portugueza no Brasil o admiravel condão de um encantamento irresistível; não fosse ella, pela magia de sua tonalidade, o verbo que fascina e seduz, a musica orpheonica que adormenta os sentidos numa especie de hypnose empolgadora, não se infiltrasse por ella, no Brasil (onde a sua enunciação augmenta de mollicie e languidez, mercê do clima tropical e dos factores ethnicos do caldeamento tupi e africano) o proprio genio da terra, o nume das selvas, o espirito dos rincões e socavões, o sopro animico de sua natureza estuante e ubérrima, — e ella não teria sido, como é, como será, a grande força centripeta de cohesão nacional, o grande factor da unidade patria, o espirito maternal que enlaça na mesma communhão de affectos e destinos vinte e um Estados Federados!

CARLOS GÓES

(Revista Mincira)

BRECHERET

Dentro de pouco tempo — talvez bem pouco — o que se chamou em Fevereiro de 1922, em S. Paulo, a Semana de Arte Moderna, marcará uma data memoravel na desenvolvimento literario e artistico do Brasil.

Esse ensaio, ingenuo e ousado, de rea-

ção contra o Mau Gosto, a Chapa, o Já Visto, a Velharia, a Caduquice, o Marcantilismo, obteve um resultado imprevisto e retumbante. Assanhou o odio dos philisteus, introduziu a duvida nos espiritos de boa fé, e fez vir ás gargalhadas um publico triste e conselheiral.

Teve senões evidentes, e falhas inevitáveis em emprehendimento desse genero levado a effeito num meio acanhado e em cidade provinciana, apesar do concurso do bello contingente que o Rio nos enviou. Mas nelle soou, clara e vibrante, a nota do talento e da mocidade. A ella devemos o terem-se aberto, bem largas, as portas do Municipal, para uma rajada de ar puro que limpou o palco e corredores do theatro, ainda quentes do bafio rançoso das operas da Companhia Mocchi e do Coty suspeito das peças de monsieur Brulé. E, pela primeira vez, S. Paulo se interessou, com paixão, por um problema de arte; pela primeira vez em meio do nosso industrialismo, sahiram as conversas do ramerrão das preocupações materiaes e da maledicencia para o terreno das idéas geraes. A propria indignação dos adversarios, prolongando-se por mezes e mezes, foi um phenomeno animador, sendo uma das provas da existencia de forças latentes de reacção no nosso organismo social. Quem tanto odeia, não está longe de amar...

No entretanto, que estranho caso o desse publico moço, intelligente e apegado como um velho a um passado defunto! A explicação talvez seja de ordem mais geral e indique uma falha ou um vicio na propria vida intellectuai do paiz inteiro.

O Brasil, de facto, e por motivos que merecem maior estudo,, sempre nos apparece em atraso de cincoenta a trinta annos, em todas as questões referentes á Arte e á Literatura. Quando as novas formulas, já gastas e esgotadas, desaparecem, ou se refugiam nos museus e bibliothecas da velha Europa, surgem ellas envelhecidas e fóra da moda nos nossos centros intellectuaes.

Todo o romantismo descabellado da geração de Castro Alves — de influencia tão pernicioso na formação do espirito brasileiro — desconheceu o "frisson nouveau" da poesia baudelaireana; o symbolismo de Verlaine e Mallarmé, o neo romantismo de Rimbaud (de onde sae todo o movimento poetico moderno) quasi nenhum vestigio deixaram na literatura patria.

Os nossos poetas crystallisaram-se numa curiosa mistura de romantismo e parnasianismo, que produziu, é, certo, um

grupo de primeira ordem como o de Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira e Bilac, mas que já destôa na evolução moderna, como destoava no periodo romantico uma tragedia classica ou uma ode anachreontica.

No romance, só trinta annos depois da publicação de "Madame Bovary" appareceram entre nós os primeiros ensaios do naturalismo, e em toda a litteratura brasileira da ultima metade do seculo XIX, nem uma vez se citam os nomes de Stendhal, Balzac e Flaubert, que são os grandes mestres latinos e as fontes inesgotaveis do genero.

E' inutil falar na pintura, na escultura e na musica. Ahi o nosso atraso foi — e é — secular e a nossa indigencia insondavel. Ficámos nas operas de Carlos Gomes, de um italianismo de reallejo, que totalmente ignorou a inspiração social e folklorica da nossa ethnographia, —, e nas estatuas de Bernardelli, que faz parte, ha mais de trinta annos, de uma olygarchia artistica, tão deprimente e vergonhosa, numa terra livre como a dos tyrannetes da politica. Na pintura os esforços de Victor Meirelles e Pedro Americo, dois, grandes artistas explorando um genero bem chamado historico — basta uma visita ao "Salon" annual do Rio para se ter uma idéa da nossa pobreza artistica. Só agora, alguns innovadores descobriram o impressionismo de Monet, Bonnard e Vuillard, como as mais recentes expressões da belleza — quando para ellas já se abriram, em consagrações officiaes, os museus mais conservadores dos velhos paizes.

A Semana de Arte veio revelar ao deserto do nosso mundo lunar que uma nova modalidade do pensamento surgira como uma grande Renascença moderna. Com ella apparece entre nós, o sentimento de inquietação e independencia que é caracteristico da nova feição do espirito humano. O mundo já está cansado das formulas do passado; em toda a parte, em todos os terrenos — na esthetica da rua, no annuncio, nos reclames, nos jornaes illustrados, nas gravuras, na mobilia, na moda — com uma alegria iconoclasta e juvenil se quebram os antigos moldes e desaparecem as velhas regras, pesadas como guilhões. Politica, Arte, Literatura, Sciencia, Philosophia —

todo o esforço humano — sofre dessa radical transformação do ideal, em que se exerce, de maneira tão luminosa, a sensibilidade livre e individual dos homens de hoje. Nunca, desde a Idade Média, se viu tão esplendida manifestação colectiva. Um vento masculino de revolta e renovação sacode e abala o antigo arcabouço das civilizações classicas. A regra será — diz Maurice Raynal — abusar da liberdade, mesmo para errar... Ainda é o melhor meio para atingir o fim desejado.

Só ahí, como sombras estranhas em meio do esplendor da nossa, terra, ainda vivem, e dominam, os personagens anachronicos que são o poeta parnasiano, o escriptor naturalista, o pintor anecdótico, o musico de opera, e o politico — feição “liberal do Porto” — acreditando nas leis da velha Economia Política.

A Semana de Arte foi o primeiro protesto colectivo que se ergueu no Brasil contra esses fantoches do passado. Graças aos seus ataques irreverentes — de um delicioso exaggero — á virulencia das suas invectivas, muito livro de versos de rima rica e idéa pobre, deixou de apparecer em publico; muito quadro fugiu para outros amadores ignaros de plagas mais remotas, e muita caduquice rabugenta voltou amedrontada para o silencio e incenso das capellinhas. Assim iniciou o grupo da Arte Moderna a obra de saneamento intellectual de que tanto precisamos.

Nessa manifestação de mocidade e independencia, de talento e audacia, ninguém mostrou mais probidade artistica, mas chamma sagrada, mais maestria na technica do que o escultor paulista Victor Brecheret. Os seus trabalhos expostos no vestibulo do theatro de S. Paulo já tinham a serenidade definitiva de obras de museu, e impunham respeito e admiração, mesmo aos mais indifferentes ou hostis.

O soberbo monumento aos “Bandeirantes”, a massa imponente do seu “Genio”, criador e submisso como uma força da Natureza domada, a graça alada e sinuosa das “Dansarinas”, a alvidez da magnifica cabeça de “Nubio” — formavam um conjuncto, digno das melhores exhibições de arte na Europa. Pariz ac-

ba agora de o consagrar grande artista; Brecheret, na escultura, foi o triumphador do “salon d'Automne”, deste anno. A gloria e a fama, indiscretas e teimosas como mulheres, souberam descobri-lo na nobre pobreza do seu atelier de operario perdido nesta immensa cidade, implacavel e justiceira. Para tiral-o do anonymato de artista estrangeiro e desconhecido bastará o “Salon” deste fim de anno.

A obra exposta representa um grupo de quatro figuras de mulheres chorando com a “Mater Dolorosa” o corpo inanimado do Christo. O assumpto e a collocação foram impostas pelos organisadores do Salon. Vencedor num concurso preliminar em que figuraram 60 esculptores parizienses, Brecheret teve de limitar a execução da sua obra a um espaço de 60 centimetros de largura e 4 metros de comprimento. Os criticos salientaram esse “tour de force”, comparando-o Thiébaud-Sisson, do “Temps”, ao processo decorativo dos artistas da Idade Média que tão harmoniosamente sabiam subordinar as suas esculpturas ao conjuncto architectonico que as rodeava.

Brecheret, porém, não imita nem copia os mestres do passado; é moderno na concepção e na execução. O escultor não pertence a nenhuma escola em “ismo” e da sua imaginação criadora brotam espontanea e ingenuamente as formas plasticas do seu sonho. A serenidade hieratica das personagens, a graça discreta das figuras, de uma frescura de “primitivo”, a poesia das mãos espalmadas, caridosas e plangentes, a curva perfeita, da primeira das mulheres até os pés longos e finos que terminam o grupo — dão á obra do nosso escultor um encanto e um sentimento que empolgaram a critica pariziense e o publico do “Salon”.

Ao ver tanta admiração e curiosidade em torno dessa obra de arte — mais do que nas propagandas estipendiadas, nas reclames das agencias telegraphicas, nos banquetes officiaes, e nas embaixadas, mais ou menos de ouro — tem-se a visão de que um povo vivo e moço, surge do outro lado do Atlantico. É a melhor e mais intelligente informação sobre o que vae ser o Brasil moderno.

Ha neste momento em Pariz outros artistas e escriptores brasileiros — do mais alto valor — empenhados na patriótica campanha de reabilitação de um paiz, em geral conhecido unicamente como a terra pittoresca do Pão de Assucar e do café. Vivem elles ainda nessa sombra onde se preparam os dominadores futuros da cidade incomparavel; surgirão repentinamente, como Brecheret, numa onda de popularidade, ou pelo lento trabalho dos perseverantes e illuminados que ignoram a impaciencia. Que apoio lhes dá a patria longinqua e indifferente? Viveremos sempre, em materia de arte e literatura, nesse periodo colonial em que o estrangeiro adventicio nos domina e explora, como o conquistador primitivo seduzia os morubixabas indigenas com as suas bugigangas de pacotilha?

A obra prima de Brecheret não deve ficar exilada na Europa; ha de haver no Brasil, ao lado das obras de fancaria dos italianos, francezes e hespanhoes de exportação, um lugar de honra para o trabalho de um patricio. S. Paulo, pela

sua historia e por suas tradições, já não é simplesmente um terreiro, um armazem ou uma fabrica; aos povos, como aos individuos, o fardo pesado da riqueza impõe nas terras cultas, deveres e obrigações. Os mais repugnantes novos-ricos de Chicago ou Buenos Aires consignam nos seus orçamentos verbas cada dia maiores para as despesas de caracter intellectual ou artistico: assim se estabelece a harmonia entre os progressos materiaes e o que Renan chamava o culto do Ideal.

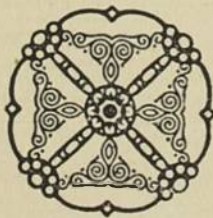
O governo de S. Paulo modestamente subvenciona a estada de Brecheret na Europa, como se fosse um tenor protegido da politica, ou uma menina pianista. E' preciso completar esse acto louvavel, adquirindo para nossa Pinacotheca, ou para nossa Cathedral, a "Mater Dolorosa" do escultor paulista.

Por esse gesto intelligente dos nossos governantes, muito lhes será perdoado.

Pariz, Dezembro.

(Estado de S. Paulo).

Paulo Prado.





DEBATES E PESQUIZAS

MIGUEL COUTO

Confissões de um grão-mestre

A calva de Miguel Couto é o espelho venerando onde se miraram vinte e cinco bandos de doutores, durante vinte e cinco annos de magisterio.

Um acontecimento dessa natureza, que na carunchosa Europa ou na Asia dos Confucios é o "ram-ram" dos ambientes universitarios, aqui, entre os americanos livres da livre America, é a realização de um "raid" phenomenal, que assume, perante a instabilidade tropicalissima de nossa anarchia didactica, as proporções de um patriarchado biblico.

Passivel de antagonismos doutrinaris, mas inacessivel á discussão da personalidade sob o ponto de vista global, a figura de Miguel Couto é, nesta hora que passa, um marco irremovivel na historia da medicina brasileira.

Teria elle fundado uma escola?

Para respondermos com precisão a esse quesito, resolvemos importunar o grande medico, quando, empalhado uma casaca hebdomadaria, encerrava na Academia Nacional de Medicina, a secção a que presidira.

— Poderia o professor conceder-nos algumas palavras sobre sua vida didactica?

— Miguel Couto sorriu por baixo daquella bigodeira untada de bondade, e falou-nos:

— Eu estou inteiramente ás ordens do meu caro amigo, mas não sei si a minha memoria estará igualmente ás minhas ordens.

— Mas si o professor não puder de prompto concatenar suas memorias, amadurecidas de vinte e cinco annos, fará um grande obsequio si se dignar marcar-nos uma outra entrevista, após haver consultado as annotações de seu diario. Com certeza o mestre tem annotado, por escripto tudo quanto de interessante se haja passado neste quarto de seculo de universidade.

— Perdão, mas eu nunca escrevi coisa alguma, das que me impressionaram. Algum ligeiro volume, saído do prelo com o meu nome é mera obra de gentileza para com os meus contemporaneos, que me investem nos varios departamentos da immortalidade, obrigando-me a gravar em letra de fôrma não as minhas idéas, mas uma phase das minhas idéas.

— Então é o professor contrario ao tratadismo?

Miguel Couto sorriu, mas agora já não foi por baixo do bigode; foi do fundo

daquellas olheiras universaes onde se embuçam todos os segredos do magnetismo social; sorriu e respondeu.

— Eu não conheço essa função — ser contra —; todavia, tenho procurado ser a favor da tradição verbal. A palavra falada muito mais plastica do que a escripta, tem a grande vantagem de satisfazer á verdade de cada tempo e em todos os tempos.

E' a mesma natureza que nos ensina essa noção quando nos concede mechanismo organico de phonação articulada, deixando a nossa imaginativa o trabalho artificial de convencionar e interpretar caracteres.

A tradição verbal é muito mais vitalizante e conservadora do que o registro graphico.

— Mas porque assim pensa o mestre?

Desta vez Miguel Couto não sorria e continuou:

— Por uma razão muito simples e muito forte. A cada momento que decorre na vertigem do tempo o cerebro humano occupa um logar differente na amplitude do espaço; o phosphoro que se comburiu para lêr o jornal do manhã, provém da lagosta que se comeu ao jantar na vespera; para lêr os jornaes da noite já se recorre, ao omelette do almoço; ora, lagosta está para o omelette, como Troussan está para Mackenzie e como Ticho-Brahe está para Flamanou.

Quando eu, ha 30 annos fugia ao "miasma" do Rio da Joanna, não podia suspeitar de um pernilongo suburbano que me vinha morder com muito mais piedade do que as damas da Cruz-corde-burro-quando-foge; Entretanto, hoje, já existe quem mande suffocar na subvida de uma enxovia assejada, o tuberculoso que, a meu conselho procurou saturar o boffe com todos os oxygenios da Natureza.

"Tout passe, tout casse, tout lasse". dizia o sr. Adrien mesmo antes de ser Delpêche.

E o amigo já teve occasião de manifestar-se a este respeito em um de seus livros.

Quando Jeovah houve por bem promulgar aquella sabia constituição que

foi o decalogo, teve o cuidado de gravar, sobre as taboas de Moysés, apenas os numeros de ordem, dos mandamentos; quanto ao enunciado dos artigos, que os fosse arranjando a humanidade a seu bel prazer.

Felizmente o Decalogo até hoje vem impondo condições da mais logica moral.

— Com que então o mestre julga que escrever é contrair para com a posteridade o compromisso de manter o mesmo modo de pensar, o que é absolutamente incompativel com as leis da evolução e do progresso?

— Nem mais nem menos.

Imagine o amigo que fosemos guardar fidelidade ás nossas primeiras manifestações da intelligencia; que succederia? Apenas isto. O dr. Lauro Muller a passear em plena avenida, de chupeta ao beijo, babador ao collo, comprando lembriqueiros para curar as suas enxaquecas quinquenaes.

— E no que respeito, ao criterio de examinado, como pensa o mestre.

— Em principio, começo por não pensar; chega a hora da bomba, o camarada está cru', mas eu me lembro de que Hypocrates tambem não conhecia as cadeias lateraes de Erlich e... deixo-o passar.

Banca que eu presida é um arco de triumpho aos doutos e uma cancella magnanina aos doutores.

— Que pensa o mestre da falibilidade da sciencia.

— Si eu fosse, pensar sobre tudo que o amigo pergunta acabaria falando sozinho. Creio que a função do medico não é curar, e sim retardar a hora da morte ou fazer morrer mais de vagar. O termo "medico" nenhuma analogia tem com a vida ou com a saude; o medico é justamente o unico elemento social que tem o direito de attestar obitos. E' o que se dá com o sacerdote, esse santo homem que, soccorre aos moribundos, aos doentes já desenganados; e apesar disso continúa a ser o "cura".

Quando recuperei os sentidos, dei de cara com o leitor furibundo, amarrotando entre as mãos colericas o exemplar desta folha.

Mendes Fradique.

"O Jornal", Rio.

A INFLUENCIA DA ELECTRICIDADE ATMOSPHERICA SOBRE OS ORGANISMOS

Além da electricidade que se produz nas cidades e que actua sobre os organismos, a natureza se encarregou de fazer-nos respirar constantemente em uma atmosfera intensamente electrica.

Em todas as regiões do globo terrestre, existe, normalmente, entre a atmosfera e o sólo, uma differença tal de potencias que, em geral, a terra se encontra negativamente electrizada. Essa differença em termo médio, é de 400 a 500 volts, por metro, em altura. E' facil de se comprehender o alcance dessa situação, bastando recordar que, em Paris, as lampadas electricas, são accesas pela manutenção, entre seus polos, de uma differença de uma centena de volts.

A atmosfera está constantemente atravessada, de cima abaixo, por uma corrente electrica.. Por metro quadrado de superficie terrestre, a intensidade é fraca, devido a ser o ar muito máo conductor da electricidade.

Quando, porém, uma depressão atmospherica, violentamente, approxima duas massas de ar, ou de nuvens que conttenham differenças de potencias num certo numero de milhares de volts, a despeito da resistencia ambiente, a tensão electrica é tão poderosa que produz descargas formidaveis. E' a producção do relampago, com estrondo. A colera de Jupiter não toma nisso, a menor parte, como se acreditava entre os antigos. Se perdurasse essa crença, haveria a difficuldade de explicar porque Jupiter se mostra mais irascivel no verão do que no inverno.

Não ha quem não haja notado que nos dias tempestuosos, é muito mais intenso o estado nervoso de certas pessoas — principalmente mulheres — e de certos animaes, principalmente os gatos. E' muito provavel que o nosso systema nervoso se sinta mais ou menos excitado pelo banho de electricidade estatica em que nos mergulha a atmosfera, banho permanente, cujos fluxos e refluxos só se fazem sentir com as tempestades. Esse banho varia muito e os electro-metros indicam que, em um mesmo local, a

tensão electrica do ar muda frequentemente de intensidade e de direcção.

Os effeitos da electricidade estatica são muito conhecidos dos scientistas e produzem, durante as tempestades, manifestações de alta frequencia.

Em summa: os phenomenos electricos têm acção directriz em nossa, existencia, em nossa saude, em nosso proprio caracter.

E' fóra de duvida que o homem de sciencia que estudasse systematicamente esses phenomenos, seguindo o caminho, outr'ora aberto por Assouval, faria formosa colheita de uteis descobertas.

São muitos já, aliás, os sabios convencidos dessa verdade, principalmente René Quintoir, que propoz um plano de estudo a respeito. Não será difficil vermos um apaixonado de estatistica procurando encontrar a relação precisa que ligue ao potencial, electrico do ar, em determinado logar e a determinada hora, com o crime praticado.

Não será tambem impossivel vermos o scientista conduzir, ás casas, onde seja convidado para comer, um electro-metro, afim de estabelecer a lei, ainda desconhecida, mas certa, que determine a irascibilidade do amphitryão, em funcção de seu temperamento, a leveza de seu espirito, ou o peso de seu aphorismos, relativamente aos "ions" do ar respirado em torno á mesa.

No dia em que essa nova sciencia fique estabelecida, no dia em que se hajam bem definido os factores electricos de nossos estados de animo, o mundo terá conseguido um extraordinario progresso. O principal elemento, na vida será o "electrometrista" atmospherico. Quando as agulhas de ouro de seu electroscope se mantenham muito separadas, além de determinado angulo, mandará que cessem os debates parlamentares. Desde que a "ionnização" do ar não exceda o limite préviamente fixado, poder-se-á permittir que os diplomatas continuem, no ocio internacional. Terá então, chegado a idade de ouro para a humanidade.

Charles Nordmann.

A SYPHILIS

Pela importancia que tem para a população, não podemos deixar de reproduzir aqui, a communicacão levada á Academia de Medicina de Paris, na sessão de 17 de Abril ultimo, por Letulle.

Aqui, infelizmente, é grande o numero de casos como sendo de tuberculose pulmonar; o que dá logar a perda de preciosas existencias que se poderiam facilmente salvar com o tratamento anti-syphilitico feito em tempo.

O professor Letulle disse que "se a syphilis pulmonar é bem conhecida sob o ponto de vista anatomo-pathologico, depois dos trabalhos de Balzer, Darier, Tripier, Beriel (e podia mesmo ter começado por Witchow: 1858), pelo contrario sob o ponto de vista, clinico merece pouca importancia por parte da maioria dos medicos que chega a por-lhe em duvida a authenticidade!"

Tem razão o professor Letulle. O que elle disse lá, podia muito bem dizer-se aqui.

Um dos maiores males do medico, é o costume. Do costume são a idéa preconcebida, que dá, por sua vez, um julgamento falso: E' o diagnostico errado.

O medico acostumado a pensar, por exemplo, que a tosse, a massicez da percussão do pulmão, o escarro sanguineo, a hemoptyse, são phenomenos que se encontram, o mais das vezes, na tuberculose pulmonar, é incapaz de pensar, que esses mesmos phenomenos se possam encontrar em outras doenças do pulmão. E o rotulo de "tuberculoso" é applicado, muitas vezes, a um syphilitico, ao portador de uma blastomycose, etc. E com a depressão moral que um tal erro diagnostico produz, o paciente, que não era tuberculoso, acaba sendo-o!

E é preciso acrescentar que não são só os pequenos medicos que cahem nesse erro fatal. Temos visto mesmo alguns grandes espiritos. Aqui morreu, ha annos, um grande medico, que era, ao mesmo tempo, professor illustre, e um verdadeiro luminar da sciencia medica, ao qual o actor destas linhas deve muito do pouco que sabe. Esse homem eminente, preferiu um diagnostico terrivel, pre-

feriu o diagnostico de cancer maligno ao diagnostico da syphilis pulmonar! Não admittiu a existencia da syphilis até a hora da morte! E, entretanto, elle tinha syphilis. Tinha tido exame de sangue "fortemente positivo", em Berlim. Dous ou tres professores da Universidade daquela capital, que o haviam examinado por causa de uma neurastenia, tinham sido unanimes no diagnostico.

Mas esse diagnostico o indignára, e quando nos encontramos em Paris, o referia nestes termos amargosos:

— São uns brutos! Quando chegam a ser *Herren professor* julgam-se tudo. "Obrigaram-me" a fazer exame de sangue. E deu — fortemente positivo... Ha de ser engano!

Esse exemplo servirá para dar uma idéa do que se passa na vida pratica da Medicina, a respeito do diagnostico das doenças pulmonares. Entretanto, os antigos, sem microscopio, sem reacção de Wassermann, diagnosticavam admiravelmente a syphilis do pulmão. Basta, dizer que, sendo para elles a syphilis uma doença nova, pois fôra importada da America pelos companheiros de Colombo, em 1494, já no anno de 1500 se conheciam os seus estragos sobre o pulmão! Parece que elles eram mais observadores do que nós.

Pancritus, segundo Fournier, em sua monographia sobre a syphilis pulmonar, diz que é preciso dividir a historia dessas affecções syphiliticas em dous periodos: 1.º, de 1500 a 1800, isto é, de Paracelso a Laennec; 2.º, de Wirchow (1858) aos nossos dias.

Temos noticias de que os primeiros casos positivos de syphilis pulmonar, verificados pela autopsia, datam do seculo XVII e se devem a Severino e a Graffenberg; mas, antes disso, desde 1500, Paracelso, Peter Pincto (1500), fallavam de "Physica venerea", de "Physica syphilitica", de "tabes venerea", de "phtisis gallica", etc. Está claro que a syphilis pulmonar é tão antiga como a propria syphilis.

Wirchow foi o primeiro a estudar a

syphilis pulmonar da creança sob a luz hodierna, da anatomia pathologica, denominando-a "Pneumonia branca". Em 1869, se refere, embora com reserva, também a syphilis pulmonar do adulto no seu tratado sobre os tumores.

Como se pôde differenciar a syphilis da tuberculose?

Fournier quer fazer esta distincção entre syphilis e tuberculose pulmonares: 1.º — a tuberculose começa intoxicando o organismo, dando lugar, por exemplo, a anemia, ao passo que a syphilis não a dá. Isso pôde ser verdade nos paizes frios, aqui a anemia syphilitica é observada muitissimas vezes; 2.º — o augmento de volume dos ganglios, produzindo a compressão do pneumogastico, da logar a tosse coqueluchoide, a tachycardia, as perturbações gastricas, etc., na tuberculose, e affirma que na syphilis isso não se dá. Esta affirmacção era licita no tempo de Fournier. Hoje, com os raios X sabemos perfeitamente que os ganglios do hilo do pulmão tanto se hypertrophiam na tuberculose, quasi como na syphilis. Se differença ha, ousamos affirmar o mesmo contra o grande Mestre da Syphiligraphia, essas differenças não estão nem na anemia e nem nos ganglios. E' no estado geral que ellas se notam.

Um observador minucioso, (e não basta só ser minucioso, é preciso também que veja o doente muitas vezes!) raramente deixará de notar no tuberculoso um "caso" mais grave. Com as palavras difficilmente se pôde pintar essa differença. E' um conjuncto, porem, que falla por si a quem sabe olhar e sabe entender. O tuberculoso tem os olhos mais profundos e mais brilhantes, o cabello parece mais escuro e quasi sempre humido, o rosto apresenta um descoramento que contrasta com o pouco de vermelho que tem nas maçãs. A sua palavra é mais lenta, a mão é mais quente. As orelhas transparentes, voz fraca e cavernosa. Quando tosse leva, instinctivamente a mão a boca, muitas vezes engole o escarro e é um optimista: Diz sempre que está melhor!

O syphilitico tem o olhar mais ou menos normal, o cabello... pode até faltar! E' sabido que o cabello cáe mais na

syphilis do que na tuberculose. O rosto apresenta uma côr mais ou menos uniforme, sem o contraste do rubor das maçãs. Quando escarra faz mais barulho do que o tuberculoso: tem mais força. Falla mais alto. E é antes pessimista do que optimista. Diz que melhorou pouco, ou quasi nada. De quando em vez, vem-lhe verdadeiras crises de desanimo, julga estar peor. Tem sempre medo de ser tuberculoso!

Ha, ainda, os varios exames de laboratorio que hoje tornariam o engano quasi impossivel... se o medico se lembrasse de os mandar fazer. E' a possibilidade de se tratar de um caso de syphilis pulmonar e não de tuberculose, que não lhe entre na cabeça! E' isso, justamente, o que Letulle lamenta:

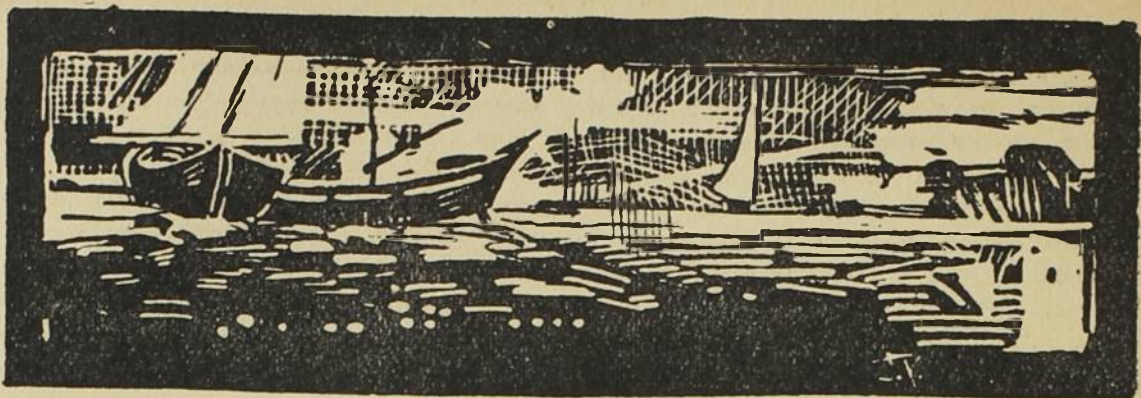
Esse professor apresentou á Academia a photographia colorida um caso analytico de syphilis pulmonar, de fôrma esclero-gommosa. Ha nellas lesões folliculares, gommosas, invadindo os lobulos pulmonares. Outras são mais extensas e invadem também os septos; outras o são ainda mais e attingem os bronchios, destruíram as fibras elasticas e determinaram uma verdadeira bronchopathia isolada. Os bronchios intralobulares e acinosos se acham obliterados; outros bronchios se acham dilatados e ulcerados, mas com lesão do pulmão, sob a fôrma de broncho-pneumonia. Adeante se vê uma caverna, como as da tuberculose!

Todo doente do peito, no qual não se encontrou ainda o bacillo de Koch (e não são poucos esses casos!) devia ser collocado sob o ponto de interrogacção de uma possivel syphilis pulmonar. Salvar-se-iam, dess'arte muitas vidas. E foi assim que, quando director do Hospital do Isolamento de Nictheroy, salvamos a vida de alguns infelizes, que nos eram mandados do Hospital de São Baptista como tuberculosos em "ultimo grão"! — Um delles é carroceiro da Prefeitura de Nictheroy, vive, trabalha ha dez annos e ainda nos visita, dando provas de sua gratidão, sempre que pôde.

Deve a vida a umas 60 injeccões de mercurio!

Dr. Nicolau Ciancio

("Jornal do Brasil", Rio).



CURIOSIDADES

UM ANIMAL ESTRANHO

— De certo você sonhou.

— Ora sonhei, compadre! Se te digo que vi! Verdade que não pude divulgar o que era, porque uma coisa me atrapalhou a vista. Eu estava sentado aqui, á porta de casa, quando “elle” passou correndo naquella ponta do barranco, se amoitou ali. Ali, compadre Tião — e o dedo estirado em direcção ao alto do barranco, indicava o que quer que era no meio dos graguatás.

Afinal, semi-convencido, o interlocutor de sô Quito arriou no chão o sacco de rapaduras que levava para a roça, disposto a fazer o que o compadre da cidade queria, isto é, trepar ao alto e acuar o bicho para a beira da estrada.

Isto se passava numa rua ao sahir da povoação. Do lado de baixo era o correr das ultimas casas rareadas. As duas mais proximas eram a de sô Quito, e a de um vizinho alfaiate, o sr. Ambrosio, um exquisitão que nunca sahia de casa, e morava com uma filha casadeira, que passava os dias á janella. Do lado opposto, cahindo a pique na estrada, havia um chanfrado de pouca altura, em cujo topo proliferava um entrançado de espinheiros, carrapichos e bromelias.

O do sacco de rapaduras, agarran-

do-se as raizes e cipós, difficilmente galgou-o. Chegando ácima, desembainhou a larga lamina do facão, para fazer caminho.

— P’ra que lado, compadre?

— P’ra mão direita.

— Ali, está vendo? Cerque mais pelo fundo, para “ella” cahir na estrada.

— Naquelle joazeiro?

— Um bocadinho para lá. Acompanhe o rumo deste páo.

E sô Quito fez pontaria com a manguera de que se armára, á espera dos acontecimentos.

Amparando a vista com as mãos, o compadre reparou attentamente, rompendo, afinal, numa exclamativa:

— Agora! Já estou vendo. Não é uma coisa a mó que côr de pinhão?

— Exactamente!

— Ora, ora, sim, senhor! E ficou encorujadinho que nem mexe. Tem os zoinho do porte de dois bago de chumbo.

— Será preá?

— A mó que não... Preá é mais cinzento.

— E largato?

— Tambem não. E’ bicho de pello. Tá c’os zoinho lumiando!

— Mas, o que será, compadre?

— Não sei! Como este eu nunca vi.

Pararam de falar e Tião continuou a abrir caminho com a faca. Não era facil. Precisava defender dos rasgões dos espinhos a preciosa pelle e a preciosissima roupa domingueira.

Que era domingo, não o indicava apenas o traje do roceiro; dizia-o ainda o transito inusitado da afastada rua. Dos transeuntes alguns se detinham com curiosidade de saber o que faziam aquelles dois homens: um trepado no barranco, outro esperando, de cacete alçado, do lado de baixo. Perguntavam o que succedia, e só Quito expunha o caso com todos os pormenores. Alguns ficavam ali, formando grupo, a ver no que dava a batida. Trocavam-se conjecturas, todas rejeitadas, e com isso a cada momento o interesse subia de ponto.

Como a curiosidade é contagiosa, aconteceu, então, um caso notavel: deixou de fazer-se ouvir, no fundo escuro da sala da alfaiataria, o ruc ruc da tesoura do sr. Ambrosio. Pela primeira vez, algo do que se passava no mundo exterior, conseguia prender-lhe a attenção. Era elle um excentrico, talvez um misantropo, cujo rosto nunca havia sido contemplado á luz do sol. De sua vida sabiam-lhe apenas a profissão, e que tinha uma filha janelleira. De memoria de homem, nunca sr. Ambrosio se arredára de ao pé da mesa do córte ou da machina de costura, a não ser para satisfazer as necessidades mais essenciaes da vida. Elle a trabalhar e a filha a janellar, pondo-o espaço a espaço ao corrente do que succedia fóra — assim passavam os dias. O olhar vigilante da moça a devassar a rua, era como um periscopio que lhe levava ao lobrego refugio alguns reflexos da vida exterior, que elle parecia haver repudiado. Pela originalidade de seu viver, sr. Ambrosio grangeara certa fama de homem mysterioso. Não faltava quem asseverasse que elle sabia evocar os mortos, tornando-os, a seu talante, visiveis e conversaveis.

Nos momentos em que a tesoura parava de cortar, o periscopio trabalhava activamente, pondo o sr. Ambrosio a par do que se passava fóra.

Na rua ia crescendo o magote de povo, que vozeava commentarios diversos, alvitando todas as hypotheses possiveis, enquanto o compadre continuava a abrir matto, cautelosamente. “Que será? Que não será?” era o mote das conversas.

— Atrapaçou a vista? Opinou um preto papudo. Então é cobra. Repara, Tião, e, se fôr, amarra ella com nó na flarda da camisa.

— Esperem que já digo.

E Tião interrompeu a labuta para affirmar a vista no animal.

— Tem rabo comprido, tem...

— E' cobra! pois eu não dizia?

— Mais a mó que estou vendo duas mãozinha.

— Antão não é.

— E perninha não vejo.

— Diabo!

Este pormenor, que os deixou sumamente intrigados foi logo confirmado por varios dos observadores da estrada.

— Bole co' ella, Tião! propoz uma voz.

O compadre colheu uma fructa de graguatá e atirou-lh'a.

— Não ouviram? Fez “cui! cui!” disse o Sabino da Rita, que estava perto do barranco.

Muitos ouviram o cui-cui.

Outros acharam que era antes uma especie de ronco.

Compadre Tião resolveu-se a continuar destroçando os espinheiros, para abrir passagem.

Nesse momento uma voz mysteriosa, que mais parecia um regougo, chamou a si a attenção dos circumstantes.

Grande novidade! Era o vizinho alfaiate, que pela primeira vez mostrava a cara á luz do dia. Inteirado miudamente pela filha, do que se passava na rua, não pudera resistir e sahira para juntar-se aos demais curiosos.

O acontecimento causou sensação. Algo de maravilhoso ia succeder, por haver-se dado caso de tanta monta.

Sr. Ambrosio, entre a attenção geral engrolou suas conjecturas com uma voz cava de propheta que está a desvendar arcanos.

Continuaram a trocar-se as supposições mais desencontradas sobre a natureza do exquisito animal. Enquanto compadre Tião venciam mais umas touças de espinhos, só Quito poz-se a balancear os indícios com que cada qual concorria para a identificação daquelle:

— Animal de pello — olhinhos miudos — côr de pinhão — faz “cui-cui” e ronca — rabo comprido — duas mãos — nenhuma perna — focinho de buldogue...

Força é confessar que o resultado do balanço era para o deixar perplexo. Só Quito mordeu a junta do dedo, assumptando:

— Diacho! Que será?

No alto, compadre Tião amassava, ás pranchadas, as folhas enristadas das ultimas bromelias.

— Mais depressa, Tião! estimulavam os espectadores.

— E' um instantinho mais.

Afinal, estava ao alcance de seu braço a coisa, cuja passividade enchia a todos de pasmo.

— Guenta povo! que é a hora do bote, avisou elle.

E' indescriptivel o interesse que todos sentiam, nesse momento decisivo. As boccas emmudeceram, dez mangueiras se armaram, promptas para a offensiva.

E todos olhavam Tião, acompanhando, hypnotizados, seus menores movi-

mentos. Eil-o o que se curva, murmurando: “São Bento que me valha!” O facão desce, e a medo tateia o bicho: “Uai! uai!” Tião arregala os olhos, e tateia de novo: “Uai! uai!” Toca-o de leve, toca-o mais forte, e por fim larga da lamina, com dois dedos péga “no estranho”, e exhibe aos olhos de todos — uma sola de sapato velho.

Quando Tião desceu do barranco, inda os espectadores seguravam a barriga para não rebentar de riso. Entre elles não figurava o sr. Ambrosio, que já havia reentrado no seu antro, com um modo de quem definitivamente se alienou do interesse da vida. Podiam ter certeza de que era aquella a primeira e ultima vez que elle mostrava a facha á luz do dia.

Mas ali nem todos riam. Só Quito estava sério. O compadre tambem. Certo momento parece que o Tião deu em querer achar graça e remoqueou o primeiro:

— Antão, compadre Quito, a sola foi correndo pelo barranco e lhe atrapou a vista.

— Mas não fui eu que vi os zoinho do porte de dois bago de chumbo, compadre, revidou só Quito.

O Tião ficou sem graça. Jogou o sacco de rapaduras p'ras costas e tocou para a roça, sem dizer “turdia” a ninguém.

Godofredo Rangel.

COMO SE OBTEM A CONFISSÃO DOS CRIMINOSOS

Um medico dos Estados Unidos, o dr. House de Feris, quiz cooperar no arduo trabalho de arrancar a verdade a um réo que a não quer declarar.

Como se sabe, os antigos processos estão em crise, hoje não seria possível amarrar um homem a uma roda e tortural-o até fazel-o dizer a verdade, o que se deseja e que não é muitas vezes a verdade.

Com effeito, o dr. House designou, em apoio do seu novo processo numerosos casos da antiguidade, em que as confissões pelo terror não correspondiam á exactidão dos factos. As victimas de tão dolorosos

processos declaravam o que se lhes pedia pelo terror da morte. Citou tambem o caso de almas heroicas que amarradas ao poste do tormento nada confessavam e morriam afogados no soffrimento, mas com os labios cerrados até o ultimo instante da agonia.

Hoje repugnaria á moderna consciencia o uso de taes processos, já abolidos pelas leis penaes. Apesar de tudo, não é raro escutar, de quando em quando, que se empregam esses barbaros processos, que melhor parecem o producto de uma imaginação infernal.

Mas, o dr. House encontrou, segundo elle diz, um processo que pôde substituir com vantagem aquellas fórmas inconcebíveis para um homem civilizado. Com vantagem — diz o dr. House — porque desaparece a dôr e porque as probabilidades de obter uma confissão são mais seguras.

O caso parece simples e elementar, apresentado por essa fórma. Mas os psychologos "yankees", os medicos, os neurologos, não encontram muito simples a questão.

E' certo, dizem, que mediante certas drogas é possível obter que uma pessoa fale dormindo, sonhe, mas isso não quer dizer que se diga a verdade. Não se vê, pois, a vantagem do novo processo.

Além disso, os medicos são de opinião que essas drogas nem sem-

pre são recommendaveis, devido aos resultados perniciosos que provocam no organismo. Por sua vez, os advogados, protestaram contra a legalidade de taes processos, e os sentimentalistas declaram que os homens não são coelhos, para os sujeitar a experiencias de drogas que podem até ser venenosas. Não ha necessidade de fazer taes experiencia em homens, para constatar tão tristes resultados...

Em synthese, a iniciativa do dr. House obedece a um nobre anhel, mas a sua applicação pratica nem sempre é recommendavel, por estar sujeita aos mais grosseiros erros. Assim o demonstram os medicos especialistas e os advogados, e, assim, o devemos crêr, nos outros, os que formamos o vulgo profano...

RETIRA-SE da redacção da Revista do Brasil o snr. Julio Cezar da Silva, que durante longo tempo desempenhou o cargo de secretario. A Revista agradece o trabalho intelligente prestado pelo distincto homem de letras e deseja-lhe os melhores successos na actividade a que se vae dedicar.

Para o logar vago pela retirada desse nosso amigo vem o poeta paulista Sergio Milliet, a quem toda a correspondencia deve ser dirigida.

ROQUE CALLAGE

Aos interessados scientificamos que o agente geral da "Revista do Brasil" no Rio Grande do Sul é o sr. Roque Callage, de Porto Alegre.

AS CARICATURAS DO MEZ



Quando uma virgem morre uma féra apparece...

"D. Quixote" - Rio

Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudos de Contabilidade, obra em quatro volumes, em brochura. 40\$000

Tratado Elementar de Contabilidade. Obra adoptada nas principaes escolas de commercio do paiz. Util aos que desejam adquirir conhecimentos profundos em contabilidade. Em brochura. . . 10\$000

Explicações Praticas de Escripção Mercantil. Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura 6\$000

Arithmetica Commercial e Financeira. Obra indispensavel para se adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura. . . 10\$000

Noções de Calculos Commercias e Financeiros. E' indispensavel aos que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura. . . 6\$000

Problemas de Escripção. Obra necessaria aos contadores e guarda-livros, pois trata de todo e qualquer caso de abertura de escriptas e balanços. Em brochura. . . 20\$000

Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida. Como indica o titulo do livro, ser-

ve para a contabilidade dos seguros de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em dez volumes, tendo sido já publicados os seguintes:

Contabilidade Mercantil, em brochura 10\$000

Contabilidade Bancaria, em brochura 10\$000

Contabilidade Industrial, em brochura 10\$000

No prélo: *Contabilidade das Empresas; Contabilidade Publica; Contabilidade Domestica; Contabilidade Theorica; Contabilidade Agricola e Pastoril; Mathematica Commercial; Mathematica Financeira*.

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura 10\$000

DO Dr. FRANCISCO EUGENIO DE TOLEDO

Manual de Direito Civil, Das pessoas, em brochura . . . 4\$000

Analyse da Constituição Federal, cart. 1\$500

Attentado ao Pudor, em brochura 10\$000

O Livrinho do Coração, em brochura 2\$000

Unicos depositarios:

Monteiro Lobato & Cia.

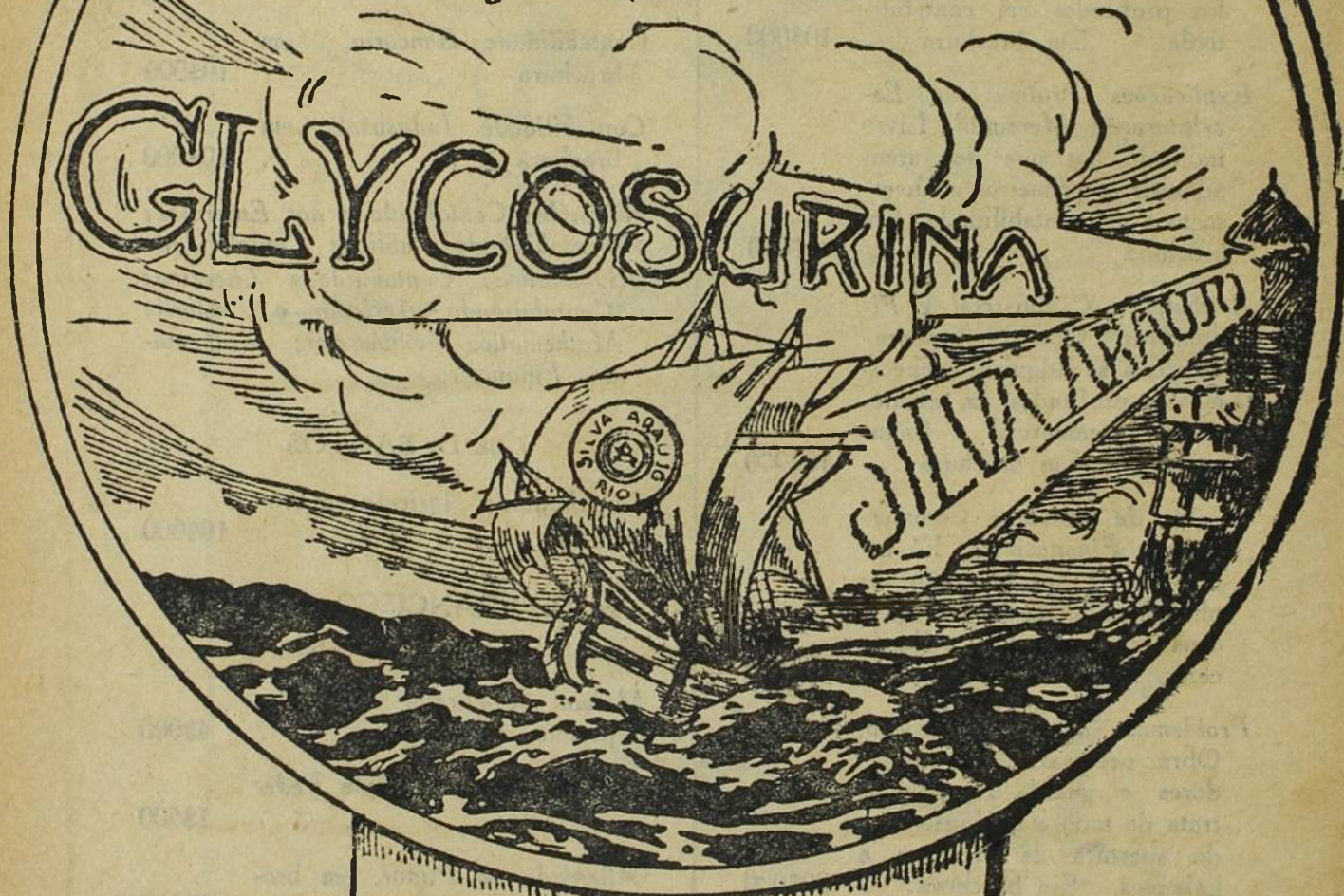
RUA VICTORIA, 47-A

S. PAULO

DIABÉTICOS

é preciso combater a perda
de açúcar, tonificar o or-
ganismo, regularizar as funções dos órgãos internos
essenciaes a vida e restabelecer o appetite e a função
digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de
plantas indigenas brasileiras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres
de chá por dia em agua



Nutrition

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

OTHONIEL MOTTA

Cathedratico do Gymnasio de Campinas.

Lições de Portuguez

Livro que Candido de Figueiredo, Altino Arantes, Afranio Peixoto, Renato Jardim e outros receberam com applausos entusiastas. Obra nova em nosso meio, procura dar a linguagem por meio concreto, dos diagrammas, e assimilação do estylo dos grandes mestres do nosso idioma.

Para cursos commerciaes, normaes e gymnasiaes. 8\$000

Pedidos aos Editores

MONTEIRO LOBATO & CIA.
RUA VICTORIA N. 47 - A

Desconto de 30 o/o aos revendedores e aos collegios e professores

EDUARDO CARLOS PEREIRA

As grammaticas até hoje mais diffundidas e usadas no Brasil são as deste autor.

GRAMMATICA EXPOSITIVA. — CURSO ELEMENTAR.

Para os cursos complementares e 1.º anno dos Gymnasios. 23.ª edição com um appendice sobre composição 3\$500

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 14.ª edição com um appendice sobre estyllistica . . . 8\$000

GRAMMATICA HISTORICA. Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 3.ª Edição . . . 10\$000

A critica nacional consagrou estas obras e o largo uso que dellas se faz, confirmou o que dissemos.

PEDIDOS AOS EDITORES :

MONTEIRO LOBATO & CIA.

RUA VICTORIA N. 47 - A —————

**Desconto de 30 o/o aos revendedores
e aos collegios e professores.**

“ P E G A S O ”

REVISTA MENSUAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO

URUGUAY

Monteiro Lobato & Cia.

têm no prelo, prestes a sahir, utilissimos livros escolares e juridicos, dentre os quaes destacamos os seguintes, que se recommendam pelo só nome dos seus autores :

Olavo Freire . . .	Chorographia do Brasil.
Alvaro J. Rodrigues .	Geometria Descritiva.
” ” ” .	O Ensino Profissional.
Synesio de Faria. .	Lições de Algebra: Decomposição em Factores.
” ” ” .	Calculo Differential.
” ” ” .	Calculo Integral.
Dr. Moncorvo Filho .	Hygiene Infantil.
Othoniel Motta . .	Anthologia Portugueza.
Dr. Reynaldo Porchat.	Direito Romano.
” ” ” .	Da Retroactividade das Leis Civis.
” ” ” .	Pessoa Physica e Direito Romano.

Desde já acceitam-se pedidos.

Rua Victoria N. 47

CAIXA, 2-B

S. PAULO